



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Sónia Peça Duarte

A TRADUÇÃO COMO TERTÚLIA

CRIAÇÃO DE UM GUIA DE BOAS PRÁTICAS PARA O
PROJETO DE TRADUÇÃO COLABORATIVA DA MARIONET

Relatório de Estágio no âmbito do Mestrado em Tradução – Português e duas Línguas Estrangeiras (Alemão/Inglês), orientado pela Professora Doutora Cornelia Plag e coorientado pela Mestre Susana Bernardo, apresentado ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Setembro de 2023

FACULDADE DE LETRAS

A TRADUÇÃO COMO TERTÚLIA CRIAÇÃO DE UM GUIA DE BOAS PRÁTICAS PARA O PROJETO DE TRADUÇÃO COLABORATIVA DA MARIONET

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	A Tradução como Tertúlia
Subtítulo	Criação de um Guia de Boas Práticas para o <i>Projeto de Tradução Colaborativa</i> da Marionet
Autor/a	Sónia Peça Duarte
Orientador/a(s)	Cornelia Elisabeth Plag Filomena Susana Cordeiro Gomes da Silva Bernardo
Júri	Presidente: Doutor Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho Vogais: 1. Doutora Maria Marta Dias Teixeira da Costa Anacleto 2. Mestre Filomena Susana Cordeiro Gomes da Silva Bernardo
Identificação do Curso	Mestrado em Tradução
Área científica	Tradução
Especialidade/Ramo	Português e duas Línguas Estrangeiras (Alemão/Inglês)
Data da defesa	19-10-2023
Classificação do Relatório	19 valores
Classificação do Estágio e Relatório	19 valores

Dedicatória

Ao meu avô, António Lopes Duarte.

Agradecimentos

Neste espaço, gostaria de agradecer às ‘personagens principais’ e excepcionais que tornaram este trabalho possível graças ao seu apoio, receptividade, disponibilidade, interesse, orientação, paciência, celeridade de resposta, compassividade, encorajamento, *feedback* construtivo, conhecimentos e experiência:

Às Doutoradas Cornelia Plag e Susana Bernardo, pela prontidão com que aceitaram o desafio de me orientar, pelas excepcionais humanistas, intelectuais, professoras e equipa que são, pelas reuniões e pelos seus importantes e sábios contributos;

Ao Doutor Jorge Pinho, pela frutífera conversa inicial da qual resultou a recomendação da Marionet como local de estágio;

Ao Doutor Mário Montenegro, que, para além de também ser um professor inesquecível, se destaca como ator, dramaturgo, investigador e o visionário fundador e diretor artístico da Marionet, pela oportunidade que me deu de estagiar na sua companhia, onde tive o privilégio de conhecer a restante e igualmente talentosa equipa:

- À produtora executiva e fotógrafa Francisca Moreira, a minha supervisora, por me ter acompanhado desde o primeiro dia até ao último e pela sua dedicação e competência inspiradora – “imagens” que guardarei para sempre na minha memória;
- Ao produtor Vicente Paredes, por toda a ajuda, pelo seu envolvimento ativo tanto no processo da entrevista como na distribuição do inquérito, *feedback* contínuo, profissionalismo e trabalho multifuncional inspirador;
- À produtora e atriz Carolina Andrade, que brilha dentro e fora do palco, pelo seu empenho, criatividade e energia contagiante, pela partilha dos seus conhecimentos artísticos, pela empatia e pelas falas;

A todos os voluntários do *Projeto de Tradução Colaborativa* da Marionet que participaram no inquérito, e às minhas orientadoras e à equipa da Marionet pela pré-testagem do inquérito e revisão do Guia de Boas Práticas, contribuindo para o seu aperfeiçoamento;

À minha família e amigos, por estarem sempre na primeira fila, a aplaudir e a torcer por mim. Em especial, aos meus pais, Paula Peça e Paulo Duarte, por me terem conduzido às artes e às línguas, proporcionando o palco para este percurso académico.

RESUMO

A Tradução como Tertúlia: criação de um Guia de Boas Práticas para o *Projeto de Tradução Colaborativa da Marionet*

Vivemos numa época em que a procura do belo que faz a diferença, o belo que se cultiva depois de ser sentido, passa, também, pelas línguas. Assim, o estágio curricular previsto no segundo ano do Mestrado em Tradução foi realizado em colaboração com a Marionet, uma companhia teatral que se foca na procura do belo no cruzamento das artes performativas com a ciência.

O presente Relatório de Estágio visa, deste modo, apresentar a entidade de acolhimento, as atividades aí desenvolvidas e os desafios encontrados, com foco nas iniciativas *Projeto de Tradução Colaborativa* e *Ler Teatro com Ciência*. No âmbito destas iniciativas, participei como espectadora, tradutora, revisora, ouvinte e leitora, sentindo e analisando a colaboração, a tradução, o teatro, a ciência e a tertúlia. Foi este envolvimento que deu origem ao tema deste Relatório: a criação de um Guia de Boas Práticas que procura favorecer a consistência, a coesão e a fluência dos textos produzidos pelos voluntários do *Projeto de Tradução Colaborativa*.

O enquadramento teórico sustenta este estudo, que engloba o cruzamento entre teatro e ciência, a tradução destes conteúdos, o processo de tradução colaborativa e as vantagens de implementar boas práticas, tanto nas iniciativas como na atividade dos tradutores voluntários.

Para elaborar este guia de forma ajustada às necessidades específicas dos participantes, procedeu-se a uma entrevista ao revisor do projeto e a um inquérito aos tradutores voluntários. Com base na análise dos dados apurados e na reflexão teórica desenvolvida, apresenta-se uma proposta de Guia de Boas Práticas para as tertúlias da Marionet.

Palavras-chave: Marionet; Projeto de Tradução Colaborativa; Ler Teatro com Ciência; Tradução; Guia de Boas Práticas

ABSTRACT

Translation as Gathering: creating a Best Practice Guide for Marionet's Collaborative Translation Project

We live in a time in which the quest for the beauty that makes a difference, the beauty that is cultivated after being felt, also encompasses languages. Therefore, the curricular internship during the second year of the Master's in Translation was carried out in collaboration with Marionet, a theatre company that focuses on finding beauty at the intersection of performing arts and science.

This Internship Report aims to present the host entity, the tasks completed and the challenges encountered, focusing on the *Collaborative Translation Project* and *Reading Theatre with Science* initiatives. Within the scope of these initiatives, I participated as a spectator, translator, proofreader, listener, and reader, feeling and analysing collaboration, translation, theatre, science, and the gathering. This involvement led to this report's subject: the creation of a Best Practice Guide that aims to improve consistency, coherence, and fluency of the texts produced by the volunteers involved in the *Collaborative Translation Project*.

This study is underpinned by the theoretical framework, which addresses the intersection between theatre and science, the translation of these contents, the collaborative translation process, and the benefits of implementing best practices, both in the initiatives and in the work of the volunteer translators.

To create this guide that meets the participants' specific needs, the project reviewer was interviewed, and the volunteer translators were surveyed. Based on the analysis of the collected data and the theoretical reflection carried out, a Best Practice Guide for Marionet's gatherings is presented.

Keywords: Marionet; Collaborative Translation Project; Reading Theatre with Science; Translation; Best Practice Guide

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
1. ESTÁGIO	3
1.1 Entidade de acolhimento.....	3
1.1.1 Filosofia da Marionet.....	4
1.2 Plano de trabalho.....	6
1.3 Horário cumprido.....	6
1.4 Recursos disponibilizados e utilizados.....	7
1.5 Descrição de tarefas e desafios.....	8
1.5.1 Tradução e revisão do novo <i>site</i>	8
1.5.2 Tradução audiovisual.....	9
1.5.2.1 Vídeo: <i>Doença Bipolar: Um Outro Lado</i>	10
1.5.2.2 Vídeo: <i>Ler Teatro com Ciência & Projeto de Tradução Colaborativa da Marionet</i>	10
1.5.3 Tradução da página da Marionet na Wikipédia.....	12
1.5.4 Tradução e revisão da obra <i>A Disappearing Number</i> , de Simon McBurney.....	12
1.5.4.1 Problemas linguísticos e numéricos.....	13
1.5.4.2 Problemas relativos à pesquisa, verificação e eventual utilização de sistemas de tradução automática.....	15
2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	16
2.1 Teatro e Ciência.....	16
2.1.1 O cruzamento entre teatro e ciência.....	16
2.1.2 O palco como sala de aula de ciência.....	19
2.2 Tradução de teatro e ciência.....	20
2.2.1 Tradução científica.....	20
2.2.2 Tradução teatral.....	21
2.2.2.1 <i>Page vs. Stage Translation</i>	22
2.2.2.2 Análise das componentes do espetáculo.....	26
2.2.3 Processo cooperativo entre profissionais.....	28
2.3 Tradução Colaborativa.....	31
2.3.1 Da história à terminologia.....	31

2.3.2 Tradução voluntária	36
2.3.2.1 Motivação dos voluntários	36
2.3.2.2 Reflexões éticas	37
a) Trabalho não remunerado.....	37
b) Papel dos profissionais	38
c) Qualidade do trabalho.....	39
d) O caso da Marionet	40
2.3.3 Utilização de boas práticas.....	41
2.3.3.1 Boas práticas para o sucesso da iniciativa.....	41
2.3.3.2 Boas Práticas para os tradutores voluntários	42
3. RECOLHA E ANÁLISE DE DADOS	45
3.1 Entrevista ao revisor do <i>Projeto de Tradução Colaborativa</i>	45
3.1.1 O guião da entrevista	45
3.1.2 Breve apresentação do entrevistado	46
3.1.3 O trabalho multifuncional, desafios e sugestões do entrevistado	46
3.2 Inquérito aos tradutores voluntários do <i>Projeto de Tradução Colaborativa</i>	48
3.2.1 Questões e respostas do inquérito	48
3.2.1.1 Secção I	49
3.2.1.2 Secção II.....	53
3.2.1.3 Secção III.....	56
3.3 Análise comparativa dos resultados da entrevista e do inquérito.....	66
4. PROPOSTA DE GUIA DE BOAS PRÁTICAS.....	67
4.1 Síntese do processo de elaboração do Guia de Boas Práticas	67
4.2 Justificação dos segmentos do Guia de Boas Práticas	67
4.2.1 Introdução	67
4.2.2 Acordo Ortográfico e formato do texto	68
4.2.3 Números	68
4.2.4 Estratégias	69
4.2.5 Revisão.....	72
4.2.6 Glossário	73
CONCLUSÃO	74
BIBLIOGRAFIA/FONTES CONSULTADAS.....	77

ANEXOS	83
Anexo I: Consentimento informado	84
Anexo II: Transcrição da entrevista	85
Anexo III: Resumo das respostas ao inquérito	92
Anexo IV: Proposta de Guia de Boas Práticas	102

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Tradução Colaborativa.....	34
Gráfico 2 – Identidade de gênero	49
Gráfico 3 – Idade dos voluntários	49
Gráfico 4 – Nacionalidade.....	50
Gráfico 5 – Nível de escolaridade	50
Gráfico 6 – Formação em línguas e/ou tradução.....	51
Gráfico 7 – Conhecimentos linguísticos	51
Gráfico 8 – Nível de domínio linguístico.....	51
Gráfico 9 – Frequência de participação no <i>Projeto de Tradução Colaborativa</i>	53
Gráfico 10 – Participação no <i>Ler Teatro com Ciência</i>	53
Gráfico 11 – Motivação dos voluntários	54
Gráfico 12 – Comparação da tradução com o texto final.....	55
Gráfico 13 – Fases e frequência de pesquisa.....	56
Gráfico 14 – Etapas ao longo do processo de tradução.....	57
Gráfico 15 – Duração da tradução de uma página	57
Gráfico 16 – Tempo dedicado à pesquisa	58
Gráfico 17 – Recursos de tradução utilizados	59
Gráfico 18 – Recursos <i>online</i> utilizados	60
Gráfico 19 – Frequência do uso das funcionalidades do motor de busca	60
Gráfico 20 – Atenção aos aspetos-chave.....	61
Gráfico 21 – Verificação em <i>sites</i> fiáveis	62
Gráfico 22 – Conhecimento de notas de tradutor.....	62
Gráfico 23 – Utilização do corretor ortográfico	63
Gráfico 24 – Conhecimento e utilização do grupo privado do <i>Projeto de Tradução Colaborativa</i>	63
Gráfico 25 – Problemas e/ou dificuldades	64

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Resumo das principais semelhanças e diferenças entre tradução dramática, tradução para palco e tradução audiovisual	25
Tabela 2 – Diferenças no processo de tradução entre o modelo TEP e o modelo de <i>crowdsourcing</i> (Kelly & Ray & DePalma, 2011, p. 83).....	35

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, realizado no âmbito do Mestrado em Tradução, tem como principal objetivo descrever as atividades desenvolvidas e a experiência adquirida durante o estágio curricular realizado na Companhia de Teatro Marionet, iniciado em outubro e terminado em março de 2023, a fim de produzir um Guia de Boas Práticas de fácil utilização para os tradutores voluntários do *Projeto de Tradução Colaborativa* da Marionet.

Com este Relatório de Estágio, pretende contribuir-se para o trabalho da Marionet, companhia esta que se disponibilizou para acolher um estágio da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra no âmbito do Mestrado em Tradução e que aceitou, com entusiasmo, que se desenvolvesse um Guia de Boas Práticas de tradução de teatro e ciência para melhores leituras e traduções colaborativas futuras. Da mesma forma, pretende contribuir-se para colmatar a lacuna de conhecimento e formação neste campo de Tradução (Colaborativa) de Teatro e Ciência.

O presente Relatório está, assim, dividido em quatro capítulos fundamentais precedidos de uma breve introdução e apresentando um balanço final.

No Capítulo I, descreve-se a entidade de acolhimento, as diversas tarefas realizadas, assim como os problemas ou dificuldades enfrentadas ao longo do estágio, incluindo, ainda, uma explicação aprofundada do *Projeto de Tradução Colaborativa* e do *Ler Teatro com Ciência* que inspiraram o tema deste Relatório de Estágio.

No Capítulo II, aprofunda-se o enquadramento teórico, em que se verifica uma escassez de estudos e publicações aprofundadas relativamente ao domínio da Tradução de Teatro e Ciência. Neste contexto, procede-se, em primeiro lugar, à análise do cruzamento entre teatro e ciência, em que a Marionet se encontra na vanguarda desta linha de pesquisa ainda pouco explorada em Portugal. Posteriormente, aborda-se a tradução científica e a tradução de teatro separadamente, na procura das melhores estratégias, a tradução colaborativa e as suas implicações, chamando a atenção para a necessidade de boas práticas.

No Capítulo III, analisa-se em pormenor a metodologia utilizada, apresentando-se os resultados qualitativos e quantitativos de uma entrevista realizada ao revisor, Vicente Paredes, e de um inquérito aos tradutores voluntários que remete para as suas experiências, onde se

questionam os aspetos que podem ser úteis no Guia de Boas Práticas, que constam em anexo na versão integral.

No Capítulo IV, faz-se a apresentação detalhada do Guia de Boas Práticas, partindo-se do raciocínio subjacente à sua elaboração e esclarecendo os segmentos que o compõem.

Por último, apresenta-se uma conclusão do trabalho realizado e algumas reflexões sobre a importância do percurso académico e a sua aplicabilidade no futuro, no que diz respeito ao Guia de Boas Práticas.

1. ESTÁGIO

Neste capítulo I, pretende apresentar-se o estágio curricular realizado. Por este motivo, importa apresentar a entidade de acolhimento, bem como as razões subjacentes a esta escolha, o contacto inicial, o horário cumprido, os recursos utilizados e, por fim, as tarefas realizadas e os desafios superados.

1.1 Entidade de acolhimento

Logo no início do Mestrado em Tradução, considerei a possibilidade de realizar um estágio curricular. A escolha do estágio na companhia de teatro Marionet não foi difícil após descobrir que o diretor da mesma era Mário Montenegro. Além de diretor, Mário Montenegro também é ator, dramaturgo, encenador, investigador dos cruzamentos entre teatro e ciência e professor de Estudos Teatrais na Universidade de Coimbra.

Após o acolhimento, tive a oportunidade de ter como supervisora a produtora executiva e fotógrafa Francisca Moreira, formada em *Marketing* e Comunicação, que se mostrou sempre disposta a ajudar, assim como todos os outros membros da equipa que tive o privilégio de conhecer: Vicente Paredes, produtor licenciado em Estudos Artísticos, e Carolina Andrade, atriz e produtora licenciada em Teatro e Educação.

Além disso, a escolha tornou-se bastante óbvia, uma vez que a companhia tem várias atividades ligadas à área da Tradução. Embora a maioria delas seja com o par de línguas português-inglês, houve a oportunidade de trabalhar também com a língua alemã. De facto, sempre foi um objetivo conseguir cruzar a Licenciatura em Estudos Artísticos com o Mestrado em Tradução. Esse objetivo foi alcançado e, durante o estágio, houve a oportunidade de combinar as três áreas artísticas – teatro, música e cinema – com as três línguas – português, inglês e alemão – como se irá explicar mais adiante.

Esta situação só foi possível graças à companhia de teatro Marionet, já acostumada ao trabalho continuado de cruzamento de duas áreas distintas, que me acolheu com satisfação, flexibilidade e disponibilidade em todos os momentos. No caso da companhia, surgida há 22 anos em Coimbra, o cruzamento faz-se entre o teatro e a ciência. Aqui, desenvolvem-se criações artísticas originais a partir de temas ligados à ciência, investiga-se este cruzamento, promove-se o trabalho artístico colaborativo com cientistas, organizam-se colóquios e leituras, realizam-se filmes, editam-se livros, partilha-se um centro de documentação, participa-se em projetos de formação avançada em centros de investigação científica (MARE – Centro de Ciências do Mar e

do Ambiente, Centro de Neurociências e Biologia Celular, Rómulo – Centro de Ciência Viva, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra) e ainda há envolvimento em projetos de ciência participativa¹ (Marionet, 2023).

Uma tentativa de resumir num parágrafo a extensa atividade da companhia seria difícil e insuficiente. Já em 2001, com *A Revolução dos Corpos Celestes*, o segundo espetáculo da companhia sobre a nossa posição no universo, começou este cruzamento disciplinar e vencedor, que deu então origem a vários projetos igualmente relevantes com temas variados, desde a ecologia dos rios, biodiversidade e sustentabilidade, a doenças neuropsiquiátricas até às traduções de teatro.

1.1.1 Filosofia da Marionet

Tudo começou “when two actors adapted short texts from the Russian avant-garde writer Danil Kharms for a play they entitled *Três Horas Esquerdas*” (Montenegro, 2022, p. 135). No entanto, e como mencionado anteriormente, foi o segundo espetáculo que abriu a ligação com a ciência – *A Revolução dos Corpos Celestes*. Com base na experiência do físico Carlos Fiolhais, a Marionet garantiu uma abordagem rigorosa do tema, criando, assim, a sua primeira colaboração com a Universidade de Coimbra (UC).

Sendo uma companhia que se dedica ao cruzamento entre as artes performativas e a ciência, esta colaboração constituiu um marco importante para a Marionet. Desde essa altura, a Marionet tem estado ativamente envolvida em parecerias com o Centro de Neurociências e Biologia Celular da Universidade de Coimbra (CNC-UC). A atividade da Marionet estende-se para além do palco, uma vez que esta companhia tem participado em iniciativas de promoção da investigação, de formação avançada em biologia experimental e biomedicina, e em diversos projetos criativos. Ao colaborar estreitamente com investigadores, a Marionet enriquece as suas peças com os conhecimentos e experiências daqueles que estão na frente da investigação científica.

“Working collaboratively with researchers is one of our unique initiatives. So far, we have devised eight plays, written and performed by the researchers them-selves.” (Montenegro, 2022, p. 136). Esta colaboração permite à Marionet apresentar a ciência através das palavras e experiências dos próprios investigadores e acrescenta uma nova perspetiva à representação da ciência em palco – a representação do funcionamento interno da empresa científica.

As produções da companhia são realizadas e apresentadas em vários locais, que vão para além dos espaços tradicionais, como museus de ciência, centros de investigação e instalações

¹ Refere-se “à investigação que envolve cientistas e amadores” (Millerand & Heaton, 2014, p. 134).

científicas², o que atrai diferentes públicos. Aliás, este ano (2023), iniciou um novo projeto chamado *Marionet Digital*, com uma edição já concluída³ e mais duas previstas, com o objetivo de abrir um novo espaço para objetos artísticos digitais em formatos criativos para o ecrã de todos (Marionet, 2023).

Adicionalmente às peças originais, a Marionet também apresenta peças de outros autores, tais como *The Intelligent Design of Jenny Chow*, de Rolin Jones, *Calculus*, de Carl Djerassi, *Lab La Bla*, de Miroslav Holub, e *Ego*, de Carl Djerassi, mas a maioria são as peças de raiz que exploram vários temas científicos, tais como astronomia, alterações climáticas, eletrónica, emoções, neurociência e luz (Montenegro, 2022, p. 136).

Para além disso, a Marionet mantém desde 2012 o Centro de Documentação em Artes Performativas e Ciência, que serve de repositório de peças de teatro e ensaios que exploram a intersecção destas duas áreas e tem o Laboratório do Desconhecimento, em que “a ideia é tentar encontrar respostas na área artística, para problemas científicos”, como explica a produtora Francisca Moreira (Jornal A Cabra, 2022). No âmbito da estreita colaboração, a Marionet destaca-se também pela participação na Noite Europeia dos Investigadores desde 2009, que originou uma série de peças relacionadas com o tema anual. Como resultado do seu trabalho, a Marionet torna a ciência mais acessível ao público em geral e expande a literacia científica.

Destaca-se igualmente a organização do Colóquio Internacional *Theatre about Science: theory and practice*, em parceria com o Centro de Estudos Interdisciplinares (CEIS20), o Instituto de Investigação Interdisciplinar da Universidade de Coimbra (iiiUC), o Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) e o Centro de Neurociências e Biologia Celular (CNC). Este colóquio oferece um espaço para explorar as intersecções entre o teatro e a ciência, encorajando o diálogo, expandindo o conhecimento e incentivando discussões. A segunda edição está prevista para novembro de 2023, após o sucesso da primeira edição em 2021.

Em 2015, a Marionet recebeu apoio financeiro de Carl Djerassi, um cientista e escritor norte-americano. Desde a sua fundação em 2000, estabeleceu ligações com numerosas entidades artísticas e científicas, e conta com o apoio anual da Câmara Municipal de Coimbra. Atualmente, é financiada pela Direção-Geral das Artes (DGARTES), através do Programa de Apoio

² Por exemplo, realizaram uma residência artística no Centro de Neurociências e Biologia Celular da Universidade de Coimbra, da qual resultou o espetáculo *MIM - My Inner Mind* (2012), que explora o cérebro e a memória e que foi apresentada nas instalações deste centro de investigação (Montenegro, 2022, p. 136).

³ O primeiro objeto artístico, *Morfeu*, sobre a apneia obstrutiva do sono, estreou no dia 28 de abril de 2023 e está disponível em todas as plataformas da Marionet.

Sustentado. Este apoio permite à Marionet continuar o seu trabalho interdisciplinar e prosseguir com a sua missão de cruzar a arte e a ciência de forma inovadora e estimulante.

A Marionet desenvolve, portanto, uma linha de pesquisa e experimentação artística que é pouco explorada em Portugal. A companhia abraça a capacidade especial do teatro fazer pensar, imaginar, informar, emocionar, integrar, ensinar, revelar, despertar curiosidade, explorar e estimular o debate, para criar uma experiência transformadora onde a ciência e arte se cruzam e investigadores, artistas e o público em geral se juntam.

Da mesma forma, a organização abraça os estagiários e proporciona-lhes a oportunidade de viverem experiências transformadoras. Assim, as secções que se seguem visam descrever o plano de trabalho proposto, o horário cumprido, os recursos utilizados e as tarefas realizadas, indicando ao mesmo tempo alguns dos desafios encontrados e ultrapassados.

1.2 Plano de trabalho

Logo de início, transmitiram-me por *e-mail* as várias atividades que a companhia de teatro Marionet tinha ligadas à tradução. Entre elas, a tradução e a revisão do novo *site* bilingue (português-inglês), o *Projeto de Tradução Colaborativa* (inglês-português), tradução e revisão de conteúdos da atividade e projetos para serem publicados em folhetos (português-inglês), possíveis traduções de peças originais para inglês e possível tradução de um conjunto de peças inglesas planeadas para serem apresentadas nos próximos anos. Além disso, foi proposto um potencial desafio de pesquisar peças de teatro e companhias de língua alemã dedicadas ao cruzamento entre o teatro e a ciência para se traduzir uma delas para português, tendo em conta tanto o meu interesse pessoal como o meu conhecimento da língua alemã. Na sequência desta informação trocada por *e-mail*, confirmou-se sem qualquer dúvida que o estágio seria realizado nesta companhia e, neste sentido, no dia 28 de setembro, realizou-se então o primeiro encontro na companhia de teatro Marionet para determinar o início do estágio no dia 3 de outubro.

1.3 Horário cumprido

Expostas as diversas atividades de tradução proporcionadas pela Marionet, explicar-se-á agora a flexibilidade oferecida sempre pela entidade.

A flexibilidade da entidade foi imediatamente demonstrada pelas trocas de *e-mails* e, durante a reunião de 28 de setembro, foi dada total liberdade na escolha dos dias, do regime de trabalho (presencial ou à distância) e dos horários. Foi acordado, sem qualquer problema, que se estagiariam dois dias por semana, nomeadamente à segunda-feira presencialmente e à terça-feira

remotamente, com um horário das 10h às 18h. Deste modo, tornou-se possível ter uma experiência como tradutora tanto remotamente como com a equipa no espaço da Marionet e conhecer também o trabalho administrativo que está por detrás do funcionamento de uma companhia de teatro.

Esta flexibilidade estendeu-se para além do horário, uma vez que também foi dada a liberdade de alternar entre dias e tarefas com base nos meus interesses e prioridades. Devido ao ambiente de trabalho e à equipa dedicada da Marionet, a duração do estágio curricular, inicialmente prevista para terminar no mês de janeiro, foi prolongada para o período máximo de seis meses.

1.4 Recursos disponibilizados e utilizados

No espaço da Marionet, onde todos trabalham com computador, foi utilizado o próprio computador portátil ou, quando necessário, os computadores da companhia. Inicialmente, utilizaram-se os computadores da Marionet para adicionar legendas a vídeos específicos do canal do YouTube da Marionet, que serão objeto de uma descrição mais detalhada mais adiante. Posteriormente, adicionaram-me como editora de legendas do canal, o que permitiu executar a tarefa sem problemas no próprio computador, mesmo remotamente.

De forma semelhante, utilizou-se muito o Microsoft Word para realizar as traduções, mas mais tarde foi dado acesso ao *back office*⁴ do novo *website* da companhia, o que tornou a tarefa bastante mais fácil, uma vez que o texto de partida e o texto de chegada estavam um ao lado do outro. Além disso, foi disponibilizado um pequeno glossário português-inglês já elaborado pela companhia.

Utilizaram-se diversos recursos ao longo do processo de trabalho, como dicionários bilingues e monolingués, recursos *online* e até a consulta de especialistas e colegas. Em alguns momentos, utilizou-se a ferramenta de tradução apoiada por computador MemoQ (licença para estudantes) para manter a consistência dos termos e criar uma memória de tradução⁵. Contudo, no caso da revisão e tradução das publicações do *site* da Marionet, o processo tornava-se mais demorado, uma vez que era necessário criar um documento Word com a publicação e posteriormente inserir as alterações ou traduções no *back office* do *site*. Por isso, optou-se por realizar a revisão e a tradução diretamente no *back office*.

⁴ Refere-se à parte editável da página.

⁵ Repositório de frases ou segmentos traduzidos anteriormente.

1.5 Descrição de tarefas e desafios

Finalmente, pretende explicar-se as tarefas diversificadas e alguns dos desafios ultrapassados durante o estágio na companhia de teatro Marionet. Para além das que irão ser mencionadas neste Relatório, importa referir que outros trabalhos foram realizados em paralelo: tradução de uma pequena biografia e outras informações para um folheto bilingue (português – inglês) sobre a Marionet e uma revisão e tradução de partes em falta (descrição) do vídeo *Visita virtual guiada à exposição MARIONET X 20 — O futuro é daqui para a frente*⁶.

1.5.1 Tradução e revisão do novo site

Desde o início do estágio, o maior desafio foi rever e traduzir para o inglês, a língua não materna. A avaliação do novo *site* da Marionet⁷, nomeadamente a revisão das traduções em inglês, constituiu a atividade que ocupou o maior tempo ao longo do estágio. Esta duração não se deve apenas às várias publicações que a companhia fornece no seu *site*, mas também ao facto de ter havido um cuidado acrescido aquando da revisão de uma língua não nativa, sempre confirmando termos ou expressões com dicionários, textos paralelos e falantes nativos. Algumas das unidades curriculares do Mestrado em Tradução, em que se realizou a revisão do trabalho de colegas, revelaram-se fundamentais para saber que não se pode rever com o olhar de um tradutor. Em vez disso, deve colocar-se no papel de leitor sem efetuar alterações preferenciais, uma vez que se pretende uniformizar o texto.

Inicialmente, quando ainda não havia acesso ao *back office* do *site*, a revisão realizava-se com o *site* aberto duas vezes e colocado em paralelo. Quaisquer correções ou sugestões eram registadas num Excel partilhado com o respetivo *link*, problema, sugestão e explicação. Por razões de tempo, optou-se por começar a alterar diretamente no *back office*. Alguns dos problemas encontrados foram a alternância de inglês britânico e americano, erros ortográficos, regências preposicionais, concordância de género, siglas, omissão de termos, pontuações, maiúsculas e minúsculas, termos na língua de partida e repetições. Abaixo encontram-se exemplos de problemas registados e, ao lado, a respetiva sugestão e/ou correção:

Palavra/frase	Correção/sugestão
“theater”	“theatre”

⁶ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dJZ1qjobOX0&t=1239s>

⁷ Site da Marionet disponível em: <https://marionet teatro.com/>

“(…) choosen (…)”	“chosen”
“We’re starting 8th edition (..)”	“We’re starting the 8th edition (…)”
“(…) are available for consultation or borrowing on the DCPAS”	“(…) are available for consultation or loan at the DCPAS.”
“In its rare shows, between talking with the audience and composing his trousers, (…)”.	“In his rare shows, between talking with the audience and adjusting his trousers, (…)”
“LIPA – Investigation and Artistic Practices’ Laboratory”	“LIPA – Laboratory of Research and Artistic Practices”
“M12 5€ a 10€”	“12+ 5€ to 10€”
“Duração”	“Running time”

No decorrer da avaliação do *site*, qualquer excerto de texto em falta ou novos projetos/notícias foram traduzidos e posteriormente revistos. Embora as traduções e (auto-)revisões fossem maioritariamente de português para inglês, também se fizeram algumas de inglês para português, como foi o caso da secção do Centro de Documentação em Artes Performativas e Ciência de algumas sinopses e biografia dos autores das peças teatrais e ensaios.

1.5.2 Tradução audiovisual

Apesar de a Marionet ser uma companhia de teatro, esta não se limita claramente à apresentação de espetáculos em palco. Assim, tornou-se possível cruzar diferentes áreas no próprio estágio e estabelecer contacto com todas elas. A Marionet dispõe de um canal de YouTube onde partilha diferentes conteúdos, entre eles *trailers*, visita guiada a uma exposição da Marionet, projetos e documentários de apresentações de projetos. A legendagem de alguns dos vídeos permitiu o aperfeiçoamento e a aplicação dos conteúdos aprendidos ao longo do Mestrado em Tradução e numa Oficina de Legendagem orientada por Katrin Pieper, dos quais se destacam dois (*Doença Bipolar: Um Outro Lado*⁸ e *Ler Teatro com Ciência & Projeto de Tradução Colaborativa da Marionet*⁹). Além disso, a legendagem permitiu trabalhar tanto com o português e o inglês como com a língua alemã.

⁸ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q66v9bGMjM8>

⁹ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PCOjcSjZqr4>

1.5.2.1 Vídeo: *Doença Bipolar: Um Outro Lado*

Produzido pelas equipas da Marionet e do CNC, *Doença Bipolar: Um Outro Lado* é o nome do projeto vencedor do Apoio à Promoção da Cultura Científica do Instituto de Investigação Interdisciplinar da Universidade de Coimbra. De modo a tentar compreender um pouco mais em relação ao êxito do vídeo, é importante, primeiramente, apresentar a sinopse do projeto: começa com um prólogo que explica no fundo a teatralidade do vídeo: “Desafiámos neurocientistas e psiquiatras que estudam e tratam a doença bipolar a tentarem expressar com o próprio corpo estados emocionais desta doença”. De seguida, assiste-se a essa interpretação por parte das investigadoras do CNC Ana Catarina Pereira e Cláudia Fragão Pereira e dos psiquiatras Nuno Madeira e Tiago Santos, do Centro Hospitalar de Coimbra, em que se utilizam imagens paralelas ou sobrepostas, ao mesmo tempo em que cada um dos profissionais explica em voz-off que a doença bipolar não é um fenómeno incomum e que é importante cuidar da saúde mental. Com apenas quatro minutos e quarenta e sete segundos, o vídeo, realizado por Tiago Cerveira, dirigido por Mário Montenegro e musicado por Marcelo dos Reis, apresenta também um epílogo com algumas informações e recomendações para ajudar os que vivem com esta doença tão complexa.

A primeira dificuldade encontrada na tradução deste projeto foi a transcrição, uma vez que se questiona o nível de fidelidade que tal tarefa deve ter, e também como se deve proceder com as quebras de linha e a pontuação nas legendas. Para além de se ter de dominar de igual forma as línguas e as culturas de partida e de chegada, são apresentados diversos problemas linguístico-técnicos típicos da legendagem e dobragem, como, por exemplo, o *timing*, o limite de caracteres e quebra de linhas lógicas. Por este motivo, a legendagem obriga, na maioria dos casos, a encurtar o diálogo falado devido não só ao espaço limitado do ecrã, mas também à velocidade de leitura do espectador (Pieper, 2022).

A necessidade de conhecimentos das regras e *guidelines* bem como de um *software* profissional são essenciais num mundo ideal de legendagem, em que se tem de ouvir, ver e ler em simultâneo. A omissão de palavras, a criatividade e o afastamento do original não significam falta de fidelidade ao texto de partida; pelo contrário, facilitam o processamento da informação.

1.5.2.2 Vídeo: *Ler Teatro com Ciência & Projeto de Tradução Colaborativa da Marionet*

A legendagem do vídeo *Ler Teatro com Ciência & Projeto de Tradução Colaborativa da Marionet*, um documentário de apresentação das iniciativas, foi realizada com muito mais confiança e menos tempo e conduziu ao tema deste trabalho, pelo que será essencial explicar em que consistem estas iniciativas.

Além dos projetos em palco e vídeo, a Marionet tem desde 2012 o Centro de Documentação em Artes Performativas e Ciência (CDAPC), um repositório em constante atualização, com mais de 100 peças teatrais e ensaios de tema científico, que podem ser consultados e requisitados no espaço da Marionet. Fora do palco, o grupo da Marionet gosta de *Ler Teatro com Ciência* e quis partilhar esse gosto com todos. *Ler Teatro com Ciência*, cujo início estava previsto para 2020, é o nome da iniciativa que pretende dar a conhecer essas obras em sessões de leitura pública. Enquanto a ciência combatia a COVID-19, a Marionet lutava contra a inexistência de traduções em português de dramaturgias contemporâneas com conteúdos relacionados com a ciência presentes no CDAPC. Assim surgiu, em junho de 2020, o *Projeto de Tradução Colaborativa* (PTC), onde voluntários são convidados a traduzir em conjunto essas peças para português.

Como se pode participar? Em primeiro lugar, há sempre uma votação *online* para o público escolher entre várias obras a vencedora a cada dois meses. Após a escolha da obra, encontram-se abertas as inscrições para a equipa de tradutores voluntários através de uma simples mensagem, chamada telefónica, *e-mail*, ou um contacto nas redes sociais da Marionet. A obra é dividida igualmente por todos os voluntários e nunca ultrapassa as quatro ou cinco páginas, com um prazo geralmente de três semanas. Posteriormente, o revisor compila tudo e procede à elaboração da versão final.

No *Ler Teatro com Ciência*, a obra impressa é distribuída por todos os leitores que queiram participar “entre trocas de personagens, canecas de chá, bolinhos e muitas gargalhadas” para juntos conhecerem “a magia de um livro que lhes é desconhecido” (Marionet, 2023). Apesar de *Ler Teatro com Ciência* e o *Projeto de Tradução Colaborativa* se completarem, são projetos independentes, pelo que qualquer pessoa é livre de participar em ambos, em apenas um, como tradutor voluntário, leitor ou apenas como ouvinte. Durante as vezes em que houve a oportunidade de participar, notou-se a preocupação e o prazer tanto na leitura como na tradução, onde algumas pessoas apontavam possíveis melhorias no texto impresso, onde um erro de tradução não se torna um problema, mas um momento de diversão ao longo da leitura e, no fim, essas alterações e/ou erros são complementadas no acervo digital.

No decorrer da legendagem deste vídeo, surgiram mais questões relativas à tradução colaborativa do que à legendagem propriamente dita. Entre elas: o que é a tradução colaborativa? Porque não traduzir em conjunto? Há um canal de comunicação entre os voluntários? Qual é a sua profissão? Quanto tempo demoraram a traduzir? Que recursos utilizam ou de quais necessitam? Qual o controlo de qualidade? Terão alguns voluntários formação na área da tradução? Será que

já fizeram tradução fora desta iniciativa? Desde quando é que traduzem? Para que tipo de entidades estariam dispostos a fazer tradução colaborativa? São os voluntários colegas ou concorrentes dos tradutores profissionais? Que tipo de trabalho de qualidade é que os voluntários acham que produzem? Alguma vez consideraram ser tradutores profissionais? De que forma é que se equacionam todas estas questões?

Ao longo do presente Relatório, procura-se tentar responder a estas questões que guiaram e influenciaram significativamente a direção da pesquisa.

1.5.3 Tradução da página da Marionet na Wikipédia

Durante o estágio, também se traduziu a página da Marionet na Wikipédia tanto para inglês como para alemão. No entanto, a enciclopédia não permitiu a sua publicação. Na tentativa de publicar na língua alemã, o artigo foi rapidamente removido por não cumprir os requisitos mínimos da Wikipédia, pedindo para renomear “Marionet”. Na língua inglesa, a publicação nem foi permitida, dizendo logo: “A sua tradução não pode ser publicada porque a publicação só é permitida a editores mais experientes nesta wiki”. Além disso, durante o processo de tradução, também foi verificado que a formatação variava conforme as línguas, não permitindo uma formatação igual com a língua de partida. Por este motivo, as traduções foram enviadas num documento Word para o caso de ser possível resolver este problema.

1.5.4 Tradução e revisão da obra *A Disappearing Number*, de Simon McBurney

Outra atividade importante no decorrer do estágio para o tema deste relatório, foi a participação como voluntária na obra *A Disappearing Number*. Nesta peça, tal como a Marionet junta os participantes para descobrirem a beleza de ler teatro com ciência, Simon McBurney junta vários enredos para mostrar a beleza e o mistério da matemática.

Ao traduzir uma página no âmbito do *Projeto de Tradução Colaborativa*, notou-se o desafio de ter apenas uma parte do texto, garantir uma terminologia consistente e a falta de um canal de comunicação. Por esta razão, termos que não suscitariam dúvida numa tradução individual como, por exemplo, utilizar “chapéu de chuva” ou “guarda-chuva” tornam-se numa incerteza.

Passado dois meses, em janeiro, houve a oportunidade de rever a peça por inteiro. Apesar de a peça já ter sido lida anteriormente, o produtor, Paredes, solicitou tentar identificar expressões que são iguais e que foram traduzidas de forma diferente ao longo do texto; identificar se a personagem (“Aninda”) foi sempre traduzida no género masculino; alterar nomes traduzidos para

o nome original; alterar a formatação, nomeadamente o nome das personagens antes do restante corpo do texto; nas indicações de fala, os nomes das personagens em maiúsculas, seguidos de um ponto final, em vez de dois pontos; as didascálias em itálico com os nomes das personagens apenas com a primeira letra em maiúscula e seguidos de ponto final; as didascálias que não estão após a indicação de fala sem parênteses e alinhadas com o corpo do texto; e o nome das personagens como no texto de partida.

Para esta tarefa, fez-se o uso da *CAT tool* MemoQ para criar uma memória de tradução e uma base terminológica. Em primeiro lugar, o texto de partida foi importado para o MemoQ e, em seguida, a tradução dos voluntários foi inserida segmento a segmento, procedendo-se também à sua revisão e à adição de termos à base terminológica. Apesar de se ter demorado mais ao utilizar o MemoQ, garantiu-se o uso consistente e preciso de termos e segmentos usados anteriormente que de outra forma poderiam passar despercebidos ou necessitariam de uma atenção ainda maior. Além disso, resolveu-se também o problema da formatação, que foi mantida com precisão.

Nesta tarefa, que consistiu na primeira revisão de uma obra por completo, o processo requereu uma quantidade significativa de tempo e esforço. No entanto, foi essencial e frutífero para identificar os desafios enfrentados pelos revisores de um projeto de tradução colaborativa, bem como os problemas mais comuns.

1.5.4.1 Problemas linguísticos e numéricos

No processo de revisão, os problemas encontrados estão relacionados com termos no português do Brasil, formato e pontuação de números, a utilização de diferentes traduções para o mesmo termo e a variação do registo (formal ou informal). Além disso, também ocorre a dificuldade de identificação do género com nomes que não são familiares. Quando estamos perante uma tradução do inglês para o português, o artigo definido ('the'), os artigos indefinidos ('a/an') e os demonstrativos ('this/that') não marcam o género e, neste caso, como o voluntário não tem acesso à peça completa, não poderá procurar pistas contextuais noutras páginas (pronomes ou outros elementos que ajudem na identificação). No entanto, o voluntário pode optar por trabalhar de forma autónoma, tentando procurar respostas na internet ou recorrer a um fórum de discussão para esclarecer a dúvida colaborativamente.

Seguem-se, alguns exemplos dos problemas resolvidos na ordem do texto.

Texto de partida	Texto de chegada	Revisão
“I’m calling from BT Headquarters.”	“Estou-lhe a ligar da cede da BT.”	“Estou-lhe a ligar da sede da BT.”
“We can also offer you a brand new handset, (...)”	“Também podemos oferecer um novo monofone, (...)”	“Também podemos oferecer-lhe um auscultador novinho em folha, (...)”
“ <i>RAMANUJAN's MOTHER lifts up the puppet (...)</i> ”	“ <i>A MÃE DE RAMANUJAN levanta a marionete (...)</i> ”	“ <i>A mãe de Ramanujan levanta a marioneta (...)</i> ”
“ <i>Slowly, RUTH rolls over bed. AL rolls after her.</i> ”	“ <i>Devagar, RUTH rebola sobre a cama. AL rebola atrás dela.</i> ”	“ <i>Devagar, Ruth vira-se na cama. Al vira-se a seguir a ela.</i> ”
“(...) is now officially the First Eastern General Hospital.”	“(...) é agora oficialmente o Primeiro Hospital Geral do Este.”	“(...) que é agora oficialmente o Primeiro Eastern General Hospital. ”
“ <i>2 cubed times 3 squared times 5 times 7 times 11 times 13 times 97 equals 34,954,920.</i> ”	“ <i>2 ao cubo vezes 3 ao quadrado vezes 5 vezes 7 vezes 11 vezes 13 vezes 97 é igual a 34,954,920.</i> ”	“ <i>2 ao cubo vezes 3 ao quadrado vezes 5 vezes 7 vezes 11 vezes 13 vezes 97 é igual a 34 954 920.</i> ”
“ <i>She is talking over her shoulder to someone in Tamil.</i> ”	“ <i>Ela está falando por cima do ombro com alguém em Tamil.</i> ”	“ <i>Ela está a falar em tâmil com alguém que está por trás dela.</i> ”
“CAPTAIN: (Voice-over.) Ladies and gentlemen, (...)”	“CAPITÃO: (Voz over.) Senhoras e senhores, (...)”	“ COMANDANTE. (Voice-over.) Senhoras e senhores, (...)”
“ <i>AL turns and walks upstage.</i> ”	“ <i>AL vira-se e sobe ao palco.</i> ”	“ <i>Al vira-se e caminha para o fundo do palco.</i> ”

1.5.4.2 Problemas relativos à pesquisa, verificação e eventual utilização de sistemas de tradução automática

Como referido anteriormente, o voluntário pode optar por trabalhar sozinho na resolução de vários problemas. No entanto, e caso recorra a sistemas de tradução automática, vários problemas podem passar despercebidos, pelo que a pesquisa, a verificação e a pós-edição são essenciais. Após a realização de um trabalho sobre os problemas de traduções automáticas na unidade curricular Técnicas de Composição Avançadas e Redação Técnica, tornou-se claro onde a ferramenta pode ser útil e quais os erros mais comuns. Por este motivo, apenas o primeiro exemplo dos apresentados acima podia ter sido evitado com o recurso a tradutores automáticos.

Outras alterações efetuadas no âmbito desta revisão incluíram a tradução de citações e o título de um livro de Godfrey Harold Hardy. Para tal, foi feita uma pesquisa e encontrou-se a expressão já traduzida e o livro à venda em diversos *sites* fiáveis, como a Bertrand, WOOK, Fnac, entre outros:

Texto de partida	Texto de chegada	Revisão
“As G H Hardy said, ‘A mathematician, like a painter, or a poet, is a maker of patterns... And beauty is the first test...’”	“Como disse G. H. Hardy ‘um matemático, como um pintor, ou um poeta, é um criador de padrões... e a beleza está na primeira tentativa...’”	“Como disse G. H. Hardy: ‘Um matemático, tal como um pintor ou um poeta, é um criador de padrões... E a beleza é o primeiro teste...’ ”
“(…) <i>entitled</i> A Mathematician's Apology.”	“(…), <i>chamado</i> A Desculpa de um Matemático.”	“(…) <i>chamado</i> Apologia de Um Matemático. ”
“ <i>She picks up</i> A Mathematician's Apology (..)”	“ <i>Ela pega n</i> ” <i>Apologia do Matemático (...)</i> ”	“ <i>Ela pega no livro</i> Apologia de Um Matemático (...) ”

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Concluído o capítulo inicial deste trabalho, procura estabelecer-se, neste capítulo II, um enquadramento teórico da tradução de teatro com ciência e da tradução colaborativa.

2.1 Teatro e Ciência

Antes de se colocar o foco na tradução do teatro e da ciência e de explorar a estratégia mais adequada para alcançar o seu sucesso, há que refletir sobre a relação crescente entre o teatro e a ciência. Esta reflexão inclui a análise das várias abordagens para rotular o teatro com temas científicos e as formas como a ciência tem sido incorporada no teatro. Aqui, ambos poderão ser vistos como um alicerce para ajudar a sociedade, uma vez que a capacidade didática e lúdica do teatro se alinha perfeitamente com os objetivos da ciência de promover a segurança e a saúde do mundo.

2.1.1 O cruzamento entre teatro e ciência

Criador da disciplina “Performance Studies”, Richard Schechner define teatro como “a place of/for seeing” (2007, p. 10), uma vez que, como refere o ator Jorge Mota, o teatro é a “estranha química que acontece num sítio qualquer entre quem faz e quem vê” (RTP, 2021). Será importante referir que o teatro começou a ser usado na Grécia Antiga, sendo já naquela altura chamado de *theatron*, e havendo outro vocabulário associado a ele como ‘cena’, ‘drama’, ‘comédia’, ‘tragédia’, ‘prólogo’, ‘monólogo’, ‘diálogo’, ‘orquestra’. Mas qual a relação do teatro com a ciência? Quais são as vantagens para um teatro e uma organização científica começarem um projeto conjunto? Poderá a Marionet servir de exemplo de boas práticas para outras associações?

De acordo com Emma Weitkamp e Carla Almeida (2022, p. 3), também a ‘ciência’ faz parte do vocabulário associado ao teatro desde a Grécia Antiga, no entanto, “o interesse pela interação entre os dois campos foi renovado e intensificado desde o início dos anos 2000”. Portanto, o cruzamento entre o teatro e a ciência é mais antigo do que se pensava e oferece novas perspetivas sobre peças bem conhecidas (Ferreira, 2020, p. 1).

O que também pode apresentar diferentes perspetivas é a forma de rotular e definir o teatro inspirado em temas da ciência. Em português, a utilização varia entre “teatro científico”, “teatro de temática científica” ou “ciência e teatro” (Weitkamp & Almeida, 2022, p. 16).

Como nota Licínia Ferreira (2020, p. 1), o teatro pode incluir a ciência de várias formas, nomeadamente, [i] peças didáticas que apresentam problemas científicos (como *Ego*¹⁰ de Mick Gordon e Paul Broks), [ii] peças que exploram as características da comunidade científica (*Oxigénio*¹¹, de Carl Djerassi e Roald Hoffmann), [iii] peças que comentam momentos históricos da ciência (*Copenhaga*¹², de Michael Frayn) ou [iv] peças que apresentam a vida de um cientista (*Vida de Galileu*¹³, de Bertolt Brecht). A autora destaca ainda os casos em que as peças são escritas pelos próprios profissionais da ciência (como o químico Carl Djerassi, o engenheiro civil José Echegaray e o médico Bernardo Santareno).

Além disso, destaca também o trabalho de Mário Montenegro, desde a sua tese de doutoramento *A emergência da ciência moderna e a sua representação no texto dramático* (2016) até ao trabalho que desenvolve na companhia de teatro Marionet. Por outro lado, importa reconhecer que algumas produções podem não se enquadrar nestas categorias e dar prioridade ou juntar outros aspetos como, por exemplo, o envolvimento do público ou o processo de criação colaborativa, como acontece no caso dos espetáculos da Marionet com investigadores de diferentes áreas (Weitkamp & Almeida, 2022, p. 62) e como será demonstrado a seguir.

No seu estudo académico, Montenegro explora o recurso à ciência no teatro e a ascensão de temas científicos em obras dramáticas. O autor chama a atenção para o enorme impacto da ciência na sociedade e refere como “[a]s ondas de luz e de som que são devolvidas pela cena ao público carregam informação que, ao chegarem ao cérebro de cada um têm o potencial de alterar o seu estado anterior, muitas vezes de um modo definitivo” (2017, p. 13). O autor mostra como a ciência moderna se desenvolveu gradualmente ao longo do tempo, começando com a tradução e disseminação do conhecimento antigo no período medieval até ao estabelecimento de sociedades científicas no século XVII.

Para além disso, o autor faz referência a investigações anteriores sobre teatro e ciência, incluindo a análise de Kirsten Shepherd-Barr de peças que abordam a ciência e o trabalho de Carl Djerassi sobre “science-in-theatre”. Como parte da sua própria investigação, Montenegro reuniu

¹⁰ Após uma experiência que correu mal, um neurologista cético começa a questionar tudo (WOOK, 2009).

¹¹ Passado em dois séculos diferentes, *Oxigénio* investiga as complexidades da descoberta científica e a busca da Fundação Nobel para honrar os pioneiros da compreensão do oxigénio, levantando questões sobre quem realmente merece crédito por esta revelação inovadora (WOOK, 2005).

¹² Peça que explora o encontro, em 1941, em Copenhaga, entre os físicos Niels Bohr e Werner Heisenberg, outrora professor e aluno, que se debatem com questões científicas e éticas profundas (Wikipédia, 2023).

¹³ A peça examina a vida de Galileu Galilei para esclarecer os dilemas persistentes do progresso científico e da relação cientista-sociedade (Wikipédia, 2019).

uma base de dados com cerca de 270 peças que abordam temas científicos, demonstrando um aumento recente da presença da ciência no teatro.

Nas produções de teatro e ciência, torna-se fundamental a colaboração entre profissionais do âmbito artístico, profissionais do âmbito científico e a participação do público, uma vez que todos contribuem para a construção do significado do espetáculo. A título de exemplo, poderá considerar-se o recente projeto desenvolvido por investigadores da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (UC), em colaboração com a companhia de teatro Marionet, *O Algoritmo da Epilepsia*¹⁴ (2023). Este projeto não partiu da companhia de teatro, mas sim de um desafio proposto por Mauro Pinto, um investigador da UC na área da aplicação de ferramentas de Inteligência Artificial a casos de doença epiléptica. Durante a fase de ensaios e preparação, receberam contributos científicos de especialistas do Centro de Informática e Sistemas da UC, bem como de doentes e profissionais de saúde. Além disso, o público também foi envolvido no processo através de um questionário *online*. O objetivo do projeto consistia em aproximar a ciência das pessoas, ao mesmo tempo que permitia desmistificar a inteligência artificial e mostrar o seu papel na sociedade, melhorar a qualidade de vida dos doentes com epilepsia e promover a consciencialização do público sobre a epilepsia. No último dia do espetáculo, teve lugar uma conversa emotiva entre o investigador que desafiou a Marionet e que moderou a conversa, um neurologista, uma pessoa com epilepsia, um investigador de previsão de crises, uma investigadora de interação humano-computador, o encenador do espetáculo e o público (Marionet, 2023). A conversa em conjunto antes, durante e depois da atuação moldou, assim, o resultado do espetáculo. Na conversa final, o público contribuiu, mesmo inconscientemente, para a construção do significado através das suas próprias experiências, promovendo uma compreensão mais profunda da epilepsia.

No que diz respeito ao processo criativo, segundo as autoras Weitkamp e Almeida (2022, p. 41), os participantes podem ter motivações diversas, que podem ser divididas em três categorias: “Pragmatic, Personal and Fundamental”.

Os objetivos pragmáticos, de acordo com as autoras acima referidas, incluem intenções pedagógicas, uma vez que os espetáculos podem ajudar a reconhecer a relevância da ciência na vida quotidiana, estimular a ação social, promover a mudança de atitude, promover o diálogo entre investigadores e espectadores, apresentar acontecimentos e personalidades relevantes da história

¹⁴ Mais informações em: <https://marioneteatro.com/productions/o-algoritmo-da-epilepsia>

da ciência e alcançar novos públicos. Os interesses individuais impulsionam os objetivos pessoais, uma vez que os praticantes de teatro podem estar interessados num determinado cientista ou domínio da ciência, enquanto os cientistas podem estar interessados num artista, teatro ou *performance*. Já os objetivos fundamentais procuram despertar a curiosidade, humanizar a ciência e os cientistas, superar os estereótipos dos investigadores, cativar e desafiar o público, e situar a ciência em contextos sociais ou éticos. Como exemplo de espetáculo orientado por objetivos fundamentais, tem-se a Marionet com *Vozes sem conta* (Weitkamp & Almeida, 2022, pp. 39–40), uma vez que o objetivo é envolver o público numa experiência intensa relacionada com a escuta de vozes e incentivar a reflexão e a discussão sobre este assunto¹⁵.

2.1.2 O palco como sala de aula de ciência

Apesar de o teatro e a ciência não terem apenas um carácter pedagógico e não deverem ser restringidos a esse papel, importa reconhecer e valorizar esta vertente. A combinação do teatro com a ciência para fins educativos revela-se muito promissora para incentivar a criatividade do público e uma maior consciência do mundo que nos rodeia. Através da improvisação, da interpretação e da narração de histórias, cria-se um espaço onde conceitos e fenómenos científicos ganham vida de forma cativante e acessível. O projeto *CresceRio* do MARE – Centro de Ciências do Mar e do Ambiente em parceria com a Marionet¹⁶ é um excelente exemplo de como esta combinação pode proporcionar às crianças uma experiência educativa completa. O objetivo deste projeto é dar a conhecer à comunidade escolar os ecossistemas aquáticos de Coimbra, através de saídas de campo, visitas a laboratórios e a criação de um espetáculo intitulado *Histórias do Rio*. Desta forma, o projeto envolve as crianças não só a nível científico, mas também a nível artístico, incentivando a aquisição de conhecimentos, a expressão criativa e a consciência ambiental.

Este efeito também é indicado num inquérito internacional realizado por Weitkamp e Almeida sobre ciência e teatro. Os inquiridos sublinharam que o teatro facilita a aprendizagem da ciência através da utilização de histórias e narrativas, bem como através do ambiente informal.

As respostas a uma das questões permitem concluir que os inquiridos veem o teatro como um espaço de tradução, em sentido lato, onde a informação científica pode ser traduzida de forma mais acessível e compreensível para o público (Weitkamp & Almeida, 2022, p. 46), facilitando o seu entendimento e perceção em relação àquilo que está a ser apresentado.

¹⁵ Mais informações em: <https://marioneteatro.com/productions/vozes-sem-counta>

¹⁶ Mais informações em: <https://marioneteatro.com/lab/crescerio>

2.2 Tradução de teatro e ciência

Sem as relações entre culturas e línguas, o teatro e a ciência, nas suas formas atuais, não existiriam, uma vez que a tradução desempenha um papel vital na ligação entre culturas, na recolha e disseminação de conhecimentos. Assim sendo, importa analisar mais de perto este papel vital tanto na área científica como na teatral.

2.2.1 Tradução científica

No caso da tradução científica, tão antiga como a própria ciência (Montgomery, 2010, p. 299), também há trabalho colaborativo entre especialistas linguísticos e especialistas na matéria. Para o avanço do conhecimento científico, os tradutores têm de lidar com terminologia técnica e complexa, manter a clareza e transmitir com precisão o significado pretendido. Por este motivo, frequentemente, os tradutores têm formação em áreas científicas, especializando-se em domínios específicos (por exemplo, medicina ou química), o que lhes permite lidar com os aspetos complexos e técnicos do texto (Montgomery, 2010, pp. 299–305).

Jody Byrne (2014, p. 1) sublinha que a tradução científica e a tradução técnica estão intimamente relacionadas, mas que os termos não podem ser utilizados como sinónimos. De acordo com Byrne (2014, p. 2), “while a **technical text** is designed to *convey* information as clearly and effectively as possible, a **scientific text** will *discuss, analyze and synthesize* information with a view to *explaining* ideas, *proposing* new theories or *evaluating* methods” [destaque no original]. Assim sendo, os textos científicos permitem mais liberdade por poderem ser mais criativos.

Por outras palavras, há aspetos que os distinguem, mas também muitos que se sobrepõem. Entre os desafios comuns destacados por Byrne (2014, pp. 152–185) encontram-se a tradução de abreviaturas e acrónimos, em que os tradutores têm de verificar se já existe uma tradução, optar por traduzir o nome completo ou manter o original. Da mesma forma, têm de se certificar de que as fórmulas e as equações são traduzidas corretamente e lidar com diferentes quantidades e unidades de medida. Aqui, Byrne recomenda principalmente “to leave them alone, particularly if they are SI quantities” (2014, p. 157), para garantir a exatidão e evitar erros de tradução. Além disso, os tradutores têm de lidar com diferentes moedas, problemas relacionados com a cultura, familiaridade e erros no texto de partida que têm de ser identificados e corrigidos. Paralelamente, os tradutores são confrontados com exemplos de texto e códigos informáticos, gráficos, capturas de ecrã e menus que podem ter de ser localizados/formatados, bem como com a tradução de nomes de produtos ou marcas que podem ser mantidos, substituídos ou removidos através de uma descrição. Também os detalhes de contacto podem apresentar desafios: Jody Byrne recomenda,

por exemplo, acrescentar ‘Sr. ou Sra.’ para clarificar nomes próprios, e incluir os indicativos internacionais para todos os números de telefone¹⁷. Do mesmo modo, Byrne aponta que os tradutores são confrontados com cenários e exemplos adaptados a um público e a um contexto específico, avisos e conselhos, referências a outros documentos, textos parcialmente traduzidos e latinismos e nomenclaturas científicas, que tornam os termos compreensíveis a nível internacional e que devem ser mantidos, explicados ou traduzidos consoante o contexto. Como o autor refere, ainda há que lidar com instruções que não fazem sentido, índices, formatação e *layout*, gestão e nomeação de ficheiros e a utilização da Internet de forma cuidadosa, conferindo a fiabilidade das fontes.

A todos estes desafios que se colocam na tradução de teatro e ciência acresce um conjunto de outras questões que serão abordadas a seguir.

2.2.2 Tradução teatral

No caso da tradução teatral, que pode ser identificada desde a Roma antiga (Griesel, 2000, p. 15), existem vários desafios e debates devido à sua combinação única de texto e espetáculo. No passado, as traduções de peças teatrais mantinham-se extremamente fiéis ao texto de partida e tratavam-no como uma obra literária, existente apenas na forma escrita (Bassnett, 1980, p. 88). Além disso, o papel essencial do encenador no teatro não era posto em causa. No entanto, ocorreu uma mudança notável após 1960, quando o papel do encenador foi questionado, dando origem a um leque mais alargado de possibilidades interpretativas e na década de 1970 surgiram algumas investigações, incluindo o contributo da pioneira Susan Bassnett (1978), que também reconheceu o início de uma alteração ao nível da tradução teatral. Foi assim que, na década de 1980, se iniciou esta reconsideração da tradução teatral, tendo em conta a relação íntima entre o texto e o espetáculo.

Yvonne Griesel (2000, p. 13) dedicou o seu primeiro trabalho à tradução de teatro, analisando produções e identificando quatro métodos diferentes de tradução: “*zusammenfassende Übersetzung*” (apenas uma sinopse da produção traduzida e distribuída antes do espetáculo), “*Übertitel*” (legendas condensadas), “*Simultandolmetschen*” (interpretação simultânea através de auscultadores) e “*zweisprachiger Paralleltext*” (texto integral da peça em ambas as línguas, que se pode ler durante o espetáculo).

¹⁷ Embora o foco seja a tradução científica e esta recomendação se refira à tradução técnica, ela pode ser relevante no contexto de textos teatrais, razão pela qual foi incluída.

Como se pode notar, nestes métodos de tradução teatral, tanto a língua de partida como a língua de chegada estão presentes em paralelo. Por este motivo, Griesel distingue entre “tradução no teatro” (*Translation im Theater*) e “tradução dramática” (*Dramenübersetzung*). No primeiro caso, tal como refere a autora (2008, p. 174) “[muss] die Zielsprache die Ausgangssprache synchronisieren, Gestik und Mimik erklären, übertönen und gleichzeitig unaufdringlich bleiben“¹⁸.

Por outro lado, a tradução dramática refere-se à tradução que é representada de forma oral perante um público, dando a ilusão de que a peça foi originalmente escrita na língua de chegada. Portanto, de acordo com a autora (2008, p. 174), trata-se de “eine Übersetzung, die noch während der Inszenierung in den zielsprachlichen kulturellen Kontext eingepasst werden kann, durch die Schauspieler und Schauspielerinnen, die in der Zielsprache sprechen, Gestik und Mimik der Zielkultur verwenden etc.”¹⁹. Este caso desempenha normalmente duas funções para Griesel (2008, p. 174): a tradução é lida e serve de base para uma encenação.

Para além disso, e conforme apontado por Margherita Mastellari (2022, p. 48), o teatro, o conteúdo e as referências culturais de um espetáculo devem ter uma ressonância imediata no público. Por conseguinte, a peça deve representar o meio moderno do seu tempo e lugar: a linguagem utilizada e as referências devem ser atuais. Esta necessidade de contemporaneidade exige frequentemente uma nova tradução, uma vez que tanto a interpretação de uma obra como os próprios gestos e movimentos que estão associados a emoções específicas podem mudar em função do seu público ao longo de um determinado tempo e espaço.

2.2.2.1 Page vs. Stage Translation

Segundo Griesel (2008, p. 174), “[b]ei der Translation im Theater handelt es sich weder um literarische noch um Dramenübersetzung“²⁰. Portanto, para além da distinção entre “tradução no teatro” e “tradução dramática”, Griesel (2000, pp. 25–26) ainda diferencia “tradução literária” (*literarische Übersetzung*) de “tradução dramática” (*Dramenübersetzung*). Por conseguinte, as responsabilidades do tradutor no domínio da tradução teatral são multifacetadas e abrangem tanto

¹⁸ “a língua de chegada deve estar sincronizada com a língua de partida, explicar e enfatizar os gestos e as expressões faciais, ao mesmo tempo que se mantém discreta” [tradução minha].

¹⁹ “uma tradução que pode ser enquadrada ainda durante a encenação no contexto da cultura de chegada, através das falas dos atores na língua de chegada, da utilização de gestos e expressões faciais da cultura de chegada, etc.” [tradução minha].

²⁰ “na tradução no teatro, não se trata nem de tradução literária nem de tradução dramática” [tradução minha].

os requisitos da tradução para leitura como da tradução para representação em palco, da tradução audiovisual e da interpretação simultânea.

No entanto, como refere a pioneira Susan Bassnett, um texto dramático não pode ser traduzido como um texto narrativo: “[t]o begin with, a theatre text is read differently. It is read as something incomplete, rather than as a fully rounded unit, since it is only in performance that the full potential of the text is realized” (2013, pp. 128–129).

Por outro lado, e indo ao encontro do que é referido por Bassnett, apesar de o texto dramático não poder ser traduzido nem reproduzido como um texto narrativo, ele pode ser somente lido, pelo que a natureza de uma peça de teatro, como sugere Burkhanov (2004, p. 404), “é dupla”. Por conseguinte, como notam Williams e Chesterman (2002, p. 9), quando se traduz para teatro, a primeira questão é se a peça se destina a ser representada ou lida. Se o objetivo for a representação, surgem questões sobre a tradução necessária, nomeadamente se deve ser uma versão preliminar para orientação inicial do espetáculo, uma versão totalmente executável ou uma versão intermédia.

Por este motivo, o segundo contraste referido por Griesel (tradução literária e tradução dramática) é distinguido sob uma outra terminologia, nomeadamente entre “tradução dramática” (*drama translation*) e “tradução teatral” (*theatre translation*), correspondendo a primeira à tradução centrada no leitor e a segunda, à tradução centrada no espetáculo (Aaltonen, 2000, p. 4).

Na tradução centrada no espetáculo, em contraste com um texto escrito como, por exemplo, um romance, a tradução acrescenta a componente dos atores que representam o texto em palco, onde cada representação é única e não repetível. Por outras palavras, e segundo as palavras de António Sousa Ribeiro na *Oficina de Tradução e Teatro* (2018), o discurso direto de um texto narrativo e as falas no teatro são diferentes no contexto de receção, uma vez que a fala se destina a um espetáculo que vai ou está a ser construído. Este facto cria vários níveis que exigem uma tradução multimodal por parte dos tradutores.

Assim sendo, não se trata apenas de compreender a intenção e as emoções, mas de as tornar visíveis através de meios visuais e auditivos. Por conseguinte, ao traduzir para o palco, o tradutor deve considerar não só a forma como a tradução pode apoiar os atores na transmissão autêntica de emoções e intenções, mas também a duração do espetáculo. Como afirma Bassnett (1998, p. 106), as diferenças em termos de duração dos espetáculos em diferentes contextos culturais e tradições teatrais têm impacto nas estratégias de tradução.

Estes aspetos deram origem, entre tradutores, encenadores e profissionais do teatro, aos termos *performability*²¹, *playability* e *speakability*, frequentemente utilizados no contexto da tradução teatral, em que as várias componentes de um espetáculo são de extrema importância. No entanto, a falta de unanimidade nas suas definições complica ainda mais a tarefa dos tradutores quando estes têm de manter a *performability* do texto. Bassnett, por exemplo, rejeita o termo *performability* devido a essa indefinição, referindo no seu artigo *Still trapped in the Labyrinth: Further Reflections on Translation and Theatre* (1998, p. 95): “I have great problems with 'performability'. It seems to me a term that has no credibility, because it is resistant to any form of definition”. Como se pode observar pelo título do artigo de Bassnett, a utilização do termo ‘labyrinth’ reflete a complexidade da tradução teatral, à semelhança do que acontece com as metáforas utilizadas por outros autores, como ‘crossroads’ na obra *Theatre at the Crossroads of Culture* (1992) de Patrice Pavis.

Quando a peça é traduzida apenas para leitura, como é o caso do *Projeto de Tradução Colaborativa* para o *Ler Teatro com Ciência* da Marionet, os tradutores devem prestar mais atenção ao diálogo, às descrições e direções de cena, uma vez que estes elementos se tornam o principal meio de evocar a atmosfera pretendida e de alimentar a imaginação do leitor.

Além disso, a tradução para leitura permite a utilização de notas de tradutor com informações adicionais para melhorar a compreensão do leitor sobre referências culturais ou outras escolhas e explicações específicas. Isto também significa que, ao contrário dos espetáculos, o leitor pode parar a leitura, voltar atrás ou reler o texto.

No entanto, após a leitura de um texto dramático pode haver a vontade de o encenar em palco, pelo que encenadores e atores também são leitores. Portanto, os tradutores de teatro devem responder simultaneamente às necessidades de dois públicos, como nota Törnqvist (conforme citado por Mastellari, 2022, p. 50):

The double status of drama as verbal text (for the reader) and audiovisual experience (for the spectator) means that the translator of plays, unlike someone translating novels or poetry, deals not only with two languages, but also with two audiences. Under such circumstances, the central question for him must be: how can the needs of both receptor groups (readers/spectators) be combined with a relatively faithful rendering of the source text? (Törnqvist, 1991, p. 11).

²¹ Bassnett (1985) apresenta duas perspetivas relativas à *performability*: a centrada no texto e a teatral. A primeira visa a fluidez do texto para uma interpretação natural por parte do ator, ou seja, *speakability*. A segunda visa a adaptação à cultura, ou seja, *playability*.

Posto isto, e antes de se passar para a análise textual e das outras componentes de cena, afigura-se pertinente considerar, pela sua clareza e perspetiva imediata, uma tabela elaborada por Eva Espasa²² (reproduzida abaixo). De forma sucinta e de fácil compreensão, a autora apresenta as principais semelhanças e diferenças entre a tradução dramática, a tradução para palco e a tradução audiovisual²³.

Tabela 1 – Resumo das principais semelhanças e diferenças entre tradução dramática, tradução para palco e tradução audiovisual

	<i>Literary translation (drama)</i>	<i>Stage translation</i>	<i>Audiovisual translation</i>
<i>Communicative factors</i>			
Performance as unrepeatable, unique event		X	
Immediate feedback from audience/two-way communication		X	
Immediate reception by audience		X	X
Translation negotiated by a complex communicative chain of agents	X	X	X
Intersemiotic translation		X	X
Pre-existing audiovisual material			X
Simultaneous reception through two channels (audio and visual)		X	X
Presence of verbal and non-verbal signs		X	X
Precise synchrony between verbal and non-verbal signs			X
Transmission/reproducibility by means of a screen		X ²⁴	X
<i>Textual factors</i>			
Recreation of orality	X	X	X
Concision	X	X	X
Possibility of general cultural adaptation in the text	X	X	

²² De acordo com Eva Espasa (2013, p. 318), a tabela baseia-se, em parte, nos autores “Delabastita 1989, Törnqvist 1991, Sokoli 2005 e Romero-Fresco 2009: 8-11”.

²³ Como mencionado anteriormente, a tradução audiovisual enquadra-se também na tradução teatral (Griesel, 2000, p. 13).

²⁴ Nota de Eva Espasa (2013, p. 318): “in surtitling for theatre and opera”.

2.2.2.2 Análise das componentes do espetáculo

Da mesma forma que o texto dramático pode servir de base para a encenação, uma análise textual deve servir de base para as decisões de tradução dos tradutores. Por este motivo, a Teoria de Tradução remete para a importância da análise textual, que pode ser aplicada praticamente em qualquer situação de tradução, uma vez que permite compreender a função do texto de partida na cultura de origem, comparando-a depois com a cultura de chegada, permitindo determinar quais os elementos a manter e quais os que precisam de ser adaptados ou removidos.

De acordo com o modelo de Christiane Nord (2005), a análise inclui fatores extratextuais (aspetos que se podem analisar antes da leitura²⁵) e intratextuais (aspetos após a leitura do texto²⁶). Assim, os fatores extratextuais visam perceber o iniciador/cliente; a intenção; o público-alvo; o meio/canal; o local; o tempo; o motivo e a função. Já os fatores intratextuais incluem o assunto; o conteúdo (conotação, coesão); as pressuposições (factos conhecidos pelos destinatários); a estrutura (microestrutura e macroestrutura); elementos não-verbais (ilustrações, itálicos, etc.); léxico (dialeto, registo, terminologia específica); a estrutura das frases/sintaxe e as características suprasegmentais (ênfase, ritmo, “tom”, aspetos estilísticos)²⁷. O resultado desta interação entre os fatores gera o efeito do texto sobre o público.

No contexto do *Projeto de Tradução Colaborativa*, o iniciador é a Marionet, com uma intenção clara – traduzir para português, com a ajuda de voluntários, obras dramáticas recentes que abordem questões científicas. O público-alvo abrange todos os interessados em teatro e ciência. O trabalho de tradução realiza-se em documentos Word e decorre *online*, com recurso ao *e-mail* para a comunicação e distribuição dos materiais, tornando-o acessível aos voluntários independentemente da sua localização geográfica. Em termos de tempo, depende da obra e da data de realização da sessão de leitura do *Ler Teatro com Ciência*. O motivo prende-se com o facto de existir uma falta considerável dessas obras em língua portuguesa, sendo a função colmatar essa lacuna e ler o respetivo resultado no *Ler Teatro com Ciência*.

Quanto aos fatores intratextuais, importa analisar o texto em si, examinar as diferenças linguísticas e culturais da peça para determinar se os aspetos devem ser mantidos ou adaptados, identificar quaisquer pressupostos ou referências culturais na peça que possam ter de ser

²⁵ Quem? Para quê? A quem? Por que meio? Onde? Quando? Porquê? Com que função?

²⁶ Sobre quê? Diz o quê? E o que não? Por que ordem? Com que elementos não verbais? Com que palavras? Com que frases? Em que tom? Com que efeito?

²⁷ Nord, C. (2005). *Text Analysis in Translation - Theory, Methodology, and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis*. Rodopi.

explicados ou adaptados ao público-alvo, examinar a organização e a fluidez da parte da peça a traduzir e identificar os elementos não verbais (indicações de palco, a iluminação, gestos, expressões faciais, itálicos, travessões e preferências de pontuação, música e os efeitos sonoros, silêncios, ação e a imobilidade, etc.) e seguir as indicações do *e-mail* enviado pelo gestor do projeto, uma vez que são aspetos importantes para a experiência de leitura. Do mesmo modo, analisar a melhor escolha de palavras e frases na peça, a forma como os diálogos/monólogos são construídos e considerar a entoação, a ênfase e o ritmo dos diálogos, uma vez que eles serão lidos na sessão *Ler Teatro com Ciência*. Espera-se, assim, que a interação destes fatores tenha o efeito de ecoar na mente do leitor, ou seja, que este imagine os acontecimentos que se desenrolam à medida que vai lendo as falas.

De um ponto de vista teatral²⁸, o estatuto do ‘texto’ no espetáculo mudou. Desde a Grécia antiga, durante séculos, o texto era o núcleo central do espetáculo. No entanto, nos tempos mais recentes, a dinâmica mudou. Embora o texto possa ainda estar presente, já não ocupa a posição central de outrora. A relação entre o texto e a encenação pode assumir duas formas (Pavis, 2003): por um lado, a “visão texto-cêntrica” (o texto é o centro) e, por outro lado, a “visão ceno-cêntrica” (a cena em si é o centro). Assim, quando se encena um texto específico, abrem-se diferentes abordagens para moldar o espetáculo, nomeadamente, a “histórica”, que respeita os estilos (como o naturalismo, o realismo, etc.) Em contraste com a abordagem “arqueológica”, que visa reconstruir o espetáculo na sua forma original. A “historicização”, por sua vez, utiliza elementos socioculturais da história da peça para criar uma interpretação contemporânea. Além disso, o texto também pode ser recuperado e adaptado, reescrito ou modernizado. No caso da “mitológica”, o texto regressa às suas raízes no mito original. Por outro lado, na “metafórica”, a cena torna-se a metáfora do texto dramático, que comenta e ilustra com os meios cénicos. Na “cenográfica”, a encenação ganha autonomia absoluta e uma linguagem cénica independente. Já a “performativa”, muito é improvisado, ou seja, sublinha que o palco é um acontecimento em si, independente da leitura do texto²⁹.

Por conseguinte, numa peça de teatro, importa tanto a análise textual como das outras componentes do espetáculo. Esta análise implica a exploração de uma série de questões como, por exemplo: como é que as emoções são comunicadas pelo ‘ator’ visualmente aos espectadores? Que gestos, movimentos e expressões são utilizados para representar emoções específicas? Existem

²⁸ Baseio-me no conhecimento adquirido na unidade curricular Análise e Crítica do Espetáculo (Mário Montenegro, 2020/2021)

²⁹ Pavis, P. (2003). *A Análise dos Espetáculos*. São Paulo: Editora Perspectiva

diferenças culturais nestas expressões? É necessária alguma adaptação para garantir a relevância para os espectadores? Como é que a ‘voz’ contribui para a caracterização e o estado de espírito da atuação? O discurso do ator reflete corretamente o contexto sociolinguístico da personagem? Como é que a ‘música’ interage com a narrativa? Como é que a música e os efeitos sonoros contribuem para a atmosfera do espetáculo? Como podem ser feitas adaptações culturais e linguísticas às letras das músicas, se aplicável? Os ‘figurinos’ representam corretamente o contexto histórico e cultural da peça? Os figurinos e a ‘maquilhagem’ precisam de ser descritos de forma diferente na tradução para garantir a compreensão? Que papel desempenham os ‘adereços/objetos’ na narrativa e nas interações das personagens? Existem referências culturais associadas a adereços específicos que necessitem de adaptação? Como é que a ‘iluminação’ e o ‘cenário’ melhoram visualmente o espetáculo? Existem aspetos culturais ou simbólicos do cenário que necessitem de adaptação? Como é que os elementos de iluminação e de cenografia podem ser descritos no papel de forma a captar o seu impacto visual? Como é que se pode dar ênfase a certos elementos no palco e fazer com que o público se concentre neles durante a leitura? Como é que o ‘ritmo’ do espetáculo afeta o envolvimento e a compreensão do público? Quanto ‘tempo’ durará o espetáculo?

Algumas questões mantêm-se, independentemente do método de tradução teatral. No entanto, dependendo do objetivo da tradução, algumas questões desaparecem, mudam ou aumentam, uma vez que, tal como mencionado anteriormente, os desafios do processo de tradução dependem do método e das exigências da tradução (sinopse, legendas, interpretação simultânea, texto integral da peça para leitura ou como base para a representação).

2.2.3 Processo cooperativo entre profissionais

Com a crescente importância da tradução teatral, surgiu também a preocupação em garantir a qualidade desta forma de tradução. Contudo, atualmente, não existem quaisquer cursos de formação em tradução teatral. De acordo com a investigação de Griesel (2007, p. 84), a tendência na formação dos tradutores de teatro é que estes venham sobretudo da área do teatro e menos da área da tradução.

Para tentar encontrar uma solução para os tradutores de teatro, Bassnett propôs cinco estratégias (1985, pp. 90–91), [1] tratar o texto teatral como uma obra literária, dando prioridade à fidelidade ao texto original que é comum quando se traduzem obras para publicação; [2] usar o contexto cultural da língua de partida [3] traduzir com o objetivo de *performability*, para tornar o texto mais facilmente executável na língua de chegada, tendo em conta os ritmos da fala, etc. e

muitas vezes omitindo partes estreitamente ligadas à cultura de partida; [4] criar um drama em verso na língua de partida em formas alternativas, preservando a essência do texto original.

No entanto, a estratégia que produz melhores resultados para a tradução de teatro é [5] a tradução cooperativa³⁰, que envolva pelo menos a colaboração de: um falante nativo da língua de partida e um falante nativo da língua de chegada em conjunto com o encenador e/ou os atores. E, quase três décadas após a investigação de Bassnett, Margherita Laera reitera que a cooperação continua a ser “um imperativo de boas práticas na tradução teatral” (2011, p. 215).

Assim sendo, no contexto da junção da ciência ao teatro, torna-se ainda mais importante que haja uma cooperação entre profissionais da ciência, da tradução e do teatro. Os tradutores começam por ler o texto, traduzem-no e depois revêem-no. Em seguida, consultam os vários especialistas para explorar quaisquer questões em aberto ou potenciais soluções. Idealmente, se a questão for sobre termos científicos, o tradutor deve consultar um especialista na área; se a incerteza for sobre o texto, o tradutor deve contactar o autor; e se a questão for sobre a encenação, o tradutor deve esclarecê-la com o encenador.

O trabalho cooperativo entre tradutores, encenadores e atores não significa que o tradutor ultrapasse o seu território. Embora os profissionais sejam livres de dar sugestões, as decisões dos tradutores devem ser relativas à estratégia, ao método e ao conceito de tradução e não interferir no trabalho do encenador, ou seja, a tradução deve permitir a encenação, mas não determiná-la ou antecipá-la (Hörmanseder, 2008, p. 136). Do mesmo modo, os encenadores devem respeitar o trabalho de tradução.

No entanto, quando a tradução estiver pronta, o tradutor pode ter oportunidade de assistir aos ensaios em colaboração com o encenador para verificarem se a *performability*, a *playability* e a *speakability* podem ser integradas na tradução. Portanto, e como refere David Johnston (2004, p. 33), quando os tradutores participam nos ensaios não têm como objetivo proteger as intenções do autor original, mas assegurar que as decisões do encenador estejam de acordo com as possibilidades contextuais da peça.

³⁰ Para evitar ambiguidades com a próxima secção (“Tradução Colaborativa”) e com o *Projeto de Tradução Colaborativa* da Marionet, utilizar-se-á aqui o termo ‘cooperativo’. Além disso, tal como referido pelos autores Roschelle e Teasley (1995, p. 70), a cooperação “is accomplished by the division of labor among participants, as an activity where each person is responsible for a portion of the problem solving”, enquanto a colaboração envolve “mutual engagement of participants in a coordinated effort to solve the problem together”.

Como referido por Sousa Ribeiro (Oficina de Tradução e Teatro, 2018), os tradutores têm de produzir o texto de acordo com a lógica que o texto impõe e que a tradução exige, não tendo de estar condicionados pela sua receção. Caso os tradutores tenham essa preocupação em mente, correm um risco muito sério de serem condicionados no sentido da domesticação do texto, isto é, e ainda indo ao encontro do que referiu Sousa Ribeiro, em que se espera que o tradutor elimine os elementos de estranheza e que torne o texto adequado às bocas dos atores, não sendo esse o território do tradutor.

Para além disso, como salientou o ator Pedro Lamas (Oficina de Tradução e Teatro, 2018), “uma peça quando aparece escrita tem vinte caminhos para ser contada”. Isto significa que a domesticação pode nem sequer ser o objetivo do encenador e, por isso, ser essencial a interação entre tradutores, encenadores e atores para garantir a melhor representação possível de uma peça traduzida.

2.3 Tradução Colaborativa

Antes de se proceder à análise das implicações inerentes à tradução colaborativa, importa explicar como este fenómeno começou e como é interpretado de diferentes maneiras. Por este motivo, nesta secção procura-se responder a algumas das questões colocadas na secção 1.5.2.2 (Vídeo: *Ler Teatro com Ciência & Projeto de Tradução Colaborativa da Marionet*). Para além disso, explorar-se-á a necessidade de adotar boas práticas na tradução colaborativa, incluindo os *design patterns* de Alain Désilets e Jaap van der Meer (2011), para enfatizar a importância de um Guia de Boas Práticas nas iniciativas de tradução colaborativa.

2.3.1 Da história à terminologia

O fenómeno que hoje designamos de ‘tradução colaborativa’ está associado às tecnologias, devido à facilidade de se encontrarem instrumentos na internet que facilitam o processo de tradução. Com o surgimento da internet e da Web 2.0, o ato de colaboração apenas foi facilitado, multiplicando as suas possibilidades. No entanto, tradutores e outros criativos têm trabalhado em conjunto ao longo da história para aumentar a fidelidade e a precisão da tradução, tal como, segundo a lenda, terá acontecido com a Septuaginta, que foi traduzida em etapas por 72 tradutores de hebraico para grego entre o século III e o século II a.C. (O’Brien, 2011, p. 17). Um exemplo importante no domínio do teatro foi a colaboração de vinte tradutores para traduzir quarenta peças de Carlo Goldoni para francês, lançadas pela European Goldoni Association entre 1993 e 1994, em honra do tricentenário do falecimento do autor. O projeto não se limitou apenas à tradução, mas estava interligado com eventos que permitiram momentos de *feedback*, crítica e diálogo entre académicos, críticos, profissionais, encenadores e atores que tinham conhecimento teórico e prático do trabalho de Goldoni (Cordingley & Manning, 2017, p. 51). Aliás, as comédias de Goldoni foram transmitidas com sucesso na língua de chegada, o que chamou a atenção para a importância deste projeto no que diz respeito à colaboração, à partilha de conhecimentos e à combinação de pontos de vista, que foram essenciais para a prosperidade do projeto.

Como nota Nord (2018, p. 29), “translation is normally done ‘by assignment’”, ou seja, os tradutores profissionais traduzem normalmente não por iniciativa própria, mas para a pessoa que encomenda a tradução com um propósito. Por conseguinte, e tal como referem Cordingley e Manning (2017, p. 1), “[t]he popular image of the lonely translator is strikingly at odds with the reality of his or her work within the profession”. Isto significa que existe sempre, no geral, colaboração entre a pessoa que encomenda a tradução e o tradutor, nem que seja para pedir esclarecimentos ou fazer solicitações. Além disso, a colaboração manifesta-se em todas as outras situações, seja entre tradutores, tradutores e autores, tradutores e gestores de projeto, tradutores e

editoras, tradutores e revisores e, como já visto no contexto de teatro e ciência, entre tradutores e profissionais da ciência, entre tradutores e encenadores e entre tradutores e atores. Por esta razão, como ‘tradução colaborativa’ existe sempre, e uma vez que o termo está incluído no *Projeto de Tradução Colaborativa* da Marionet, será o termo adotado e utilizado ao longo deste Relatório. No entanto, há várias denominações para a prática de tradução colaborativa, que dependem da perspectiva dos autores, dos diferentes objetivos, motivações e até recursos utilizados pelos participantes em projetos de tradução.

Uma definição geral de tradução colaborativa é dada por Sharon O’Brien (2011, p. 17): “when two or more agents cooperate in some way to produce a translation” (Nord, 1997). De acordo com O’Brien, esse termo está intimamente ligado aos conceitos de “community translation, social translation, volunteer translation, fansubbing and crowdsourcing”. Para além destes termos que são utilizados muitas vezes como sinónimos de tradução colaborativa, encontram-se ainda “fan-based translation”, “user-generated translation”, “mass collaboration”, “amateur translation”, entre outros.

Note-se que o termo, como no caso do *Projeto de Tradução Colaborativa*, é utilizado para traduções que podem não ser realizadas por profissionais. Por este motivo, Anthony Pym (2011, p. 97) recomenda o uso de “volunteer translation” para destacar a característica mais problemática, uma vez que “[i]f a professional translator is one who receives monetary reward, then the opposite term should be ‘volunteer’ (qualifying the person, not the action)”. Contudo, tal como refere Jimenez-Crespo (2015, p. 61), “[t]he concepts of collaborative and volunteer translation do not fully overlap, in the sense that volunteerism does not necessarily involve collaborative translation”.

Também existe o termo ‘amateur translation’, que se refere a traduções efetuadas apenas por amadores, ou seja, não profissionais. No entanto, esse termo exclui totalmente a existência de qualquer especialista entre o grupo de tradutores, o que pode não corresponder a diversas iniciativas de tradução colaborativa.

Além disso, encontramos a tradução de fãs motivada pelo seu forte interesse no assunto, que está relacionada com o termo ‘Fan-based Translation’. Este termo está sobretudo associado ao aparecimento do “fansubbing” (legendagem de programas de televisão e anime), do “rom hacking” (adaptação de jogos) e da “scanlation” (livros de banda desenhada online)³¹. Contudo, novamente,

³¹ (Fernández Costales, 2013)

“even though User-generated Translation can be fuelled by strong interest on a given topic, the word ‘fan’ somehow excludes the involvement of professionals” (Perrino, 2009, p. 63).

O termo ‘crowdsourcing’, por outro lado, aproxima-se mais do conceito de tradução colaborativa visto que “means ‘outsourcing’ a translation, usually in chunks, to a varying community of translators, usually Native Translators and often unpaid volunteers” (Antonini *et al.*, 2017, p. 41). Este processo torna-se possível através de convites que são normalmente divulgados pela internet. Embora a definição de *crowdsourcing* e de tradução colaborativa possam parecer semelhantes, estas podem ser distinguidas a partir dos iniciadores do processo, sendo a primeira mais orientada para o mercado e a segunda mais centrada no utilizador (Fernández Costales, 2013).

Num artigo publicado na revista norte-americana *Wired*³² em 2006, o jornalista Jeff Howe utilizou pela primeira vez o termo *crowdsourcing*³³ (Kamalrudin *et al.*, 2018, p. 116). A este respeito, sublinhou o facto de *crowdsourcing* não ser o mesmo que *outsourcing*, uma vez que envolve um convite aberto a um grande número de pessoas e não a delegação de tarefas a elementos pré-determinados.

Além disso, Désilets e van der Meer (2011, pp. 29–30) definem a tradução colaborativa como um termo que engloba várias abordagens relacionadas com a colaboração, que incluem para além da própria tradução por *crowdsourcing* – plataformas de colaboração *online*, a partilha de bases terminológicas; a partilha de memórias de tradução, plataformas como o Proz.com (permitindo o encontro entre clientes e tradutores) e a pós-edição coletiva.

O *crowdsourcing* pode ser classificado como aberto ou fechado. No *crowdsourcing* aberto, qualquer voluntário pode participar, como é o caso de plataformas como o Facebook. Por outro lado, o *crowdsourcing* fechado limita a participação a um grupo selecionado, muitas vezes com base em conhecimentos ou qualificações específicas (Cordingley & Manning, 2017, p. 197).

Para uma melhor compreensão, elaborou-se um gráfico para realçar determinados aspetos abordados, em particular, o binómio tradutores profissionais/tradutores voluntários (destacado a azul), ou seja, o facto de o tradutor ser voluntário não significa que não seja profissional, tal como

³² <https://www.wired.com/2006/06/crowds/>

³³ O termo foi inspirado no livro de James Surowiecki *The Wisdom of Crowds* (Kamalrudin *et al.*, 2018, p. 116), que defende que a inteligência coletiva consegue ser superior à individual.

um tradutor voluntário também não é motivado apenas por lazer ou desenvolvimento pessoal/profissional, mas também o pode ser por razões altruístas:

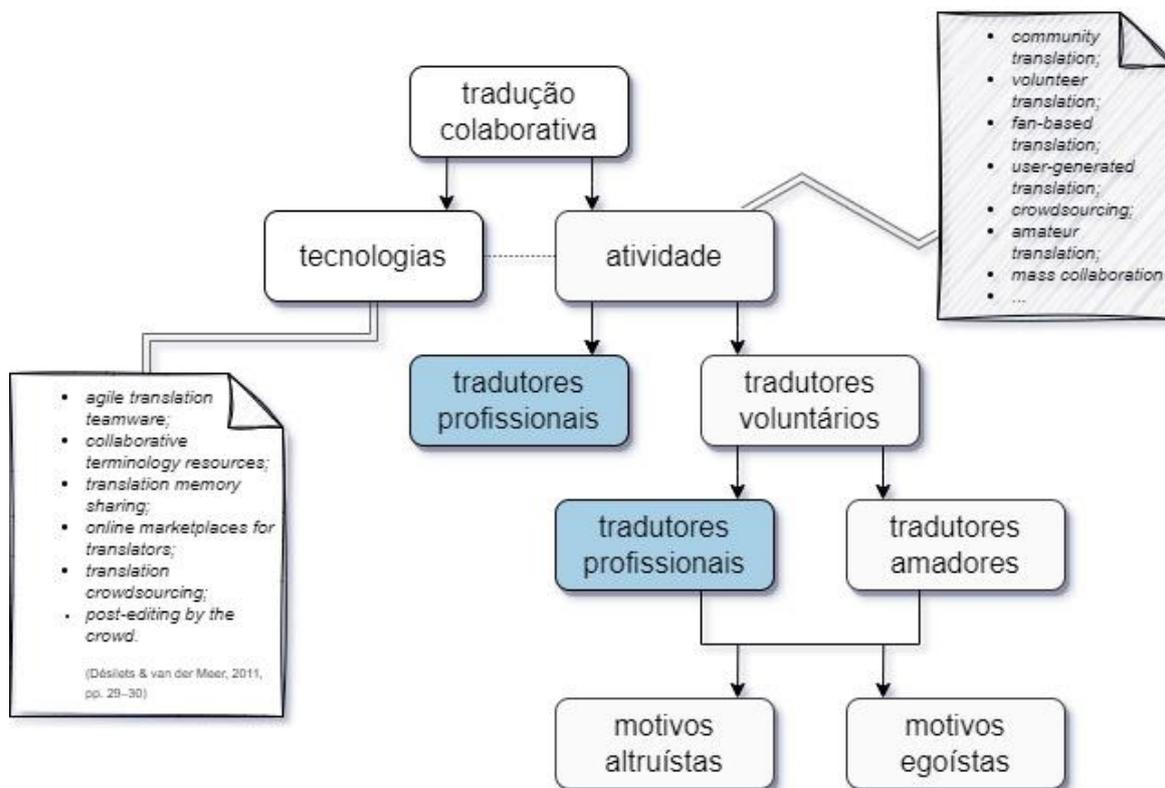


Gráfico 1 – Tradução Colaborativa

Do ponto de vista dos Estudos de Tradução, a tradução através do *crowdsourcing* constitui um modelo de tradução orientado para o consumidor, em que a tradução não se destina apenas ao público-alvo, mas é também produzida por esse mesmo público. Portanto, o público-alvo torna-se simultaneamente consumidor e produtor, ou melhor, passa de “consumer” a “prosumer” (Kopeć & Szopa, 2019, p. 145). Desta forma, se compararmos o processo de tradução no modelo de *crowdsourcing* com o processo no modelo tradicional de TEP (Translation-Editing-Proofreading), verificamos que diferem significativamente um do outro em vários aspetos. O planeamento e a preparação, a forma como a tradução é realizada, a atenção dada ao controlo de qualidade, a disponibilidade de informação, a tomada de decisões, as técnicas de *feedback* e a remuneração são alguns exemplos dessas variações. Uma tabela criada por Kelly, Ray & DePalma (Tabela 2 reproduzida abaixo) ilustra a forma como estes pontos são tratados em cada modelo.

Tabela 2 – Diferenças no processo de tradução entre o modelo TEP e o modelo de *crowdsourcing* (Kelly & Ray & DePalma, 2011, p. 83)

Process Issue	TEP Model	Collaborative Model
Reliance on planning and advanced preparation	Low	High
How translation activities are performed	Sequential process	Parallel / Simultaneous activities
Quality control focus	Error correction	Error prevention
Information availability	Limited by language pair or project team	Shared across the entire community
Decisionmaking	Select participants make subjective choices based on their individual knowledge and expertise	Large community of translators and experts arrive at group consensus
Feedback provision	Comments flow from all parties back to the project manager (single point of failure)	Real-time tagging allows information to be shared openly by all project participants
Compensation	Price per word model; more words equates to more money regardless of actual effort	Compensation reflects contributions to the process that are not necessarily tied to translated words (contextual insight, clarifications, edits, etc.)

De acordo com a informação que consta na tabela acima apresentada, poder-se-á verificar que, em contraste com o modelo tradicional de TEP, o modelo de tradução colaborativa funciona de forma mais dinâmica e interativa. Em vez de, por exemplo, reportarem os problemas a um gestor de projeto, os tradutores no modelo colaborativo podem beneficiar das ideias e soluções partilhadas por todos.

2.3.2 Tradução voluntária

De acordo com o exposto, fica claro que a maior parte do trabalho de tradução colaborativa/*crowdsourcing* é efetuada por voluntários que são frequentemente entusiastas do tema ou que pertencem a comunidades *online* para apoiar determinado produto, serviço ou causa. Assim sendo, não participam por serem pagos, mas por qualquer outra razão (Kelly *et al.*, 2011, p. 84). Por este motivo, a tradução colaborativa/*crowdsourcing* é frequentemente vista como um passatempo ou uma atividade de lazer.

2.3.2.1 Motivação dos voluntários

Segundo O'Brien (2011, p. 18), existem três tipos de motivações principais para a tradução colaborativa: a comercial, a social e a pessoal. Os casos mais bem-sucedidos têm ocorrido em contextos em que a equipa está emocionalmente envolvida com o conteúdo e/ou produtos, querendo ajudar a organização/associação a atingir o seu objetivo, sem remuneração, como é o caso do *Projeto de Tradução Colaborativa* da Marionet³⁴. Os participantes podem ter a motivação social e estarem dispostos a oferecer o seu tempo para tornar a informação disponível noutra língua e acessível a outros e de realizar uma tarefa para o bem da comunidade.

A realização pessoal e o orgulho de fazer parte de um projeto são também fatores determinantes para a motivação dos tradutores voluntários. Muitos participantes veem a tradução colaborativa como uma oportunidade para aperfeiçoar o seu domínio da língua e obter um *feedback* sobre o resultado. Embora as motivações possam ser variadas, há uma linha condutora no caso dos tradutores amadores, como refere Alberto Fernández Costales (2013, p. 5):

In any case, the different motivations of amateur translators can be categorized under the label of 'translated by fans for fans', as this generalization also constitutes the main feature common to all of them. One of the most famous examples of a rapid "fan" translation assignment was the adaptation of the last book in the Harry Potter series into Chinese in less than 48 hours by a group of amateur translators and volunteers (Munday 2008: 190).

As motivações dos participantes também podem ser divididas em intrínsecas – “self-improvement or enjoyment” – ou extrínsecas – “personal benefit, potential economic gain” (Cordingley & Manning, 2017, p. 200). Além disso, e como nota Maeve Olohan (2014, p. 19), os voluntários podem ser motivados por uma combinação de fatores, tendo um comportamento tanto

³⁴ As motivações dos voluntários do *Projeto de Tradução Colaborativa* da Marionet serão analisadas em detalhe no próximo capítulo.

altruísta como egoísta. Maeve Olohan utilizou a TED.com³⁵ como estudo de caso para analisar de forma qualitativa as motivações dos tradutores voluntários e sugere que o sucesso do recrutamento poderá dever-se ao facto de os fatores de motivação dos tradutores estarem em sintonia com a missão da TED. No entanto, a tradução colaborativa por voluntários pode ter implicações para a profissão como tradutor, uma vez que esbate as fronteiras entre a tradução profissional e não profissional (O'Brien, 2011) e levanta questões éticas (O'Hagan, 2009).

Assim, a secção seguinte visa percorrer essas várias preocupações éticas associadas à tradução voluntária.

2.3.2.2 Reflexões éticas

Existem algumas preocupações significativas quanto às implicações da tradução voluntária para a profissão e disciplina da Tradução. Enquanto investigadores continuam a trabalhar para reforçar o estatuto dos Estudos de Tradução como área académica, e tradutores profissionais exigem o reconhecimento da classe, encontram-se voluntários a realizar projetos de tradução sem remuneração. Deverão os tradutores preocupar-se com o número crescente de voluntários? Por que razão deverão os tradutores profissionais ficar satisfeitos quando voluntários fazem os seus trabalhos? Serão eles colaboradores ou adversários dos tradutores profissionais?

Do ponto de vista dos Estudos de Tradução, há vários aspetos relacionados com a tradução voluntária que devem ser considerados. As questões éticas são complexas e vão desde a falta de normas, a potencial exploração, a possível substituição de tradutores profissionais por tradutores amadores e a eventual falta de qualidade do trabalho devido aos tradutores amadores.

a) Trabalho não remunerado

Uma das questões éticas mais importantes no que respeita à tradução voluntária é a remuneração – ou, antes, a sua ausência. Como já referido anteriormente, muitos voluntários que traduzem fazem-no sem receber qualquer compensação financeira. Assim, levanta-se a questão da exploração do trabalho voluntário, sobretudo tendo em conta as empresas que lucram com este trabalho não remunerado. Isso foi visível, por exemplo, nos protestos de tradutores profissionais contra traduções não remuneradas em casos com fins lucrativos como o LinkedIn em 2009. Tal como explica McDonough Dolmaya (2011, p. 97):

³⁵ “TED disseminates video presentations by leading thinkers on technology and other current issues, providing transcripts of the talks in English, which are then translated into other languages and function as subtitles on the online video clip” (Olohan, 2014, p. 18).

In June 2009, LinkedIn, the online professional networking platform, invited its members to complete a survey about their interest in translating the LinkedIn website. However, when respondents were asked what kinds of incentives they would expect, only non-monetary options were offered. These ranged from nothing (“because it’s fun”) to recognition on translation leaderboards/user profiles (e.g., “You’re the #1 translator of LinkedIn in French”) or an upgraded LinkedIn account. Many professional translators (who represented about 50% of the 12,000 survey respondents) took offence to being asked to volunteer to translate for a commercial organization like LinkedIn, particularly one promoting itself as a networking site for professionals.

Este exemplo demonstra de forma evidente que a preocupação dos tradutores profissionais não era somente uma questão de remuneração, mas uma combinação de fatores, incluindo a forma como o pedido foi comunicado, a natureza do caso e as expectativas que eles tinham relativamente à maior e mais conhecida rede social profissional, que liga profissionais, empresas e oportunidades de carreira.

b) Papel dos profissionais

Em conformidade com McDonough Dolmaya (2011, p. 99), a questão ética da remuneração assume uma importância fundamental, uma vez que está frequentemente associada a noções de profissionalismo.

Para além da questão da remuneração, um dos pressupostos mais controversos é a ideia de que todos podem ser tradutores, o que não reconhece o verdadeiro papel dos tradutores profissionais com formação especializada que desempenham uma função indispensável. Os tradutores profissionais receiam que o voluntariado possa afetar a reputação da sua profissão, fazendo com que a tradução seja vista como um passatempo e não como uma profissão, o que pode degradar a imagem dos tradutores profissionais. Como resultado, pode levar futuros clientes a optar pela tradução voluntária e reduzir a vontade ou o valor a pagar aos tradutores profissionais.

Por outro lado, os termos ‘tradução amadora’ e ‘tradução profissional’ existem para realçar que são modelos e práticas distintas e que servem fins distintos. O mesmo acontece com o ‘teatro amador’ e o ‘teatro profissional’. Ambos têm o seu lugar, a sua própria estética e valor, por conseguinte, devem ser avaliados separadamente. De acordo com o ator Pedro Frias (RTP, 2021), que começou a fazer teatro na escola, depois teatro amador e posteriormente teatro profissional, “o teatro amador é quase como o primeiro degrau, a primeira escola. Para muitos é um *hobby*, para tantos outros é a forma de começar a construir uma carreira de ator e de atriz”. Portanto, muitos começam como amadores por causa do seu aspeto lúdico, mas muitas vezes acabam por procurar aperfeiçoamento e profissionalização. Em paralelo com a educação formal, podem continuar com

a formação informal, uma vez que, tal como conclui Frias (RTP, 2021), “sou amador porque amo aquilo que faço e sou profissional porque me pagam por aquilo que eu faço”.

Adicionalmente, também amadores e voluntários são vistos de forma diferentes, apesar de ambos contribuírem com o seu tempo e esforço sem remuneração. Como notam Nicholson *et al.* (2018, p. 4), “[t]he distinction between head and heart is captured in the language; the word volunteer derives from the Latin *voluntarius*—of free will, whereas amateur famously stems from *amateur*—to love”. Portanto, muitos tradutores profissionais podem ter começado como amadores e podem continuar a participar em iniciativas por paixão ou espírito voluntário.

c) Qualidade do trabalho

Em combinação com a falta de remuneração e de profissionais de tradução, surge a preocupação da falta de qualidade do trabalho por parte dos voluntários. Esta consideração pode ser vista como uma oportunidade para reforçar também a questão anterior da falta dos tradutores profissionais e desenvolver melhores práticas no âmbito da tradução colaborativa.

Embora algumas iniciativas sejam direcionadas para os profissionais, a maioria não o é, uma vez que um dos objetivos frequentes da tradução colaborativa voluntária é permitir a tradução de conteúdos que, de outra forma, não teriam sido traduzidos. No entanto, algumas organizações recorrem a tradutores profissionais para aprovarem e/ou reverem o trabalho como controlo de qualidade. A título de exemplo, pode-se mencionar a TED³⁶, onde tradutores voluntários inexperientes podem receber *feedback* por parte de tradutores ou revisores experientes, o que poderá constituir uma compensação do trabalho realizado, uma vez que estão a receber formação, ainda que de forma não convencional/formal. Além disso, também há organizações sem fins lucrativos como, por exemplo, a Translators without Borders³⁷, que realizam um teste de qualificação para garantir a qualidade e exatidão das traduções (*Volunteer Translators Application Form*, sem data). Este facto demonstra como a tradução colaborativa não implica necessariamente comprometer a qualidade, mas que, eventualmente, uma maior colaboração entre tradutores profissionais e amadores e/ou uma seleção criteriosa dos tradutores e um procedimento de controlo de qualidade podem conduzir a melhores resultados.

Por conseguinte, a ideia de que os tradutores amadores substituem os tradutores profissionais contradiz-se com a constatação de que podem até, como referem Désilets e van der

³⁶ Mais informações em: <https://www.ted.com/participate/translate/volunteer-roles>

³⁷ A Translators without Borders (TWB) apresenta-se como “a global community of over 100,000 language volunteers who provide language services to humanitarian and development organisations around the world” (Translators without Borders, sem data).

Meer (2011, p. 34), “open new types of jobs for professionals, for example, community management and coaching”.

No entanto, importa realçar que, tal como o teatro amador pode ser erradamente visto como inferior ao teatro profissional, os tradutores amadores podem produzir resultados igualmente de qualidade, por poderem estar bem informados e familiarizados com o tema, assunto ou área em questão, e por possuírem competências no par de línguas.

Ainda no âmbito da qualidade da tradução colaborativa, surge a questão da “descontextualização” (Désilets & Van Der Meer, 2011, p. 34). Ao dividir o texto em várias secções e distribuí-las pelos vários participantes, a estratégia de tradução colaborativa permite a tradução de conteúdos que seriam difíceis de completar por um único tradutor num tempo limitado. Esta distribuição do trabalho possibilita aos vários tradutores que trabalhem simultaneamente nas diferentes secções, acelerando bastante o processo de tradução. No entanto, apesar das vantagens, esta divisão pode levar a alguns problemas, nomeadamente de inconsistência, e afetar a qualidade da tradução, pelo que o papel do revisor e a utilização de fóruns de discussão se tornam fundamentais para a compreensão geral e para a qualidade e consistência do resultado final.

d) O caso da Marionet

Em resumo, as implicações éticas e os vários problemas mencionados associados à tradução colaborativa dependem em grande medida da natureza da iniciativa – quer seja *product-driven*, *cause-driven* ou *outsourcing-driven* – bem como da forma como é organizada e comunicada ao público em geral (McDonough Dolmaya, 2011, p. 106).

Alguns autores (por exemplo, Howe, 2008, p. 15) defendem que cabe aos voluntários decidir se o seu trabalho é ou não percecionado como exploração, enquanto outros (por exemplo, McDonough Dolmaya, 2011, p. 101) criticam esta visão e sublinham que as organizações/empresas que beneficiem de tradutores voluntários têm uma responsabilidade com implicações éticas.

No caso da Marionet, os voluntários e os próprios membros desta associação sem fins lucrativos juntam-se para traduzir, ler e apreciar teatro com ciência. Este cenário contrasta claramente com o de uma entidade com fins lucrativos que explora os contributos dos seus voluntários, potencialmente sem saber os nomes dos participantes e comprometendo assim a importância da atividade profissional.

Os voluntários do *Projeto de Tradução Colaborativa* não terão de enfrentar o problema da invisibilidade dos tradutores, uma vez que logo ao virar da página da capa da obra traduzida estão presentes todos os nomes que colaboraram na obra, incluindo os dos voluntários.

No teatro Marionet, onde se levou a cabo o *Projeto de Tradução Colaborativa* e a iniciativa *Ler Teatro com Ciência*, sentiu-se um profundo respeito e apreciação pelo trabalho de tradução, demonstrado pela presença conjunta de tradutores amadores e de profissionais, através de expressões como “é mesmo um mundo mágico e é super interessante também ver como a própria tradução é um ato extremamente dramático em si” (Cátia Soares³⁸, 2022). Portanto, a iniciativa da Marionet distancia-se das demais e corresponde ao lema “translated by fans for fans”, onde os fãs (membros da equipa da Marionet e voluntários) transformam a interseção de teatro, ciência e tradução numa experiência colaborativa, onde todos são reconhecidos pelo seu trabalho.

2.3.3 Utilização de boas práticas

Como se pode ver ao longo deste capítulo, a tradução colaborativa tem várias possibilidades de concretização e desafios que têm de ser ultrapassados. À medida que esta prática se torna mais proeminente, torna-se evidente a necessidade de implementar boas práticas na tradução colaborativa. Por este motivo, nesta secção, analisar-se-ão as boas práticas de tradução colaborativa, tanto no que respeita à iniciativa como aos participantes.

2.3.3.1 Boas práticas para o sucesso da iniciativa

Désilets e van der Meer (2011, pp. 31–34) apresentam desafios comuns encontrados nas iniciativas de tradução colaborativa, nomeadamente os objetivos da empresa, o controlo da qualidade, a motivação dos participantes, o papel dos profissionais e o paralelismo e a descontextualização.

Em vista disso, qualquer organização, empresa ou associação que recorra à tradução colaborativa pode beneficiar da aplicação de boas práticas. Num *workshop* de um dia com profissionais de várias organizações, Désilets e van der Meer organizaram *design patterns* para a tradução colaborativa, resultando em 53 boas práticas divididas em seis temas. O repositório criado pelos autores destina-se a ajudar indivíduos e organizações que estejam envolvidos na implementação de iniciativas de tradução colaborativa, já que “different types of organizations need different kinds of practices”.

³⁸ A afirmação de Cátia Soares, uma voluntária dedicada do *Projeto de Tradução Colaborativa*, está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PCOjcSjZqr4&t=144s>

Seguem-se os seis temas, juntamente com uma breve descrição de cada um de acordo com os autores (2011, pp. 38–40):

Planning and Scoping: Práticas que são cruciais antes de se iniciar um projeto de tradução colaborativa, que envolvem alinhar as expectativas das partes interessadas, esclarecer as expectativas dos tradutores, ter planos de *backup*, estabelecer momentos de verificação do projeto e nomear um gestor de projeto.

Community Motivation: As práticas deste tema centram-se no processo de recrutamento, retenção e motivação dos participantes, o que inclui o seu reconhecimento, a utilização de classificações, recompensas e certificados, etc.

Quality: Práticas para garantir a qualidade como, por exemplo, publicação e revisão, testes de qualificação de entrada e revisão por pares.

Contributor Career Path: Práticas que permitem aos participantes progredir nas suas funções e contribuir de forma significativa.

Right-Sizing: Práticas que ajudam a gerir iniciativas, como a dimensão adequada de projetos e equipas, etc.

Tools and Processes: Práticas relacionadas com recursos e processos, como por exemplo, fornecer contexto, tradução no local e fóruns de discussão.

2.3.3.2 Boas Práticas para os tradutores voluntários

Desilets e van de Meer (2011, p. 41) concluíram no seu repositório que as boas práticas de *crowdsourcing* de tradução são semelhantes às boas práticas noutros domínios de *crowdsourcing*. Por este motivo, qualquer domínio poderá beneficiar com um Guia de Boas Práticas.

Embora existam estudos/associações/organizações³⁹ que descrevem algumas práticas a implementar na tradução colaborativa, torna-se evidente a necessidade da criação de um Guia de Boas Práticas ajustado para cada iniciativa.

Em comparação com um guia de estilo, que é “a rule-driven document that sets the parameters for consistency and acceptability of all written materials produced by an organization” (Adhya, 2015, p. 183), um Guia de Boas Práticas é um instrumento abrangente e dinâmico que

³⁹ A organização sem fins lucrativos TED disponibiliza aos voluntários guias e tutoriais sobre as melhores práticas de legendagem. Mais informações em: <https://www.ted.com/participate/translate/guidelines>.

oferece soluções práticas, orientações e recomendações para alcançar melhores resultados numa realidade específica, que neste caso é a companhia de teatro Marionet. Portanto, um guia pretende ajudar os tradutores voluntários. Mas como elaborar um Guia de Boas Práticas? O guia elaborado para a Marionet, que será explicado em pormenor no próximo capítulo, reflete os critérios seguintes:

Planeamento e adaptação à realidade específica: à semelhança do que foi apontado por Désilets e van der Meer na secção anterior, a fase inicial para a elaboração de um Guia de Boas Práticas também implica um planeamento, a definição de objetivos claros e a identificação dos aspetos que devem ser abrangidos. Cada iniciativa de tradução colaborativa tem desafios únicos e um Guia de Boas Práticas deve adotar soluções para o seu próprio contexto. No âmbito do *Projeto de Tradução Colaborativa* da Marionet, em que os utilizadores são tradutores voluntários e o revisor, torna-se fundamental ter em conta as suas expectativas e adaptar o guia às suas necessidades específicas através de, por exemplo, inquéritos e/ou entrevistas, como se explicará no capítulo seguinte.

Organização: para além da relevância do conteúdo, uma estruturação clara é essencial para garantir que o Guia seja claro, coerente, acessível e que permita aos tradutores concentrarem-se na sua tarefa principal sem desperdizarem tempo na compreensão do documento.

Informações a incluir: a tradução colaborativa envolve frequentemente um conjunto de tradutores voluntários com diferentes níveis de especialização. Consequentemente, torna-se difícil determinar o que deve ser incluído no Guia de Boas Práticas para o tornar acessível a todos os participantes. Ao elaborar um guia, deve conhecer-se os participantes para encontrar o equilíbrio que assegure que o guia beneficie todos.

Atualização do documento: em vez de ser um documento estático, um Guia de Boas Práticas deve ser objeto de atualizações e modificações regulares, de forma a acompanhar a evolução da própria língua e de ajudar na resolução de potenciais problemas novos, identificados pelo *feedback* do revisor.

De forma sucinta, o esforço despendido na criação de um Guia de Boas Práticas é compensatório, na medida em que traz vantagens tanto para os tradutores como para a iniciativa, ao mesmo tempo que ajuda a resolver eventuais faltas de comunicação, reduz o tempo necessário para a pesquisa e a revisão, melhora a experiência, aumenta a consistência, aumenta a produtividade, uniformiza procedimentos e melhora a qualidade geral. Portanto, e com base nos

temas propostos por Alain Désilets e Jaap van der Meer, um Guia de Boas Práticas enquadrar-se-ia tanto no tema “quality” como no “tools and processes”, uma vez que envolve soluções e estratégias que contribuem para melhores resultados.

3. RECOLHA E ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo III, apresenta-se a metodologia que serviu de base à elaboração do Guia de Boas Práticas, nomeadamente a entrevista e o inquérito. Em primeiro lugar, explicar-se-á a preparação e a realização da entrevista, bem como a conceção do inquérito, o número de respostas obtidas e o meio utilizado. Posteriormente, proceder-se-á a uma reflexão e a uma análise sobre os resultados, ou seja, as respostas do entrevistado e dos inquiridos.

Neste contexto, pretende compreender-se as dificuldades e/ou desafios da tradução colaborativa de textos teatrais relacionados com a ciência sentidas pelos participantes, de modo a criar um Guia de Boas Práticas para os tentar ultrapassar. Para o efeito, realizou-se então uma entrevista com o revisor e um inquérito aos tradutores voluntários do *Projeto de Tradução Colaborativa*, de forma a obter uma visão geral dos participantes e das suas práticas.

3.1 Entrevista ao revisor do *Projeto de Tradução Colaborativa*

O revisor, Vicente Paredes, foi contactado por *e-mail* e, após a descrição dos objetivos, foi solicitada uma entrevista que foi realizada no dia 13 de fevereiro. Esta teve lugar no espaço da Marionet, com autorização⁴⁰ para ser gravada num dictafone, e teve a duração aproximada de 40 minutos. Posteriormente, transcreveu-se e apagou-se a gravação.

3.1.1 O guião da entrevista

O guião da entrevista foi concebido de forma a permitir um fluxo natural e espontâneo de argumentação por parte do entrevistado. As perguntas foram abertas, mas com a possibilidade de se poderem formular outras perguntas com base nas respostas do entrevistado.

Tendo em conta a ligação com o entrevistador, a entrevista desenrolou-se num registo informal para evitar qualquer sensação de falta de naturalidade. As perguntas da entrevista completa, que se podem encontrar nos anexos do presente Relatório, procuravam incidir sobre as seguintes questões resumidas:

- Qual a função da tradução e como surgiram o *Projeto de Tradução Colaborativa* e o *Ler Teatro com Ciência*?
- Como se captam os tradutores voluntários? Qual a motivação? Como conduzem o processo de tradução e quais os desafios que enfrentam? Existe um fórum de comunicação? Quem participa?

⁴⁰ Consentimento informado disponível em anexo.

- Qual o *feedback* fornecido? Quais são as estratégias e os desafios da revisão? Quais as expectativas quanto ao Guia de Boas Práticas? O que pode facilitar a tarefa de tradução/revisão?

Nesta entrevista, visou compreender-se o ponto de vista do revisor, que serviu de base para a formulação de algumas perguntas do inquérito. Posteriormente, a entrevista serviu para encontrar pontos em comum num Guia de Boas Práticas que ajudasse tanto os tradutores voluntários como o revisor.

3.1.2 Breve apresentação do entrevistado

O entrevistado, Vicente Paredes, desempenhou um papel fundamental durante o estágio e continua a ser um elemento essencial no *Projeto de Tradução Colaborativa*. Como mencionado anteriormente, ele não assume apenas a função de produtor, mas também a atual função de revisor no âmbito deste projeto. Paredes possui uma licenciatura em Estudos Artísticos e pretende concluir o Mestrado com especificação na área de Estudos Teatrais e Performativos. Para além de revisor das traduções de inglês para português, participa também como tradutor voluntário e desempenha a função de gestor de projetos, fornecendo toda a informação necessária aos voluntários.

Durante a entrevista, Paredes explicou que apenas começou a trabalhar com a área da tradução quando entrou para a Marionet e que a tarefa de revisor já tinha sido assumida por um colega. Após começar a trabalhar neste projeto, passou a considerar a revisão ainda mais difícil do que a própria tradução.

3.1.3 O trabalho multifuncional, desafios e sugestões do entrevistado

Segundo Paredes, a Marionet utiliza vários meios de comunicação para captar voluntários, como a Rádio Universidade de Coimbra (RUC), as redes sociais e uma *mailing list* de antigos tradutores. Para além disso, também foi mencionado que alguns voluntários tomaram conhecimento do projeto por meio de terceiros. O revisor acredita que a motivação dos voluntários é semelhante à sua – criar em conjunto.

No entanto, apesar de existir um grupo no Facebook para a equipa de voluntários, Paredes confessou que não há comunicação dentro do grupo. Os voluntários preferem esclarecer as suas dúvidas com ele ou não as abordar de todo. O revisor mostrou-se compreensivo quanto à escolha dos voluntários em contactá-lo, mas também concordou com os benefícios de um envolvimento ativo no grupo do Facebook.

Na qualidade de tradutor voluntário, Paredes, utiliza sobretudo o dicionário multilingue Linguee, mas também recorre ao sistema de tradução automática Google Tradutor antes de procurar fontes mais fiáveis, e acredita, que os restantes tradutores trabalhem da mesma forma.

Na qualidade de gestor de projetos, cria uma folha Excel para se orientar na divisão dos excertos com os nomes dos voluntários, as partes a traduzir e as datas de envio e de devolução. Na encomenda de tradução, solicita aos voluntários para manterem a formatação original, fornece contexto adicional sobre o texto de partida (informações sobre as personagens, o local e o tempo) e, por vezes, para garantir a consistência terminológica, fornece a tradução de termos específicos.

Na qualidade de revisor, com um papel e uma caneta, torna-se a memória de tradução e a base terminológica do projeto. A título de exemplo, utiliza a função “localizar” do Word para detetar expressões/palavras repetidas que devem ser traduzidas de forma consistente. Quando recebe os textos individuais, começa de imediato à procura de pequenas correções e/ou ajustes na formatação antes de proceder a uma revisão completa. Apesar de Paredes explicar que os erros variam de texto para texto, depara-se frequentemente com o português do Brasil e tem de ajustar a formatação em praticamente todos os textos.

Em suma, a entrevista contribuiu para a identificação de alguns aspetos a ter em conta na elaboração do Guia de Boas Práticas. Verificou-se que há falta de comunicação por parte dos voluntários no grupo do Facebook, problemas com a formatação e falta de familiaridade com a possibilidade de inserir notas dos tradutores. Na última pergunta da entrevista, Paredes recomendou ainda que o Guia de Boas Práticas fosse simples, organizado e incluísse exemplos para ajudar os voluntários a orientarem-se de forma rápida e evitar sobrecarregá-los com demasiados detalhes.

3.2 Inquérito aos tradutores voluntários do *Projeto de Tradução Colaborativa*

No que respeita ao inquérito, criou-se um modelo de raiz a partir da plataforma Google Forms, de resposta anónima, a fim de analisar o trabalho dos voluntários da iniciativa *Projeto de Tradução Colaborativa*. O inquérito visa responder à questão: quais os aspetos que podem ser úteis no Guia de Boas Práticas? Para o efeito, formularam-se 26 questões no total, das quais 3 perguntas abertas (de resposta curta) para recolher dados qualitativos e 23 de perguntas fechadas (12 de múltipla escolha, 8 de caixas de seleção e 3 de grelha de múltipla escolha) para recolher dados quantitativos. Para as questões de grelha de múltipla escolha⁴¹, aplicou-se uma vez a escala de Thurstone⁴² para medir as opiniões dos voluntários, e uma escala de frequência de 5 pontos que variava de “muitas vezes” a “nunca”. Todas as questões serão explicadas em pormenor na parte seguinte e estão divididas em três secções. O número de participantes que selecionaram a mesma resposta encontra-se indicado entre parênteses.

Além disso, importa mencionar que o inquérito incidiu exclusivamente sobre os tradutores voluntários que participam e/ou participaram no *Projeto de Tradução Colaborativa*. Para garantir uma maior quantidade de respostas e que a mensagem não passasse despercebida, o inquérito foi enviado por *e-mail* a todos os voluntários por intermédio do produtor, Paredes. Ao utilizar este método, pretendia chegar-se diretamente aos participantes visados através de um *e-mail* já conhecido.

Com a ajuda de Paredes, que distribuiu o inquérito no dia 1 de março e enviou um lembrete aos participantes no dia 8 de março, tornou-se possível alcançar 18 respostas ao inquérito no espaço de apenas duas semanas.

3.2.1 Questões e respostas do inquérito

No total, formularam-se 26 questões com o objetivo de obter uma resposta tão clara quanto possível à pergunta de investigação mencionada acima. No entanto, de acordo com as boas práticas em matéria de inquéritos, começa-se por solicitar o consentimento informado dos participantes e abordar a proteção de dados, apresentando o objetivo do inquérito, sublinhando a participação voluntária, as garantias de confidencialidade e o anonimato, o esclarecimento da utilização dos dados apenas para fins estatísticos e académicos, a indicação de que não existem respostas certas ou erradas e a duração estimada no caso, de 10 minutos.

⁴¹ Grelha onde os inquiridos podem selecionar uma resposta por linha (Editores do Google Docs Ajuda, 2023).

⁴² 1: muito mau; 2: mau; 3: razoável; 4: bom; 5: muito bom (LabX, 2021).

Após lerem o consentimento informado e aceitarem participar, inicia-se então a primeira secção de perguntas sobre os voluntários, a fim de obter uma visão geral e avaliar a sua ligação com a área da tradução.

3.2.1.1 Secção I

1. Identidade de género

18 respostas

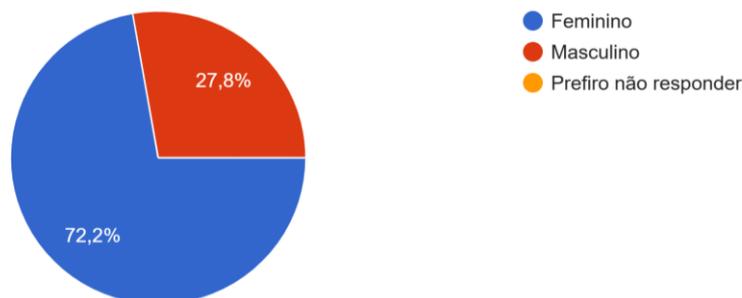


Gráfico 2 – Identidade de género

2. Idade

18 respostas

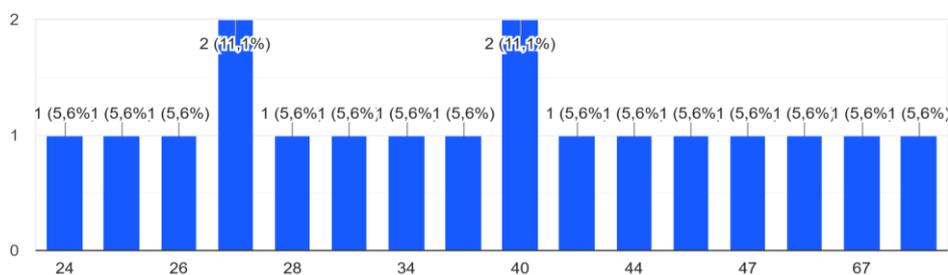


Gráfico 3 – Idade dos voluntários

O gráfico circular 2 mostra efetivamente que a grande maioria dos participantes é do género feminino (13), e o gráfico de barras 3, apesar da ambiguidade da escala relativamente à última coluna, que os participantes têm idades compreendidas entre os 24 e os 75. Estes resultados evidenciam a capacidade de a Marionet conseguir atrair um vasto grupo de participantes e proporcionar um encontro entre diferentes gerações que partilham experiências e conhecimento. Esta capacidade de envolver e entusiasmar voluntários de diferentes faixas etárias comprova a experiência enriquecedora e interessante que esta iniciativa representa para todos.

3. Nacionalidade

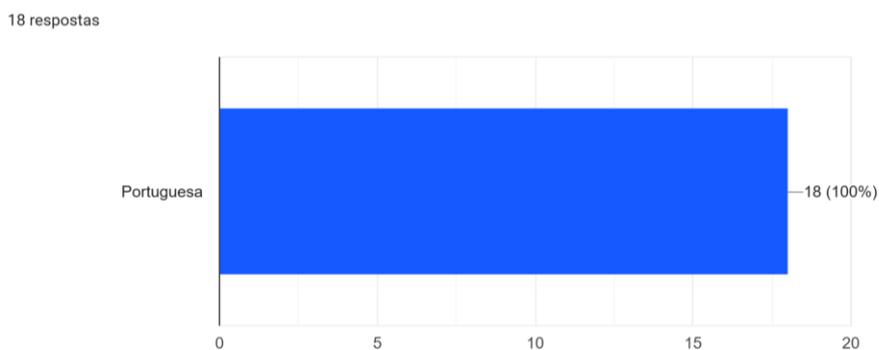


Gráfico 4 – Nacionalidade

4. Escolaridade

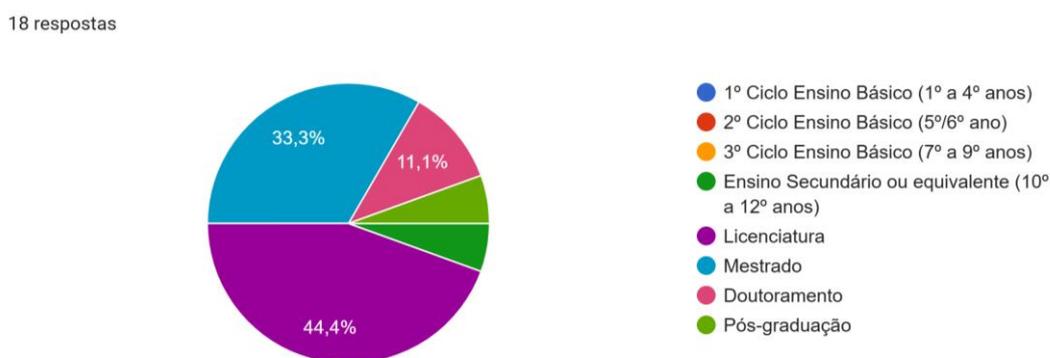


Gráfico 5 – Nível de escolaridade

No gráfico 4, constata-se que todos os inquiridos (18) são de nacionalidade portuguesa, contrariamente à expectativa da presença de inquiridos de nacionalidade brasileira. Quanto ao nível de escolaridade, o gráfico 5 revela que a maioria dos participantes possui o grau de licenciatura (8), seguindo-se o mestrado (6), o doutoramento (2), a pós-graduação (1) e o ensino secundário ou equivalente (1). Os dados realçam a formação académica dos participantes, revelando um elevado nível de conhecimento, o que prova que os participantes possuem um nível de conhecimento equilibrado entre eles. No entanto, importa reconhecer que nem todos os participantes responderam ao inquérito, o que foi tido em conta na elaboração do Guia de Boas Práticas.

5. A sua formação abrange línguas e/ou tradução?⁴³

18 respostas

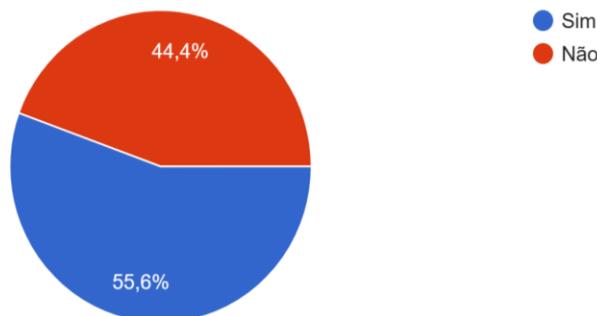


Gráfico 6 – Formação em línguas e/ou tradução

6. Para além do português, que línguas domina?

18 respostas

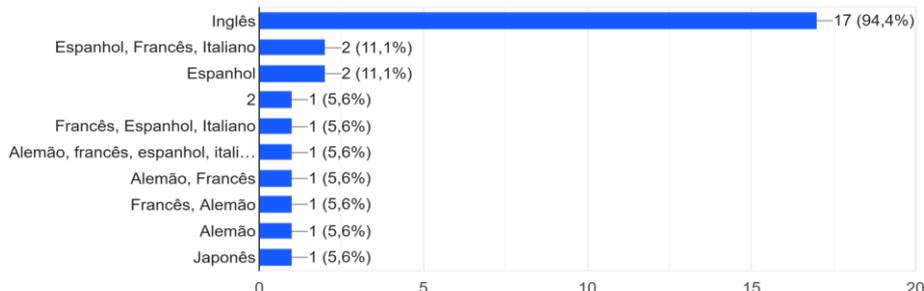


Gráfico 7 – Conhecimentos linguísticos

6.1 Qual o seu nível de domínio dessas línguas?

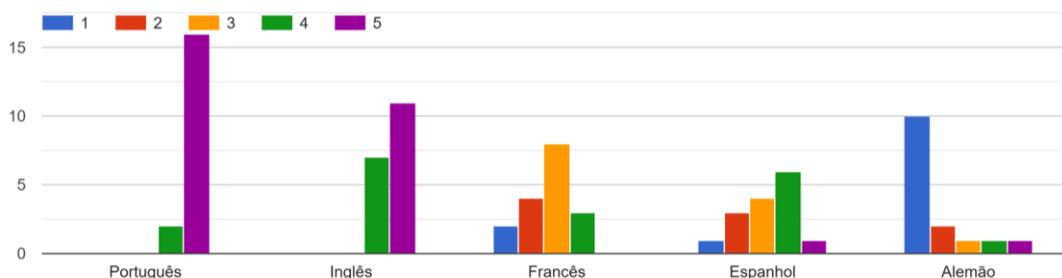


Gráfico 8 – Nível de domínio linguístico

Dos participantes, torna-se evidente através do Gráfico 6 que mais de metade (10) possuem uma formação que abrange línguas e/ou tradução. Adicionalmente, verifica-se nos Gráficos 7 e 8 que os participantes não só dominam o português (tendo 16 voluntários respondido que dominam a sua língua materna a nível 5, numa escala que vai de 1: muito mau a 5: muito bom), mas também

⁴³ Em retrospectiva, considera-se que esta pergunta do inquérito deveria ter sido subdividida em duas.

demonstram competência em outras línguas. Especificamente, e tal como previsto, destaca-se o inglês (tendo 11 voluntários respondido que o dominam a nível 5, e 7 a nível 4) para além do espanhol (6), francês (6), italiano (3), alemão (4) e japonês (1).

7. Qual é a sua profissão atual?

Em resposta à última pergunta desta secção, sobre a sua profissão, os voluntários apresentaram um leque diversificado de ocupações. Entre os participantes, encontram-se uma produtora teatral, um produtor cultural, um engenheiro civil, duas professoras (sendo uma de línguas), um músico, uma investigadora, duas aposentadas, uma desempregada (estudante do ensino superior), uma *freelancer* Intérprete do Património (guia, formadora... Cultura e Turismo), uma produtora, uma estudante, uma administrativa, um/a trabalhador/a de Hotelaria e Turismo⁴⁴, uma revisora de texto, um professor e um criador, performer e tradutor.

⁴⁴ Neste caso, a inquirida indicou exclusivamente o seu setor de trabalho sem especificar mais pormenores. No entanto, após o cruzamento com os dados relativos ao género, verificou-se que a inquirida era do género feminino.

3.2.1.2 Secção II

Na segunda secção do inquérito, as perguntas incidiram especificamente sobre a participação na(s) iniciativa(s). Pretendia-se com estas perguntas obter uma visão do envolvimento dos voluntários, das suas motivações para participar e da forma como avaliavam as traduções.

1. Quantas vezes participou neste *Projeto de Tradução Colaborativa* da Marionet?

18 respostas

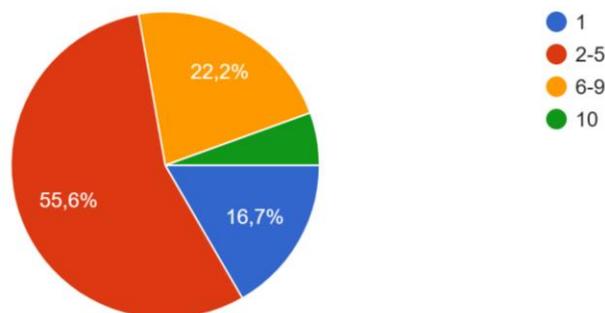


Gráfico 9 – Frequência de participação no *Projeto de Tradução Colaborativa*

2. Participa também na sessão de leitura do *Ler Teatro com Ciência*?

18 respostas

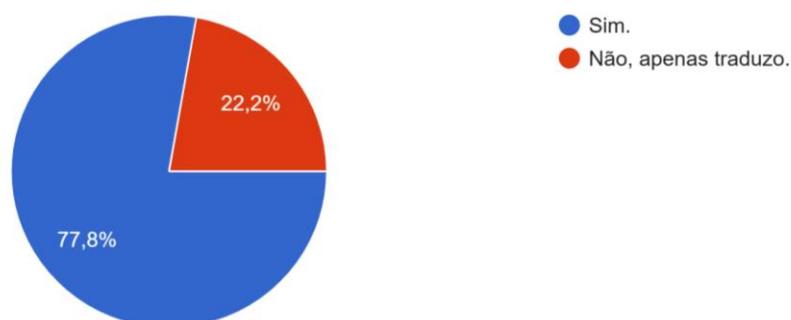


Gráfico 10 – Participação no *Ler Teatro com Ciência*

O resultado dos gráficos mostra que a maioria dos voluntários participou mais do que uma vez no *Projeto de Tradução Colaborativa* (15) e que nem todos (4) participaram na sessão de leitura do *Ler Teatro com Ciência*. Assim, sublinha-se a natureza autónoma dos projetos, em que os participantes podem optar por participar apenas num ou em ambos, consoante a sua disponibilidade e interesse pessoal.

3. Porque decidiu participar no *Projeto de Tradução Colaborativa* da Marionet?⁴⁵

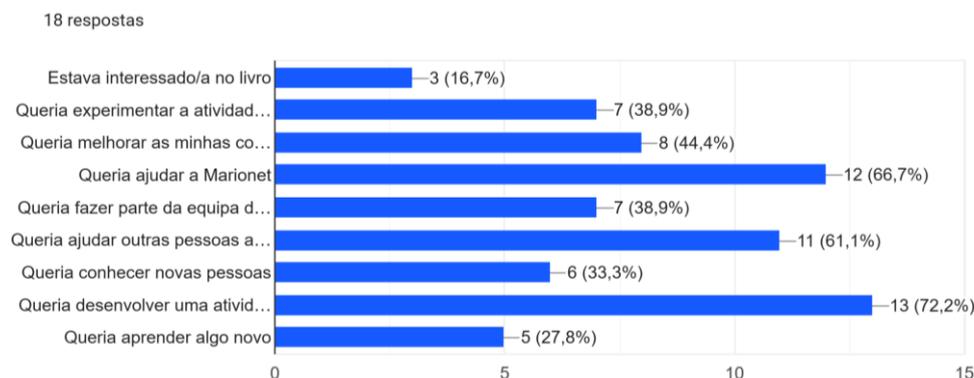


Gráfico 11 – Motivação dos voluntários

Em relação aos motivos que levaram à participação dos voluntários no *Projeto de Tradução Colaborativa*, os fatores que influenciaram a sua decisão foram variados entre as opções fornecidas. Para a maior parte (13), o desejo de desenvolver uma atividade intelectualmente estimulante é uma das razões, seguida por querer ajudar a Marionet (12). Além destas, todas as outras opções também foram selecionadas por esta ordem, da mais para a menos escolhida: desejo de ajudar outras pessoas a ter acesso à peça em português (11); melhorar as competências de tradução (8); experimentar a atividade de tradução (7); fazer parte da equipa de voluntários da Marionet (7); conhecer novas pessoas (6); aprender algo novo (5) e estar interessado/a no livro (3).

Como Olohan (2014, p. 29) sugere uma abordagem de métodos mistos (que combina análises qualitativas e quantitativas) para obter uma compreensão mais completa das motivações, seguindo-se esta linha de investigação, importa referir que os participantes tinham a oportunidade de acrescentar uma outra motivação, mas abstiveram-se de o fazer. No entanto, à semelhança da análise de Olohan aos tradutores voluntários da TED, as respostas dos tradutores voluntários do *Projeto de Tradução Colaborativa* revelam vários fatores motivacionais, alinhados, em parte, com as próprias motivações da Marionet.

Em suma, as motivações mais selecionadas pelos tradutores voluntários da Marionet podem ser classificadas como intrínsecas, nomeadamente o desejo de desenvolver uma atividade intelectualmente estimulante; querer ajudar a Marionet e querer ajudar outras pessoas a ter acesso à peça em português. Talvez as únicas motivações que poderiam ser confundidas entre intrínsecas (como, por exemplo, fatores sociais ou comunitários) e extrínsecas (como, por exemplo, fatores

⁴⁵ Os inquiridos podiam assinalar mais do que uma resposta.

ligados à carreira), dependendo das razões subjacentes do voluntário, seriam melhorar as competências de tradução e conhecer novas pessoas.

4. Compara a sua tradução com possíveis alterações no texto final que é lido nas sessões de *Ler Teatro com Ciência?*

18 respostas

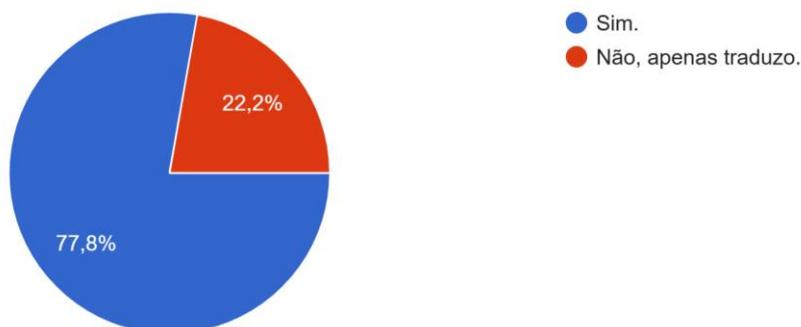


Gráfico 12 – Comparação da tradução com o texto final

Na última pergunta da segunda secção, 77,8% (14) dos participantes indicaram que comparam as suas traduções com o texto final. Ao envolverem-se neste processo comparativo, os voluntários podem avaliar o seu trabalho e identificar os pontos a melhorar. Esta avaliação autocrítica demonstra o empenho, a consciência e o cuidado por parte dos voluntários, bem como a sua vontade de receber *feedback* e de aprender com as perspetivas e sugestões dos outros. Por outras palavras, os próprios voluntários contribuem para o controlo de qualidade, uma vez que comparam o seu trabalho com a versão final e identificam problemas que podem ser evitados em futuras traduções.

3.2.1.3 Secção III

Na terceira e crucial secção, procurou-se descobrir como os voluntários encaravam o seu trabalho e obter informações sobre o seu processo de tradução. As questões que se seguem podem ser resumidas à frequência com que pesquisam, o que fazem ao longo do processo, o tempo que dedicam à tradução e à pesquisa, os recursos que utilizam, o conhecimento que têm dos serviços dos motores de busca, os aspetos-chave a que prestam atenção, se verificam as traduções existentes, o conhecimento das notas de tradutor, o uso de corretor ortográfico, o conhecimento do grupo privado para esclarecimento de dúvidas e os problemas mais comuns com que se deparam durante o processo de tradução.

Além disso, como pergunta final e opcional desta secção, foi colocada uma questão aberta aos tradutores, convidando-os a fornecer sugestões sobre os aspetos que gostariam de ver incluídos no Guia de Boas Práticas e que poderiam melhorar o seu trabalho.

1. Para esta questão, parta do princípio de que o processo de tradução consiste nas três fases seguintes:

Preparar

Traduzir

Rever

Por favor, indique a(s) fase(s) em que fez pesquisa e com que frequência.

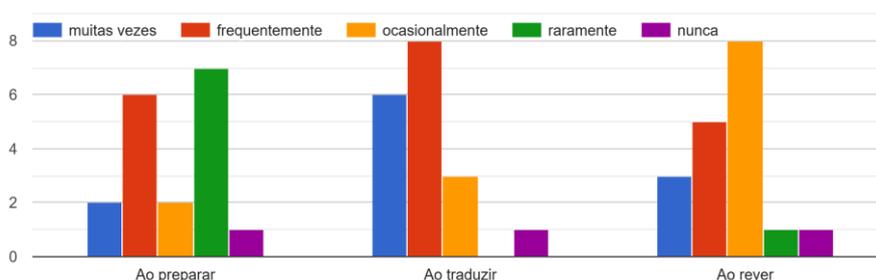


Gráfico 13 – Fases e frequência de pesquisa

Em primeiro lugar, os participantes foram convidados a avaliar a frequência da pesquisa durante a fase de preparação, tradução e revisão. Foram dadas cinco opções de resposta: muitas vezes, frequentemente, ocasionalmente, raramente e nunca. Deste modo, os participantes tinham uma escolha bastante ampla. Na fase de preparação, a maioria dos voluntários indicou que pesquisava “raramente” (7). No entanto, no que diz respeito à fase de tradução, a resposta mais comum foi “frequentemente” (8). Na fase de revisão, os voluntários selecionaram principalmente “ocasionalmente” (8). Com este resultado, verifica-se que os voluntários dão mais ênfase à pesquisa na fase de tradução.

2. Destas alternativas, o que fez ao longo de todo o processo?⁴⁶

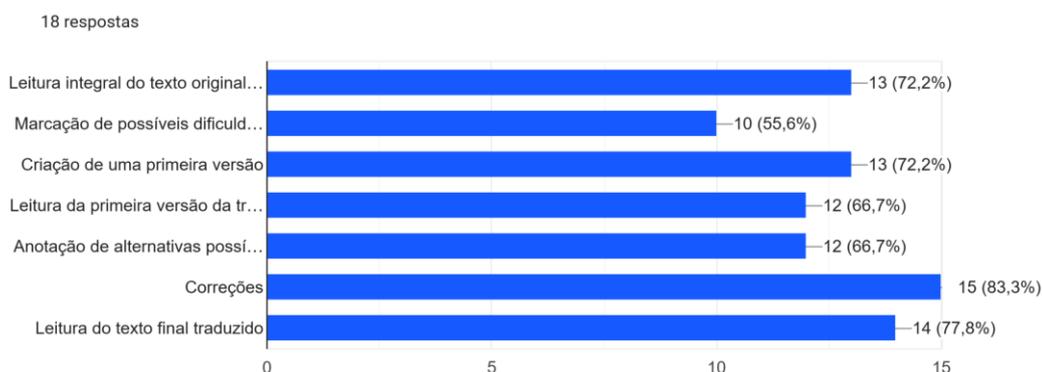


Gráfico 14 – Etapas ao longo do processo de tradução

Para além da pesquisa, os voluntários passam por outras etapas durante o processo de tradução. Com base nos resultados, constata-se que a maioria dos inquiridos efetua correções (15), lê o texto final traduzido (14), lê o texto original recebido na íntegra (13), e produz um primeiro rascunho (13). Já 66,7% (12) dos inquiridos também leem a primeira versão da tradução e anotam alternativas, e 55,6% (10) assinalam possíveis dificuldades e/ou problemas

3. Quanto tempo demora a traduzir uma página aproximadamente?

18 respostas

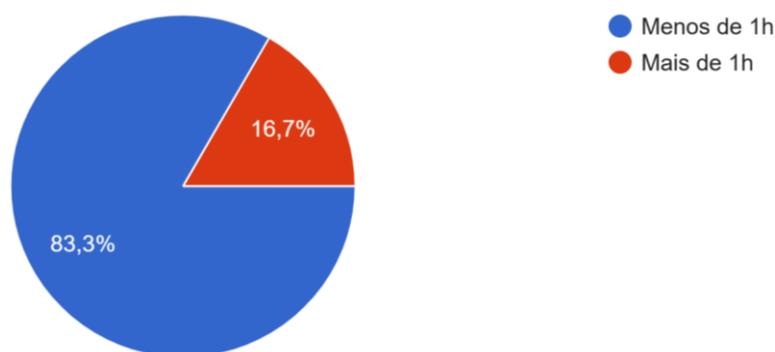


Gráfico 15 – Duração da tradução de uma página

⁴⁶ Os inquiridos podiam assinalar mais do que uma resposta.

4. Quanto tempo investe na pesquisa para traduzir?

18 respostas

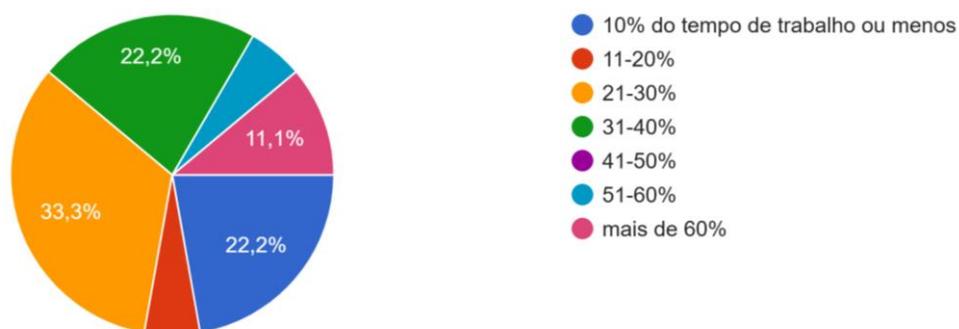


Gráfico 16 – Tempo dedicado à pesquisa

Com base nos Gráficos 15 e 16, conclui-se que a maioria dos inquiridos demora menos de uma hora a traduzir uma página (15) e dedica 21 a 40% do seu tempo à pesquisa (6). O facto de um número significativo de inquiridos ter indicado um tempo de execução tão rápido reflete a sua capacidade de entregar traduções em prazos relativamente curtos e, possivelmente, o trabalho com sistemas de tradução automática. Já a diversidade das respostas à quarta questão, em que 4 inquiridos investem 10% do seu tempo de trabalho ou menos na pesquisa e 2 inquiridos mais de 60%, pode significar que alguns confiam mais nos seus próprios conhecimentos e dão prioridade a outras etapas, e que outros preferem confirmar os seus conhecimentos para garantir a exatidão e a adequação das suas traduções. Além disso, também importa não esquecer que a quantidade de tempo despendida na pesquisa pode ser influenciada pela complexidade do projeto de tradução.

5. Em caso de dúvida, quais os recursos que utiliza?⁴⁷

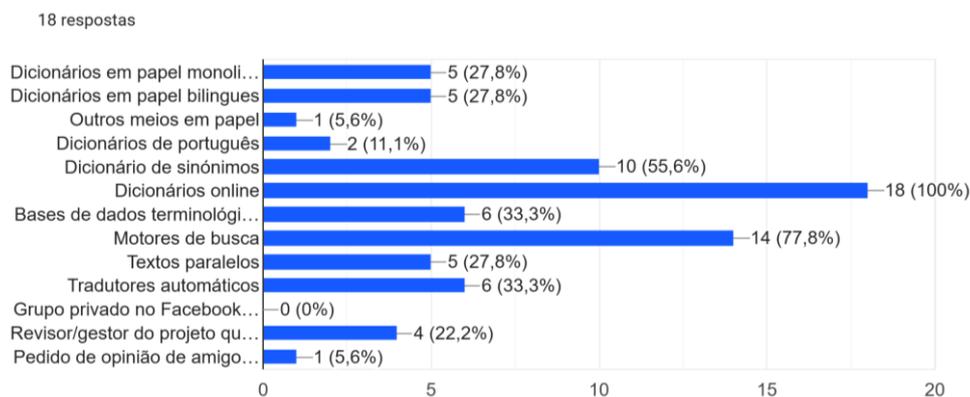


Gráfico 17 – Recursos de tradução utilizados

Os resultados desta quinta questão são particularmente importantes e interessantes para identificar os recursos que os voluntários conhecem e utilizam. Na questão, apresentaram-se 12 opções de escolha e um participante acrescentou que, em caso de dúvida, recorria aos seus amigos que são tradutores profissionais. Com base nos resultados e como esperado, a maioria recorre a dicionários *online* (18), seguido de motores de busca (14), dicionários de sinónimos (10), sistemas de tradução automática (6), bases de dados terminológicos (6), dicionários em papel monolíngues e bilingues (5), textos paralelos (5), esclarecimento de dúvidas com o revisor/gestor do projeto (4), dicionários de português (2) e outras fontes de consulta em papel (1). Surpreendentemente, o grupo privado do Facebook não foi selecionado como um recurso para procurar esclarecimentos e resolver dúvidas. Portanto, estes resultados mostram que os inquiridos ainda trabalham maioritariamente sozinhos e, quando se deparam com incertezas, procuram sobretudo recursos digitais, mas também humanos e até analógicos.

⁴⁷ Os inquiridos podiam assinalar mais do que uma resposta.

5.1 Que recurso(s) *online* utiliza para o processo de tradução?⁴⁸

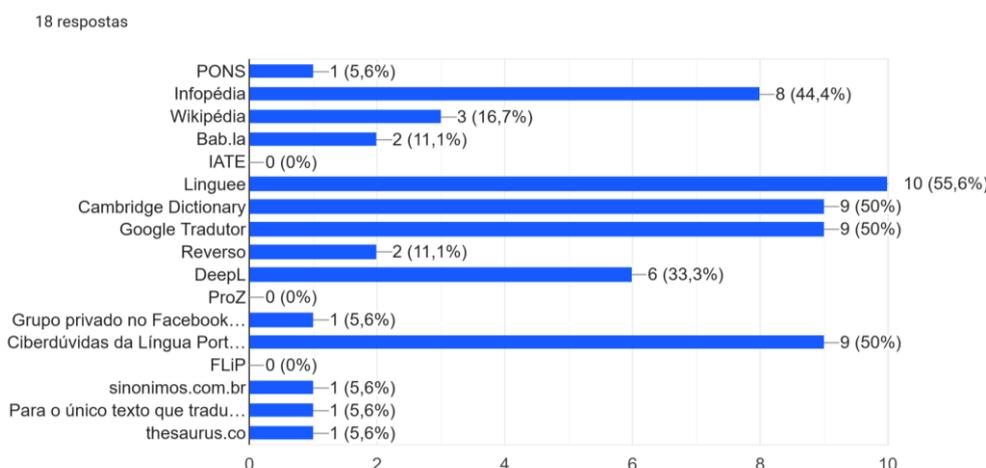


Gráfico 18 – Recursos *online* utilizados

Prevendo-se que os voluntários pudessem utilizar recursos *online*, incluiu-se uma pergunta de seguimento para descobrir quais seriam. Com base no gráfico de barras acima, as escolhas mais votadas, por ordem, foram: Linguee, Cambridge Dictionary, Google Tradutor, Ciberdúvidas da Língua Portuguesa e Infopédia. Menos de metade dos participantes também selecionaram: DeepL, Wikipédia, Bab.la, Reverso, PONS e, surpreendentemente desta vez, o grupo privado do Facebook do *Projeto de Tradução Colaborativa*. Além destas opções, um participante acrescentou o Thesaurus, outro o Sinonimos.com.br e outro explicou “para o único texto que traduzi até ao momento, apenas procurei 2 ou 3 palavras cujo significado desconhecia, mas sem fazer uso de nenhum recurso *online* para além do google (mas sem recorrer ao google translator)”.

6. Quando utiliza um motor de busca durante o processo de tradução, com que frequência utiliza as seguintes funcionalidades?

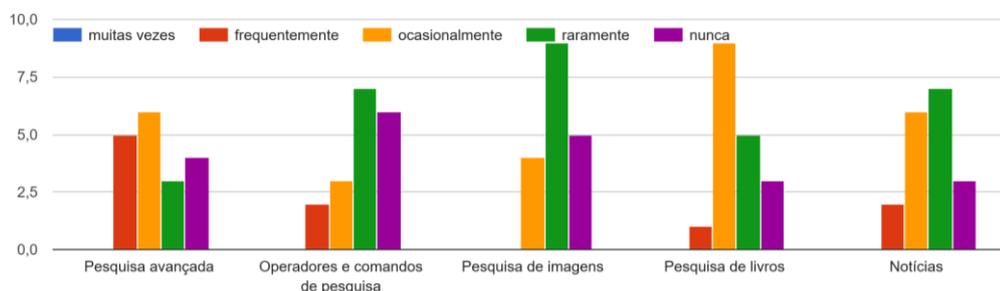


Gráfico 19 – Frequência do uso das funcionalidades do motor de busca

⁴⁸ Os inquiridos podiam assinalar mais do que uma resposta.

Uma outra pergunta incidiu sobre a utilização das funcionalidades do motor de busca, nomeadamente o uso da pesquisa avançada, de operadores e comandos de pesquisa, da pesquisa de imagens, da pesquisa de livros e de notícias. Para tal, os inquiridos podiam responder com as cinco opções já mencionadas anteriormente: muitas vezes, frequentemente, ocasionalmente, raramente, nunca. Desta forma, verificou-se que nenhuma das funcionalidades é usada muitas vezes, sendo apenas a pesquisa avançada utilizada frequentemente por um maior número de participantes (5). Estes dados também foram importantes para entender se esta seria uma indicação útil no Guia de Boas Práticas para incentivar os voluntários a explorar, uma vez que os voluntários podem beneficiar destas funcionalidades para encontrar e verificar conteúdos específicos.

7. Quais são os aspetos-chave a que presta atenção ao traduzir/rever?⁴⁹

18 respostas

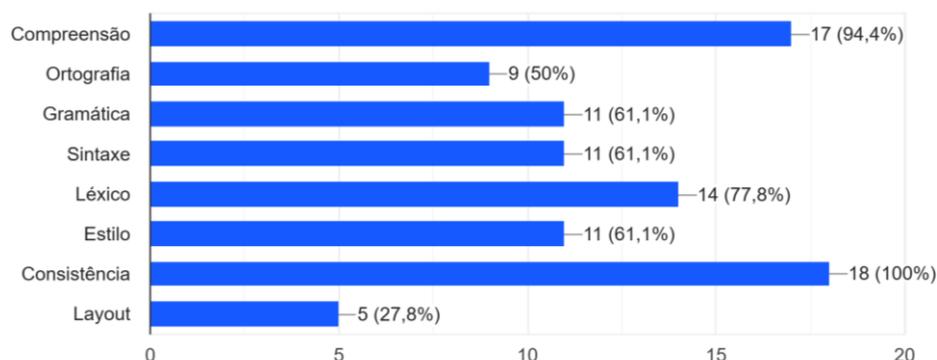


Gráfico 20 – Atenção aos aspetos-chave

Quanto à sétima questão sobre os aspetos-chave, os resultados, em ordem decrescente, foram os seguintes:

- 100% (18) prestam especial atenção à consistência;
- 94,4% (17) prestam especial atenção à compreensão;
- 77,8% (14) prestam especial atenção ao léxico;
- 61,1% (11) prestam especial atenção à gramática, à sintaxe e ao estilo;
- 50% (9) prestam especial atenção à compreensão;
- 27,8% (5) prestam especial atenção ao *layout*.

⁴⁹ Os inquiridos podiam assinalar mais do que uma resposta.

8. Costuma verificar em *sites* fiáveis se o título/nome/abreviatura/citação já está traduzido e/ou se está correto?

18 respostas

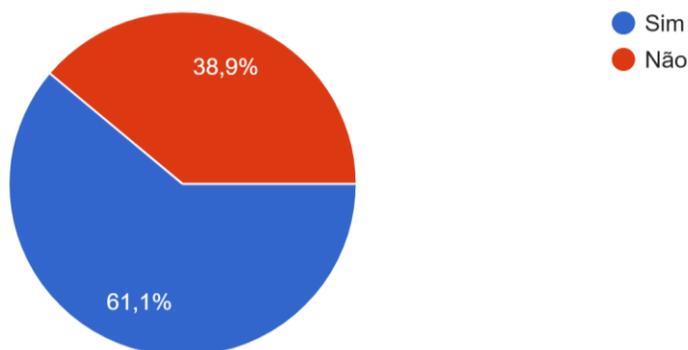


Gráfico 21 – Verificação em *sites* fiáveis

Uma vez que a revisão da peça *A Disappearing Number* implicou a correção de citações e de um título que já tinham tradução, sentiu-se a necessidade de perguntar se costumam realizar essa verificação em citações/nomes/abreviaturas/títulos, etc. através de *sites* fiáveis para garantir uma maior exatidão e consistência na tradução. Como se pode observar pelo gráfico circular acima, apenas 11 participantes garantem que fazem essa confirmação.

9. Sabe que pode inserir notas de tradutor?

18 respostas

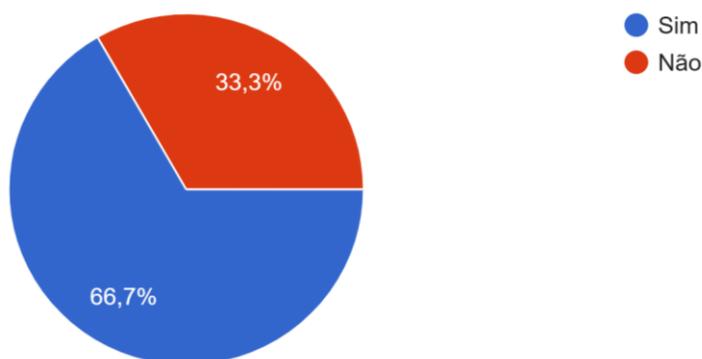


Gráfico 22 – Conhecimento de notas de tradutor

Da mesma forma, e como esperado após a entrevista com Paredes, apenas 12 participantes têm conhecimento da possibilidade de inserir notas de tradutor para explicar e/ou contextualizar

referências culturais durante o processo de tradução. Esta constatação confirma que estas seriam estratégias interessantes a promover no Guia de Boas Práticas.

10. Utiliza um corretor ortográfico?

18 respostas

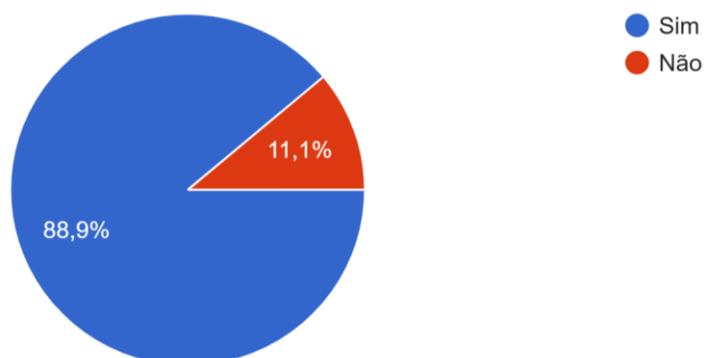


Gráfico 23 – Utilização do corretor ortográfico

11. Tem conhecimento do grupo privado do *Projeto de Tradução Colaborativa* no Facebook?

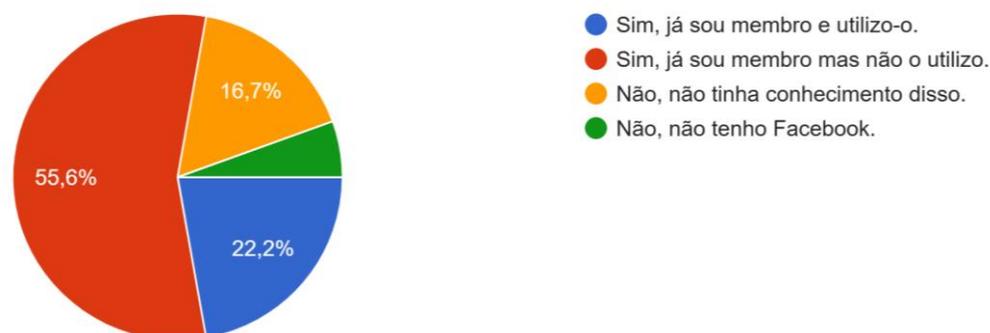


Gráfico 24 – Conhecimento e utilização do grupo privado do *Projeto de Tradução Colaborativa*

Nestes dois gráficos circulares (23 e 24) obtiveram-se resultados bastante diferentes. As respostas revelaram que uma maioria substancial passa um corretor automático no seu trabalho (16), mostrando que esta etapa desempenha um papel fundamental para ajudar na identificação e correção de erros ortográficos, gramaticais e de pontuação nos seus processos de revisão. Em contrapartida, apenas 4 voluntários utilizam o grupo privado do Facebook para esclarecer dúvidas, restando apenas 1 inquirido que não dispõe da rede social, 3 que não têm conhecimento do grupo e 10 que o têm, mas não o utilizam. Esta discrepância chama a atenção para a oportunidade perdida de os voluntários utilizarem esta ferramenta valiosa para partilharem conhecimento e resolverem

problemas durante a tradução colaborativa. Por esse motivo, não restaram dúvidas quanto à presença desta prática essencial no Guia.

12. Que problemas e/ou dificuldades encontra com maior frequência ao traduzir?⁵⁰

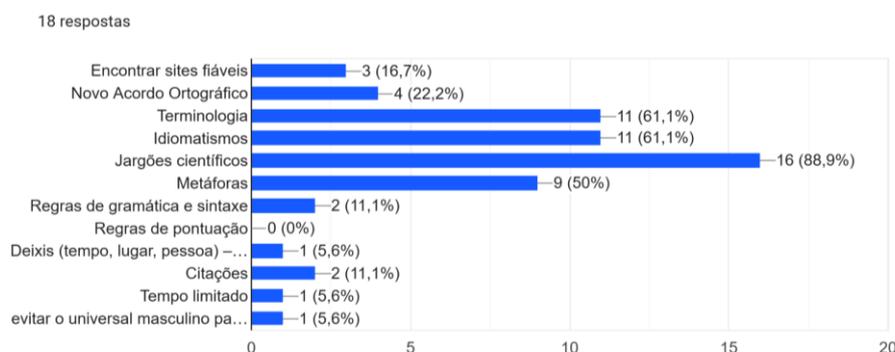


Gráfico 25 – Problemas e/ou dificuldades

Para além das questões acima mencionadas, sentiu-se a necessidade de solicitar aos inquiridos que identificassem os problemas e/ou dificuldades com que se deparam com mais frequência durante o processo de tradução. Esta pergunta tinha como objetivo analisar os desafios mais selecionados, na tentativa de encontrar uma solução para os mesmos no Guia de Boas Práticas. As respostas dos participantes foram selecionadas por esta ordem de frequência:

- Jargões científicos (16);
- Terminologia; Idiomatismos (11);
- Metáforas (9);
- Novo Acordo Ortográfico (4);
- Encontrar *sites* fiáveis (3);
- Regras de gramática e sintaxe; Citações (2);
- Dêixis (tempo, lugar, pessoa) – eu, aqui, agora; Tempo limitado (1).

A opção de “regras de pontuação” não aparenta ser um problema, e ainda foi acrescentada a opção por um dos inquiridos “evitar o universal masculino para tornar o texto em português simultaneamente inclusivo e inteligível”, um aspeto que será reiterado na questão seguinte.

⁵⁰ Os inquiridos podiam assinalar mais do que uma resposta.

13. Que orientações seriam úteis para facilitar o seu trabalho?

Por fim, alguns dos inquiridos apresentaram sugestões que facilitariam o seu trabalho como voluntários, nomeadamente:

- “A tradução de alguns termos usados no teatro”;
- “Ter acesso ao texto completo poderia evitar alguns erros, clarificar algumas das dúvidas durante a tradução”;
- “Informações sobre o estilo de fala do personagem. i.e. formal/informal, idade, relação com entre personagens, etc.”;
- “Indicações precisas sobre linguagem inclusiva a aplicar por todas as pessoas tradutoras ao longo do texto que estamos a traduzir”;
- “Mais alguma informação adicional sobre o assunto a traduzir”;
- “Contexto, vocabulário técnico”;
- “A leitura colaborativa integral da obra”.

Após uma análise atenta das propostas dos inquiridos, avaliou-se a sua aplicabilidade e coerência no contexto do Guia de Boas Práticas. A primeira sugestão destacou-se e foi imediatamente considerada para ser inserida no Guia de Boas Práticas. Quanto à questão do acesso a mais informação e/ou ao texto integral, o Guia de Boas Práticas não poderá ajudar, uma vez que será um documento para todos os projetos de tradução. No entanto, e caso o gestor de projetos não informe no *e-mail* inicial ou caso exista informação adicional que os voluntários procurem, a utilização do grupo do Facebook será a solução. No que respeita a boas práticas de linguagem inclusiva, ainda não existe uma convenção definida e o debate continua em evolução com diferentes propostas, pelo que se torna numa questão complexa sobre qual a melhor estratégia a utilizar com clareza. A última sugestão levanta alguma dúvida em perceber a intenção exata ou o resultado desejado. Embora esta proposta possa não ter sido totalmente compreendida, importa lembrar que a leitura colaborativa integral da obra é realizada no âmbito da iniciativa *Ler Teatro com Ciência*.

3.3 Análise comparativa dos resultados da entrevista e do inquérito

De forma sucinta, a análise da entrevista e do inquérito proporcionou uma oportunidade de conhecer melhor o revisor, alguns dos participantes do *Projeto de Tradução Colaborativa* e os seus processos de trabalho. Os dados qualitativos e quantitativos confirmaram, mais uma vez, o que os olhos já tinham visto: o profundo interesse, respeito e dedicação relativamente ao *Projeto de Tradução Colaborativa*, tanto em termos de disponibilidade para participar no inquérito como nas respostas dadas.

O facto de mais de metade dos participantes indicar que ajudar a Marionet está entre as suas motivações e que o revisor tinha esta resposta em mente demonstra que a companhia conhece bem a maioria dos seus voluntários. Além disso, naturalmente que Paredes, na qualidade de gestor de projeto e de revisor, já tinha conhecimento de que alguns voluntários são rápidos a traduzir, explicando na entrevista que são participantes “que leem muito e escrevem em inglês, que trabalham com conteúdos em inglês e que têm mais rapidez e facilidade em fazê-lo”, ao mesmo tempo que estava ciente de que o grupo do Facebook não era muito utilizado, nem as notas do tradutor. Paredes também estimou que os recursos utilizados pelos voluntários fossem os mesmos que ele utiliza no seu papel de tradutor voluntário, nomeadamente, “o Google Tradutor e tentar aprofundar a pesquisa quando restam dúvidas”, e salientou que os problemas mais encontrados na revisão quando os voluntários traduzem com maior rapidez são o uso do português do Brasil e, em quase todos os casos, a formatação. Estas informações elucidam as potenciais razões pelas quais a maioria dos participantes necessita de menos de uma hora para completar a tradução de uma página e sugerem aspetos importantes que podem ser incorporados no Guia de Boas Práticas para auxiliar o trabalho dos tradutores voluntários.

Através da análise comparativa da entrevista e do inquérito, tornou-se então possível descobrir aspetos comuns que poderiam beneficiar tanto o revisor como os tradutores voluntários – começar a utilizar o grupo do Facebook, um corretor automático, notas de tradutor, o Acordo Ortográfico de 1990 para português europeu, ter atenção à formatação e aos *sites* de consulta.

Para além da descoberta destes aspetos para o Guia de Boas Práticas, foram apresentadas algumas sugestões para serem incluídas, nomeadamente a recomendação apresentada por Paredes de se produzir um documento simples, organizado e com exemplos e a sugestão de um dos inquiridos de incluir a tradução de alguns termos de teatro de uso frequente.

4. PROPOSTA DE GUIA DE BOAS PRÁTICAS

Neste capítulo IV, importa explicar como foi elaborado o Guia de Boas Práticas e justificar os vários segmentos que o compõem de forma sequencial, antes de se apresentar a versão completa e formatada do Guia de Boas Práticas, que consta em anexo e que foi entregue à companhia de teatro Marionet.

4.1 Síntese do processo de elaboração do Guia de Boas Práticas

A elaboração do Guia de Boas Práticas dividiu-se em várias etapas. Em primeiro lugar, realizou-se a entrevista ao revisor do *Projeto de Tradução Colaborativa* da Marionet. No sentido de identificar os problemas mais frequentes, pela mesma altura, realizou-se a revisão de uma das obras traduzidas anteriormente pelos voluntários. Posteriormente, criou-se o inquérito para os tradutores voluntários do *Projeto de Tradução Colaborativa* da Marionet. Paralelamente, consultaram-se guias de estilo para identificar quais os elementos incluídos e a sua estrutura. A ideia inicial e concordada por todos era um documento com apenas uma página com as informações essenciais.

Estas etapas foram fundamentais para, como mencionado na subsecção 2.3.3.2 do capítulo II, o planeamento e a adaptação à realidade específica, para a organização e assegurar que todos tenham acesso a um conjunto de informações úteis.

Após a criação do primeiro rascunho do Guia de Boas Práticas, ele foi revisto e validado tanto pela equipa da Marionet (Mário Montenegro, Francisca Moreira, Vicente Paredes e Carolina Andrade) como pelas orientadoras (Cornelia Plag e Susana Bernardo). Os conteúdos que encontraram um lugar no Guia de Boas Práticas serão apresentados na secção seguinte.

4.2 Justificação dos segmentos do Guia de Boas Práticas

4.2.1 Introdução

Como referido na síntese do processo de elaboração do Guia de Boas Práticas, foram consultados vários guias de estilo. Desta forma, viu-se a importância de uma introdução que menciona o objetivo e o público-alvo. A título de exemplo, o Guia de Estilo do Centro de Informação Europeia Jacques Delors “tem por objetivo a uniformização e normalização do estilo de escrita” e “destina-se a técnicos, colaboradores, fornecedores e parceiros” da instituição (Guimarães & Martins, 2023, p. 7). Da mesma forma, o *Translators without Borders Fair Usage Guidelines* introduz: “[t]he following guidelines are provided for TWB partners to be able to get

the most out of our community, while ensuring that our capacity is not over-stretched. We ask that you respect these guidelines. If you have any questions, please contact us. We are very happy to help guide you”⁵¹.

Por este motivo, não podia faltar uma introdução. No entanto, esta inclui apenas uma explicação breve e concisa do objetivo e do público-alvo, respetivamente, de favorecer a consistência, a coesão e a fluência dos textos traduzidos e que se destina a auxiliar o trabalho dos tradutores voluntários do *Projeto de tradução Colaborativa* da Marionet. A decisão de manter a introdução breve deveu-se ao facto de se pretender cumprir o objetivo inicial de um documento sucinto e de garantir que os leitores chegam rapidamente ao cerne do Guia de Boas Práticas.

4.2.2 Acordo Ortográfico e formato do texto

De forma a reduzir a necessidade de ajustes por parte do revisor do *Projeto de Tradução Colaborativa* e promover a uniformização da escrita, considerou-se essencial incluir a utilização do Acordo Ortográfico de 1990 para português europeu, bem como configurações da formatação do texto (tipo de letra Times New Roman, tamanho 12 e alinhamento justificado). Para poupar espaço no documento e contribuir para o aspeto estético, utilizou-se uma imagem PNG que representa um *post-it* para colocar as configurações da formatação do texto.

4.2.3 Números

O terceiro segmento do Guia de Boas Práticas dedica-se a fornecer diretrizes para o tratamento de diferentes tipos de números⁵², que foi fortemente influenciado pela revisão da obra *A Disappearing Number*, de Simon McBurney, referida no capítulo I. Como o próprio título da obra revela, os tradutores voluntários tiveram de lidar com uma elevada quantidade de números no seu conteúdo. Durante a revisão, decidiu-se apontar as ambiguidades linguísticas e numéricas encontradas com mais frequência. Desta forma, pretendia-se incorporar exemplos dos próprios tradutores voluntários para que servissem de pontos de referência valiosos e contribuíssem para conferir um carácter único, prático e autêntico ao Guia de Boas Práticas.

À semelhança do que acontece com os restantes segmentos do Guia de Boas Práticas, este segmento foi submetido à apreciação do revisor da iniciativa, Paredes, uma vez que as suas preferências foram determinantes para a decisão final. No caso das unidades de medida, por

⁵¹Mais informações em: https://translatorswithoutborders.org/wp-content/uploads/2020/11/TWB_Fair_usage_guidelines_v3_Final.pdf

⁵²Note-se que as diretrizes não são aplicáveis de forma universal, uma vez que refletem a inerente variação das normas numéricas entre línguas e contextos específicos.

exemplo, Paredes explicou de que forma procede às conversões de unidades de medida, bem como as unidades de medida que costumam aparecer nos textos.

Como resultado, este segmento foi subdividido em sete pontos principais:

- Escrever os números de um a dez por extenso, e a partir do 11 utilizar algarismos. Exceção: Os números em início de frase escrevem-se por extenso.
- Colocar um espaço protegido [*Ctrl + Shift + barra de espaço*] em vez de um ponto na separação dos milhares das centenas, para números acima de 10 000. Ex.: *123,456* > **123 456** (Mas: *1,234 men* > **1234** homens)
- Utilizar uma vírgula como separador decimal e não omitir o “0” ao registar frações. Ex.: *.004* > **0,004**
- Inserir um ponto a seguir aos algarismos, nos números ordinais. Ex.: *13th floor* > 13.º andar
- Colocar um espaço protegido na separação das unidades de medida do valor numérico e utilizar sempre algarismos. No caso da representação em percentagem, não colocar espaço. Ex.: 2 m, 1%
 - Converter o sistema imperial para métrico. Arredondar a uma ou duas casas decimais no máximo, dependendo do contexto e da importância da medida, com a locução prepositiva “cerca de”. Ex.: *5 inches* > 12,7 centímetros > **cerca de 13 centímetros**
 - Manter a distância em milhas e a velocidade em nós (embarcações/submarinos).
 - Manter a altitude de aeronaves em pés.
 - Manter polegadas em medidas de ecrãs ou de tubos de água.
- Converter sempre graus Fahrenheit para graus Celsius.
- Introduzir um ponto na abreviatura de número – **n.º**.

4.2.4 Estratégias

Como referido anteriormente, para além da questão dos números, assinalaram-se outras ambiguidades ao longo da revisão da obra traduzida pelos tradutores voluntários (abordadas no capítulo I). Por este motivo, decidiu-se dedicar o quarto segmento do Guia de Boas Práticas a algumas estratégias de tradução.

Em primeiro lugar, como se encontrou ao longo da revisão a repetição do sujeito pronominal, quis-se sublinhar que não há necessidade de explicitar o sujeito em todas as frases ou orações, uma vez que o uso da terceira pessoa nas formas verbais (sujeito nulo) se torna suficiente em português para recuperar a referência à personagem. Para o efeito, apresenta-se uma tabela 2x1 com um exemplo extraído da obra que ilustra um caso redundante e pouco didático em que a repetição do sujeito pronominal poderia ter sido evitada, uma vez que está subentendido.

Em segundo e terceiro lugar, procurou-se apresentar estratégias para lidar com lacunas culturais e eventuais faltas de familiaridade, nomeadamente as notas de tradutor e as interpolações. Como refletido na subsecção 2.2.1 (*Page vs. Stage Translation*), a tradução para leitura permite a utilização de notas de tradutor para explicar e/ou contextualizar referências culturais. Como os resultados da entrevista e do inquérito indicaram que nem todos tinham conhecimento desta estratégia, decidiu-se acrescentar este aspeto ao Guia de Boas Práticas e apresentar um exemplo que foi acrescentado durante a revisão da obra. Na obra surge um trocadilho com palavras homófonas na língua de partida – “I was wondering, does it have anything to do with pi? The irrational kind, not the edible kind” (McBurney, 2012, p. 36) – que foi traduzido por “[e]stava a pensar, tem alguma coisa a ver com pi [*ler PAI*], como dizem em inglês? Mas o tipo irracional, não a tarte, que se come”. Embora a solução seja compreensível, considerou-se pertinente incluir uma nota de tradutor⁵³, destacando que se trata de um trocadilho com a pronúncia equivalente [*pai*] de *pi* – pi e *pie* – tarte, com a aprovação do revisor.

Para clarificar a interpolação, explica-se que se deve ter em conta o conhecimento do público-alvo, uma vez que pode ser necessário acrescentar alguma informação, sempre de forma curta e discreta. Como exemplo, recorre-se novamente a um da obra revista, nomeadamente a adição de “livro” ao título.

A fim de economizar espaço, utiliza-se o mesmo exemplo para o próximo aspeto – a verificação das traduções já existentes. Durante a revisão, detetaram-se algumas discrepâncias nas traduções do livro *A Mathematician's Apology*. Além disso, perante os resultados do inquérito, apenas 11 participantes costumam realizar essa verificação. Por conseguinte, utilizou-se o livro supracitado como exemplo, fornecendo-se uma hiperligação para o *site* da Bertrand com a respetiva tradução. Desta forma, pretende alertar-se para possíveis traduções já existentes, não só de títulos, mas também de citações, nomes, abreviaturas, etc.

⁵³ No exemplo, utilizou-se a abreviatura “N/T” de forma a coincidir com as traduções já efetuadas.

Como próximo aspeto, considerou-se pertinente sugerir alguns *sites* de consulta. Através do inquérito, conseguiu-se perceber quais os recursos que os tradutores voluntários tendem a utilizar. Como resultado, destacaram-se cinco recursos no Guia de Boas Práticas, incluindo algumas sugestões em dois deles. Primeiramente, e apesar de poder ser evidente, menciona-se um dicionário (Infopédia). Segundo, refere-se a base de dados terminológica da União Europeia (IATE), que pode ser útil para termos científicos. Terceiro, e devido à utilização do Google Tradutor por pelo menos metade dos participantes segundo o inquérito, menciona-se o sistema de tradução automática DeepL como alternativa. Conforme mencionado na análise comparativa da entrevista e do inquérito, o português do Brasil constitui um dos problemas que mais surgem quando os tradutores voluntários traduzem mais rapidamente. Consequentemente, a utilização do Google Tradutor não parece uma boa opção, uma vez que este não distingue entre o português europeu e o português do Brasil, exigindo uma atenção acrescida. No entanto, uma vez que se trata de tradução voluntária, seria ineficiente aconselhar os participantes a evitar a utilização de sistemas de tradução automática, pois poderiam continuar a utilizar o Google Tradutor. Portanto, em vez de se sugerir uma ação que poderia não ser efetuada, o que acrescentaria um ponto dispensável, considerou-se mais adequado sugerir uma alternativa (DeepL) aos interessados neste tipo de trabalho através da pós-edição, com duas sugestões para obter um resultado melhor: a possibilidade de clicar numa palavra para escolher outras opções e a introdução de unidades de texto maiores (páginas ou parágrafos em vez de frases soltas). Além disso, sugere-se o Ciberdúvidas da Língua Portuguesa para eventuais esclarecimentos da língua de chegada e a Wikipédia para consultar termos, nomes de pessoas, lugares, instituições ou nomes científicos de plantas e animais, verificando se está disponível na versão em português europeu.

Em sexto lugar, recomenda-se a utilização da pesquisa avançada no Google, uma vez que alguns voluntários que participaram no inquérito parecem não ter conhecimento ou não recorrer a esta funcionalidade. Por esta razão, sugere-se que procurem um termo ou uma frase específica entre aspas para verificar a quantidade de resultados. Do mesmo modo, em caso de hesitação entre termos ou expressões, recomenda-se a utilização desta técnica para encontrar o termo com mais resultados.

Por último, mas não menos importante, como se pode verificar ao longo de todos os capítulos deste relatório, sublinha-se a utilização do grupo privado do Facebook, uma vez que este se torna o recurso de maior valor dentro de um projeto de tradução colaborativa. Como referido anteriormente (subsecção 2.3.1 do capítulo II), os tradutores no modelo colaborativo podem e

devem beneficiar das ideias e soluções partilhadas por todos. Além disso, vários voluntários podem ter a mesma questão, cuja resposta pode ser fornecida por tradutores que já tenham encontrado uma solução, permitindo assim reduzir o tempo de dúvida e pesquisa, o problema da descontextualização e/ou os problemas a resolver pelo revisor.

4.2.5 Revisão

No sétimo segmento, optou-se por incluir os restantes aspetos que o revisor, Paredes, costuma ter de corrigir frequentemente e que podem ser evitados, assim como outras recomendações para o processo de revisão dos próprios voluntários:

- Passar um corretor automático. Ex.: Selecionar a opção Modos de português de Portugal: “Pós-Acordo” no Word.
- i. Certificar-se de que a formatação está de acordo com o original.
 - Substituir o travessão En dash (–) pelo Em dash (—).
 - Assegurar-se de que foram utilizadas aspas curvas (“ ”). Em situações em que ocorrem aspas dentro de aspas, recorrer às plicas (‘ ’).
 - Certificar-se de que os estrangeirismos estão grafados em itálico.
- ii. Certificar-se de que os nomes das personagens não estão traduzidos, salvo indicação em contrário de quem coordena a tradução.
- iii. Certificar-se de que, nas indicações de fala, os nomes das personagens estão em maiúsculas, seguidos de um ponto final (.) em vez de dois pontos. Ex.: RUTH: Yes? > **RUTH.** Sim?
- iv. Certificar-se de que as didascálias estão em itálico, os nomes das personagens apenas com a primeira letra em maiúscula e seguidos de ponto final. Ex.: (*RUTH laughs.*) > (*Ruth ri-se.*)
 - Ler o texto traduzido em voz alta a fim de aferir a sua sonoridade e fluência.

Na encomenda da revisão da obra *A Disappearing Number*, Paredes indicou as alterações que ele já sabia que seriam necessárias, nomeadamente os quatro pontos destacados (i., ii., iii., iv.). De forma a evitar que o revisor tenha de fazer este pedido sempre por *e-mail* e que os voluntários se esqueçam destes aspetos, incluíram-se estes aspetos neste segmento. Do mesmo modo, de acordo com as preferências do revisor, indica-se três aspetos que podem causar dúvidas: travessão, aspas e itálico. Além disso, enfatiza-se ainda a utilização de um corretor automático e a leitura em voz alta, que pode parecer evidente, mas constitui um procedimento indispensável para qualquer tipo de tradução.

4.2.6 Glossário

Ultrapassada a terceira página do Guia de Boas Práticas, considerou-se essencial incluir ainda um glossário conciso inglês-português com termos de teatro. As frequentes ambiguidades de tradução de termos como “downstage” e “upstage” durante a revisão da obra, bem como a sugestão de um dos participantes no inquérito, conduziram à decisão de incluir um glossário para fechar o Guia de Boas Práticas. Para o efeito, tentou-se pesquisar glossários inglês-português já existentes, mas sem sucesso. Por conseguinte, procuraram-se glossários em inglês⁵⁴ e, com dificuldade, em português europeu⁵⁵, utilizando-se também os apontamentos/desenhos das aulas de teatro, comparando e retirando os termos mais importantes e frequentes. Ao mesmo tempo, surgiu a oportunidade de ir confirmando com o “glossário vivo”, ou seja, a equipa da Marionet.

Terminado o glossário, procedeu-se à formatação estética do documento. Subsequentemente, enviou-se o documento com duas opções – uma com a presença de elementos visuais decorativos e outra numa versão mais limpa – para que a equipa da Marionet tivesse a liberdade de selecionar a versão desejada. No final, tanto a equipa da Marionet como as orientadoras deste relatório procederam à revisão do Guia de Boas Práticas e enviaram o seu *feedback*. Após se ter recebido o *feedback*, efetuaram-se as alterações necessárias, resultando no documento em anexo.

Mesmo sem se visualizar o documento completo neste capítulo, torna-se evidente, a partir das justificações dos segmentos, que o Guia de Boas Práticas não atingiu o objetivo inicial de se limitar a uma página, uma vez que ficaria incompleto, acabando por se estender a quatro páginas, contando com a capa. No entanto, espera-se que o Guia de Boas Práticas desperte não só a vontade de ler, mas também, eventualmente, o desejo de o imprimir, uma vez que também se procurou estruturá-lo de forma estética e prática para todos os interessados em possuir um exemplar físico, no qual a capa e o glossário envolvem os restantes aspetos. Deste modo, espera-se que a cobertura do Guia de Boas Práticas (capa e glossário) e os restantes ingredientes no seu interior permitam aos tradutores voluntários terminar a receita do *Projeto de Tradução Colaborativa* e saboreá-la no *Ler Teatro com Ciência* com os melhores resultados.

⁵⁴Entre os glossários em inglês consultados, incluem-se os seguintes: <https://www.collinsdictionary.com/word-lists/theatre-theatre-terms>; <https://www.cambridgeinternational.org/Images/558045-glossary-of-dramatic-and-theatrical-terms.pdf>.

⁵⁵ Entre os glossários em português consultados, incluem-se os seguintes: <https://www.proz.com/personal-glossaries/50707-gloss%C3%A1rio-de-teatro?page=3>; <https://ensina.rtp.pt/etiqueta/bambolina-glossario-intempestivo-de-teatro/>.

CONCLUSÃO

O estágio curricular na companhia de teatro Marionet proporcionou uma série de experiências transformadoras, reflexões, investigações e estudos, que resultaram num significativo enriquecimento pessoal, profissional e académico.

A cada atividade desenvolvida no estágio surgia um possível tema e um novo título para este trabalho, desde “Levar a(s) Língua(s) ao Palco”, “Levar a(s) Língua(s) ao Ecrã” a “A Tripolaridade da Tradução”. O que também surgia, cada vez mais, era a vontade de participar nas diversas atividades da Marionet, incluindo no *Projeto de Tradução Colaborativa*, como tradutora e revisora, e no *Ler Teatro com Ciência*, como leitora e ouvinte. Portanto, na Marionet, onde “a ciência está em toda a (p)arte” (Santos & Tavares, 2023, p. 15), não só foi possível concretizar o desejo de aliar o conhecimento e a fruição das artes às línguas, como também adquirir conhecimento e fruição de mais uma área – a ciência. Por este motivo, e ainda que todos os temas que foram surgindo pudessem ser uma opção relevante a explorar, surgiu a vontade de contribuir para o trabalho da Marionet através da elaboração da proposta de um Guia de Boas Práticas.

Numa tentativa de reunir os elementos que poderiam auxiliar os tradutores voluntários do *Projeto de Tradução Colaborativa* no Guia de Boas Práticas, analisaram-se os vários aspetos ligados aos fenómenos relacionados com a iniciativa, destacando as suas várias *nuances* e particularidades.

No entanto, deve reconhecer-se as limitações desta investigação, em particular pela escassez de bibliografia especializada sobre tradução de teatro e ciência e pela metodologia utilizada. No caso do inquérito, embora informativo, não se conseguiu chegar a todos os participantes passados e presentes do *Projeto de Tradução Colaborativa*. Mesmo assim, contribuiu-se certamente para um primeiro Guia de Boas Práticas que deve ser dinâmico, ou seja, continuar a ser atualizado, de forma a ajudar não só os potenciais novos problemas, mas também os (futuros) voluntários do *Projeto de Tradução Colaborativa*.

Apesar da limitação da bibliografia, tornou-se possível cruzar as informações de teatro e ciência, recorrendo à bibliografia disponibilizada pela Marionet, do Centro de Documentação em Artes Performativas e Ciência, em conjunto com as bibliografias encontradas e sugeridas pelas orientadoras deste Relatório sobre tradução científica, tradução teatral, tradução colaborativa e tradução voluntária.

No cruzamento dos capítulos deste trabalho, destaca-se uma característica recorrente – a colaboração. Começando com a própria Marionet, onde a colaboração se torna fundamental entre profissionais do âmbito artístico, profissionais do âmbito científico e o envolvimento do público. As iniciativas que deram origem a este tema resultam da colaboração entre tradutores, revisores e leitores. O enquadramento teórico, quer se centre na ciência, no teatro, na tradução, no voluntariado ou em qualquer combinação destes, sublinha constantemente a estratégia da colaboração. Sublinha-a de tal forma que até se alterou o termo para “cooperação”, para não ser confundido com a secção dedicada à tradução colaborativa. A metodologia, que se baseou na entrevista ao revisor e no inquérito aos tradutores voluntários, dependeu, também ela, da colaboração dos participantes. E este trabalho também resultou, ainda, da ‘colaboração’ entre teoria, prática e dos elementos humanos intrínsecos.

Refletindo sobre a conclusão deste Relatório, torna-se evidente que o conhecimento e a experiência adquirida durante a licenciatura em Estudos Artísticos e o atual Mestrado em Tradução foram de extrema importância para a sua elaboração. Em especial, as aulas do Doutor Mário Montenegro de Análise e Crítica do Espetáculo forneceram uma base para a compreensão da relação entre a prática teatral e as suas condições de receção, e a capacidade de análise de uma produção teatral em termos da sua forma, significado e contexto histórico, o que representa uma grande mais-valia em qualquer tradução teatral. Também as aulas da Doutora Cornelia Plag foram fundamentais para melhorar a competência na tradução de alemão para português e de português para alemão, fornecer as bases da Teoria da Tradução, da Informática Aplicada e Terminologia, e do Seminário de Metodologia para adquirir as competências necessárias para a realização do presente trabalho. As aulas de Tradução Inglês-Português do Doutor Jorge Pinho, bem como as aulas de Tradução Especializada Inglês-Português da Doutora Susana Bernardo, foram determinantes para um domínio mais consolidado dos meios de expressão em inglês e para melhorar o equilíbrio entre o reconhecimento de situações que exigem adaptação e criatividade e de contextos que requerem a utilização de termos técnicos e especializados. No âmbito do Mestrado, não se pode deixar de mencionar que o tema deste trabalho foi apresentado tanto nas aulas de Seminário de Metodologia como no *Junior Lab*, nas Jornadas da Tradução⁵⁶, a colegas, académicos e tradutores, a fim de obter *feedback* construtivo, sempre com o objetivo de criar uma proposta de um Guia de Boas Práticas mais eficaz para os tradutores voluntários.

⁵⁶ Participação, a 5 de maio de 2023, nas Jornadas *A Tradução na Prática – a Prática da Tradução VIII*, que oferecem aos estudantes de mestrado e doutoramento uma oportunidade de apresentarem os seus trabalhos em curso.

O facto de a Marionet já ter recebido *feedback* positivo sobre o Guia de Boas Práticas por parte dos voluntários acrescenta significado a este trabalho. Tendo-se partindo de um intuito inicial de contribuir para o trabalho da Marionet, alguns dos seus voluntários retribuíram com comentários como: “Muito útil este guia”; “Obrigada pelo manual de boas práticas e pelo glossário”; “tentei seguir as regras do vosso documento o melhor que consegui”; “O Guia de boas práticas é muito útil -- obrigada à Sónia!”

Consequentemente, este *feedback* motiva o desejo de continuar a explorar este domínio. Na última ida à Marionet, no contexto deste trabalho, para entregar a bibliografia emprestada, para além do *feedback*, foi partilhada a informação privilegiada⁵⁷ a respeito do facto de que, já em 2024, irão levar a palco uma das peças traduzidas do Centro de Documentação em Artes Performativas. E, a partir de 2025, a Marionet começará a encenar, uma vez por ano, espetáculos com base nas traduções do *Projeto de Tradução Colaborativa*, já com a aplicação do Guia de Boas Práticas. A única diferença, em relação à iniciativa habitual, é que esta será selecionada pela Marionet e não publicamente, como acontece para as sessões do *Ler Teatro com Ciência*, mas para os Estudos de Tradução, poderá fazer muita diferença.

Apesar de se ter abordado a questão *Page vs. Stage Translation*, ainda não havia possibilidade de comparar diretamente a tradução de uma peça para leitura e a tradução com alterações realizadas para palco. Mas estas próximas produções da Marionet abrem as cortinas para futuras investigações neste domínio.

Em suma, tal como Mário Montenegro e Sara Amaral, coordenadora do Gabinete de Comunicação de Ciência do CNC, garantem que a arte performativa e a ciência são uma “combinação vencedora” (Jornal A Cabra, 2020), espera-se que este trabalho também o seja e que o Guia de Boas Práticas continue a atuar nas várias tertúlias do conhecer e saber.

⁵⁷ Informação obtida em comunicação pessoal no dia 5 de setembro de 2023 e confirmada por *e-mail* no dia 12 de setembro de 2023.

BIBLIOGRAFIA/FONTES CONSULTADAS

- Aaltonen, S. (2000). *Time-sharing on Stage: Drama Translation in Theatre and Society*. Multilingual Matters.
- Adhya, E. (2015). Key Elements of an Effective Style Guide in the New Age. *Technical Communication*, 62(3), 183–192.
- Antonini, R., Cirillo, L., Rossato, L., & Torresi, I. (2017). *Non-professional Interpreting and Translation: State of the Art and Future of an Emerging Field of Research*. John Benjamins Publishing Company.
- Baines, R., Marinetti, C., & Perteghella, M. (2016). *Staging and Performing Translation: Text and Theatre Practice*. Springer.
- Bassnett, S. (1978). Translating spatial poetry: An examination of theatre texts in performance. *Literature and translation*, 161–176.
- Bassnett, S. (1980). The problems of translating theatre texts. *Theatre Quarterly*, 10(38), 47–55.
- Bassnett, S. (1985). Ways Through the Labyrinth: Strategies and Methods for Translating Theatre Texts. Em T. Hermans, *The Manipulation of Literature* (pp. 130–139). Routledge.
- Bassnett, S. (1991). Translating for the Theatre: The Case Against Performability. *TTR: traduction, terminologie, rédaction*, 4(1), 99.
- Bassnett, S. (1998). Still trapped in the labyrinth: Further reflections on translation and theatre. Em *Constructing cultures: Essays on literary translation* (Vol. 11, pp. 90–108). Multilingual Matters Clevedon.
- Brilhante, M. J., & Carvalho, M. (2007). *ACT 15 – Teatro e Tradução. Palcos de Encontro* (1.^a edição). Campo das Letras.
- Burkhanov, I. (2004). *Some properties of drama translation as a particular type of discourse*. 3, 401–411.
- Byrne, J. (2014). *Scientific and technical translation explained: A nuts and bolts guide for beginners*. Routledge.

- Ciência e teatro unem-se para contar história sobre adormeceres. (2022, março 17). *Jornal A Cabra*. <https://acabra.pt/2022/03/ciencia-e-teatro-unem-se-para-contar-historia-sobre-adormeceres/>
- Cordingley, A., & Manning, C. F. (2017). *Collaborative Translation: From the Renaissance to the Digital Age*. Bloomsbury Publishing.
- Désilets, A., & Van Der Meer, J. (2011). Co-creating a repository of best-practices for collaborative translation. *Linguistica Antverpiensia, New Series—Themes in Translation Studies*, 10, 27–45.
- Deus Ex Machina: A Ciência Muda de Cenário. (2020, maio 2). *Jornal A Cabra*. <https://acabra.pt/2020/05/deus-ex-machina-a-ciencia-muda-de-cenario/>
- Editores do Google Docs Ajuda. (2023). *Escolha uma pergunta para o formulário*. <https://support.google.com/docs/answer/7322334?hl=pt#zippy=%2Cgrelha-de-escolha-m%C3%BAltipla>
- Espasa, E. (2013). Stage translation. Em *The Routledge handbook of translation studies* (pp. 317–331). Routledge.
- Fernández Costales, A. (2013). Crowdsourcing and Collaborative Translation: Mass Phenomena or Silent Threat to Translation Studies? *Hermeneus*, 15, 85–110.
- Ferreira, L. (2020). *TEATRO E CIÊNCIA Lista Bibliográfica*. RÓMULO Centro Ciência Viva da Universidade de Coimbra. https://www.uc.pt/iii/romuloccv/listas_bibliograficas_pdfs/teatroeciencia
- Frias, P. (2021). O teatro amador é de quem ama. [Vídeo] *RTP Ensina*. <https://ensina.rtp.pt/artigo/o-teatro-amador-e-de-quem-ama/>
- Griesel, Y. (2000). *Translation im Theater: Die mündliche und schriftliche Übertragung französischsprachiger Inszenierungen ins Deutsche: Vol. 1 de TransÜD* (New edition). Peter Lang, Europäischer Verlag der Wissenschaften.
- Griesel, Y. (2007). *Die Inszenierung als Translat: Möglichkeiten und Grenzen der Theaterübertitelung*. Frank & Timme GmbH.

- Griesel, Y. (2008). Kulturtransfer im Welttheater. Em L. Schippel, *Translationskultur – ein innovatives und produktives Konzept* (pp. 167–191). Frank & Timme GmbH.
- Guimarães, P., & Martins, S. (2023). *Guia de estilo | Centro de Informação Europeia Jacques Delors*. <http://eurocid.mne.gov.pt/artigos/guia-de-estilo>
- Hörmanseder, F. (2008). *Text und Publikum: Kriterien für eine Bühnenwirksame Übersetzung im Hinblick auf eine Kooperation zwischen Translatologen und Bühnenexperten*. Stauffenburg.
- Howe, J. (2008). *Crowdsourcing: Why the Power of the Crowd Is Driving the Future of Business*. Crown.
- Jiménez-Crespo, M. A. (2015). Collaborative and volunteer translation and interpreting. Em *Researching translation and interpreting* (pp. 58–70). Routledge.
- Johnston, D. (2004). Securing the Performability of the Play in Translation. Em Sabine Coelsch-Foisner, *Drama Translation and Theatre Practice*. P. Lang.
- Kamalrudin, M., Ahmad, S., & Ikram, N. (2018). Crowd vigilante: Detecting Sabotage in Crowdsourcing. Em *Requirements Engineering for Internet of Things: 4th Asia-Pacific Symposium, APRES 2017, Melaka, Malaysia, November 9–10, 2017, Proceedings* (Vol. 809). Springer.
- Kelly, N., Ray, R., & DePalma, D. A. (2011). From crawling to sprinting: Community translation goes mainstream. *Linguistica Antverpiensia, New Series – Themes in Translation Studies*, 10. <https://doi.org/10.52034/lanstts.v10i.278>
- Kopeć, K., & Szopa, A. (2019). Crowdsourcing Business Model in the Context of Changing Consumer Society. Em *Advanced Methodologies and Technologies in Business Operations and Management*. IGI Global. <https://doi.org/10.4018/978-1-4666-5888-2.ch281>
- LabX. (2021). *PESQUISA QUANTITATIVA – Inquéritos por Questionários Online*. <https://labx.gov.pt/wp-content/uploads/2021/10/Guia-pratico-Inqueritos.pdf>
- Laera, M. (2011). Theatre Translation as Collaboration: Aleks Sierz, Martin Crimp, Nathalie Abrahami, Colin Teevan, Zoë Svendsen and Michael Walton discuss Translation for the Stage. *Contemporary Theatre Review*, 21, 213–225.

- Marionet. (2022). *Ler Teatro com Ciência & Projeto de Tradução Colaborativa da Marionet*. [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=PCOjcSjZqr4>
- Marionet. (2023a). *O Algoritmo da Epilepsia* [Folha de Sala].
- Marionet. (2023b). *Marionet*. <https://marioneteatro.com/>
- Mastellari, M. (2022). *I giganti della montagna de Luigi Pirandello: Análise e tradução da peça e a experiência da mise-en-scène*. <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/102662>
- McBurney, S. (2012). *A Disappearing Number*. Bloomsbury Publishing.
- McDonough Dolmaya, J. (2011). The ethics of crowdsourcing. *Linguistica Antverpiensia, New Series – Themes in Translation Studies*, 10. <https://doi.org/10.52034/lanstts.v10i.279>
- Millerand, F., & Heaton, L. (2014). As ciências participativas: O ressurgimento das práticas artesanais de produção de conhecimentos. *Estudos em Comunicação*, 15, 133–152.
- Montenegro, M. (2017). *A Emergência da Ciência Moderna e a sua Representação no Texto Dramático*. [Tese de doutoramento]. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/32399>
- Montenegro, M. (2022). The Voices and Bodies of Science: Theatre with Researchers. Em E. Weitkamp & C. Almeida, *Science & Theatre: Communicating Science and Technology with Performing Arts* (pp. 135–142). Emerald Publishing Limited.
- Montgomery, S. L. (2010). Scientific translation. Em Y. Gambier & L. van Doorslaer (Eds.), *Handbook of Translation Studies: Volume 1* (pp. 299–305). John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/hts.1.sci1>
- Mota, J. (2021). De onde vem a palavra teatro? [Vídeo] *RTP Ensina*. <https://ensina.rtp.pt/artigo/de-onde-vem-a-palavra-teatro/>
- Munday, J. (2016). *Introducing translation studies: Theories and applications* (4.^a ed.). Routledge.
- Nicholson, H., Holdsworth, N., & Milling, J. (2018). *The Ecologies of Amateur Theatre*. Springer.
- Nord, C. (2005). *Text Analysis in Translation: Theory, Methodology, and Didactic Application of a Model for Translation-oriented Text Analysis*. Rodopi.

- Nord, C. (2018). *Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained* (0 ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315760506>
- O'Brien, S. (2011). Collaborative Translation. Em Y. Gambier & L. van Doorslaer, *Handbook of Translation Studies: Vol. Volume 2*. John Benjamins Publishing.
- O'Hagan, M. (2009). Evolution of User-generated Translation: Fansubs, Translation Hacking and Crowdsourcing. *The Journal of Internationalization and Localization*, 1, 94–121. <https://doi.org/10.1075/jial.1.04hag>
- Olohan, M. (2014). Why do you translate? Motivation to volunteer and TED translation. *Translation Studies*, 7(1), 17–33. <https://doi.org/10.1080/14781700.2013.781952>
- Pavis, P. (1992). *Theatre at the Crossroads of Culture*. Routledge.
- Pavis, P. (2003). *A Análise dos Espectáculos*. Perspectiva.
- Perrino, S. (2009). *User-generated Translation: The future of translation in a Web 2.0 environment*. 12.
- Pieper, K. (2022, abril 26). *Oficina de Legendagem*. [Comunicação oral]. Evento realizado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Pym, A. (2011). *Translation research terms: A tentative glossary for moments of perplexity and dispute*. 75–99.
- Roschelle, J., & Teasley, S. (1995). The Construction of Shared Knowledge in Collaborative Problem Solving. *Computer Supported Collaborative Learning*.
- Santos, M., & Tavares, M. (2023). A Ciência está em toda a (p)arte. *Jornal A Cabra*, 15.
- Schechner, R. (2007). Rasaesthetics. Em S. Banes & A. Lepecki, *The Senses in Performance* (pp. 10–29). Routledge.
- Sousa Ribeiro, A., & Lamas, P. (2018, fevereiro 17). Oficina de Tradução e Teatro. [Registo vídeo]. Nas jornadas *A tradução na prática – a prática da tradução V*, realizadas na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Törnqvist, E. (1991). *Transposing Drama: Studies in Representation* (Macmillan). Springer.

- Translators without Borders. (sem data). About us. *Translators without Borders*.
<https://translatorswithoutborders.org/about-us/>
- Translators without Borders. (sem data). *Volunteer translators application form*.
<https://translatorswithoutborders.org/volunteer/translators/>
- Wechsler, R. (1998). *Performing Without a Stage: The Art of Literary Translation*. *Catbird Press*, 293.
- Weitkamp, E., & Almeida, C. (2022). *Science & Theatre: Communicating Science and Technology with Performing Arts*. Emerald Group Publishing.
- Williams, J., & Chesterman, A. (2002). *The Map: A Beginner's Guide to Doing Research in Translation Studies*. Manchester: St. Jerome Publishing.
- Zatlin, P. (2005). *Theatrical Translation and Film Adaptation: A Practitioner's View*. Multilingual Matters.
- Zuber, O. (2014). *The Languages of Theatre: Problems in the Translation and Transposition of Drama*. Elsevier.
- Zuber-Skerritt, O. (2021). *Page to Stage: Theatre as Translation*. BRILL.

ANEXOS

Anexo I: Consentimento informado**CONSENTIMENTO INFORMADO**

Participo voluntariamente no estudo realizado por Sónia Duarte, no âmbito do estágio curricular do Mestrado em Tradução, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que visa compreender o trabalho dos tradutores e revisores na iniciativa *Projeto de Tradução Colaborativa*.

Recebi informação prévia sobre a natureza deste trabalho e disponibilizo-me a ser entrevistado neste contexto. Dou o meu consentimento para que a entrevista seja gravada, uma vez que este registo facilita a sua compreensão e o trabalho de transcrição.

Fui informado de que, no final do relatório de estágio, todo o material gravado será destruído e de que poderei desistir da entrevista a qualquer momento.

Data: 13 de fevereiro de 2023

Nome do participante: Carlos Vicente dos Santos Paudes

Assinatura do participante: *Vicent.*

Anexo II: Transcrição da entrevista⁵⁸

P 1. Na tua perspetiva, que função desempenha a tradução? A tua opinião mudou desde que começaste a trabalhar com ela?

R. Nunca tinha trabalhado com tradução. Foi, assim, a primeira vez quando vim para aqui, na Marionet. Na altura, era um colega que fazia a revisão, que trabalhava connosco, e eu participei nos primeiros meses como tradutor voluntário. Depois, passado uns meses, comecei a fazer a revisão. E é muito mais difícil a revisão do que a tradução. São muito mais páginas, muitos mais estilos diferentes de linguagens e ritmos que as pessoas usam. E tornar aquilo tudo uniforme é um bocado complicado, não pensei que ia ser tão complicado.

Na tradução depende. No início é mais complicado, mas depois habituamo-nos e já temos expressões que já temos quase como bengala e já sabemos o que quer dizer, por exemplo, quando é muito usado na linguagem teatral. Fica assim mais rápido em algumas coisas, mas não em tudo. Como trabalhamos com teatro com tema científico, às vezes temos de pesquisar para não induzir ninguém em erro. Temos de ter essa atenção a estes aspetos.

Eu usava muito o Linguee, mas também o Google Tradutor, principalmente para encontrar o contexto. Se não soubesse o que era uma palavra em específico, usava o Google Tradutor para ver as opções que aquilo dava e depois em função disso procurava noutras fontes mais credíveis.

P 2. De onde surgiu a ideia de traduzir os textos para o *Ler Teatro com Ciência*?

R. A ideia de traduzir os textos surgiu do nosso diretor artístico, Mário Montenegro, ele e as pessoas que na altura trabalhavam na Marionet decidiram que podia ser uma boa forma de ligar o público à Marionet, de ter assim uma interação maior entre o público da Marionet que vai aos espetáculos e o público que não nos conhece e que pode passar a conhecer. E nasceu por uma necessidade de traduzir os textos de teatro relacionados com temas científicos para português, que vimos que há muito pouco.

P 3. O que surgiu primeiro? O *Ler Teatro com Ciência* ou o *Projeto de Tradução Colaborativa*?

R. Ainda não trabalhava na Marionet na altura, mas reza a lenda que primeiro apareceu esta vontade de fazer leituras de teatro de tema científico, que é o que caracteriza a Marionet, e

⁵⁸ Transcrição revista e validada pelo entrevistado, Vicente Paredes.

depois é que reparámos que havia muito pouca oferta a nível de textos em português. Portanto, para te responder, acho que veio primeiro a vontade de *Ler Teatro com Ciência* e depois sim o *Projeto de Tradução Colaborativa*.

P 4. Como se captam os tradutores voluntários?

R. Neste momento temos algumas ferramentas a nível de comunicação que temos usado para fazer essa captação. Temos um acordo com a RUC, Rádio Universidade de Coimbra, que nos ajuda com essa captação, criando um spot publicitário a dizer que a Marionet está à procura de tradutores. Usamos muito o apelo nas redes sociais e usamos também uma *mailing list* de antigos tradutores que podem só ter traduzido uma vez ou serem tradutores frequentes a quem mandamos uma *newsletter* sempre que há uma nova peça para traduzir. E, às vezes, o “diz que disse” e o “tenho um amigo que gostava de traduzir” também acontece, juntarem-se a nós por essa forma.

P 5. O que pensas que os motiva?

R. Acho que uma motivação forte para a tradução (falo também um bocadinho pela minha própria experiência) é sentir que se contribui para algo que é criado em conjunto, que é criado por todos. Porque, dado que não existe uma tradução por alguém ou por um grupo de pessoas de alguma editora, é uma coisa feita a muitas mãos e tem sempre um bocadinho de cada um de nós. Acho que, além disso, poderia ser [motivador] também ajudar a Marionet com este projeto fantástico que é o próprio *Projeto de Tradução Colaborativa*, mas também o *Ler Teatro com Ciência* e essa vontade de querer fazer algo juntamente com a Marionet poderá também ser um motivo de manter os tradutores ativos.

P 6. Qual a maior dificuldade ao traduzires?

R. Nomes científicos são difíceis de encontrar, não é todas as vezes que acontece. Por exemplo, na última obra que traduzimos, o *Boom*, aconteceu termos um nome científico de um peixe que nem sequer existe em português europeu, mas que existe na tradução para português do Brasil (“jaqueta bonita”). Pelos vistos, é um peixe que nem existe na nossa costa, e por não existir, foi necessário dar-lhe um nome. Entrei em contacto com pessoas que trabalham na área da biologia e disseram-me que seria o mais próximo.

P 7. Tens ideia de como os voluntários costumam conduzir o seu processo de tradução? Que recursos *online* ou em papel utilizam? Usam tradutores automáticos?

R. Sim, algumas pessoas são muito rápidas a traduzir, assim que recebem o texto começam logo a traduzir e já é muito automático. São pessoas que leem muito e escrevem em inglês, que trabalham com conteúdos em inglês e que têm mais rapidez e facilidade em fazê-lo.

Os recursos que utilizam provavelmente são as mesmas que eu, será usar o Google Tradutor e tentar aprofundar a pesquisa quando restam dúvidas.

P 8. Sabes se os voluntários comunicam entre si? Há algum fórum para eles comunicarem? Costumam comunicar contigo quando têm dúvidas?

R. Existe um grupo no Facebook que foi criado com essa intenção: de pôr as pessoas a comunicar, a partilhar dúvidas, por exemplo, excertos de tradução para alguém os ajudar, mas as pessoas não utilizam muito. Não sei se é por não ser uma ferramenta de trabalho e ser mais uma ferramenta que serve para lazer também, ou se é uma questão de falta de praticidade. Todas as pessoas estão no grupo. Também foi falado em criar um grupo de WhatsApp, mas seria mais uma coisa, por isso optamos por não o fazer. Mas, por norma, quando há assim algumas dúvidas, eles escrevem-me um *e-mail* quando devolvem o texto ou escrevem diretamente no documento para mim. Ou seja, em vez de comunicarem entre eles, comunicam diretamente comigo.

Nem sempre me dizem as dúvidas, às vezes noto que na tradução houve uma dúvida que ficaram sem saber o que haviam de escolher, e não deixaram nota se tinham dúvidas ou não, que depois tenho de alterar. Quando recebo as traduções, já não as devolvo para eles corrigirem, já sou eu que as corrijo.

P 9. Como é que eles recebem *feedback*? Só na sessão de leitura de *Ler Teatro com Ciência*?

R. Eles não têm acesso ao documento todo, só à folha⁵⁹. E só no fim é que têm acesso a tudo. Também por uma questão de direitos de autor.

P 10. Quando participei no *Ler Teatro com Ciência* vi que estava presente, pelo menos, uma tradutora profissional. Os tradutores profissionais participam frequentemente?

R. Não. Costumam participar pessoas que trabalham com o inglês, mas não costumam

⁵⁹ Nota de Vicente Paredes: Aqui deveria estar a referir que só têm acesso ao excerto que lhes foi designado.

traduzir pessoas que o fazem profissionalmente. Até porque se não o fizerem em freelance, muitas vezes as pessoas contratadas que fazem tradução têm regime de exclusividade e não o podem fazer, independentemente de ser um trabalho voluntário, é sempre um risco acrescido quando fazem uma tradução fora da editora ou da empresa onde estiverem.

P 11. Que estratégias utilizas para te manteres organizado durante um projeto de revisão? Que ferramentas e recursos utilizas para além do Word? Quais são os aspetos-chave a que prestas atenção enquanto revisor e como os identificas?

R. Tenho uma folha no Excel em que faço a divisão dos excertos para não estar a misturar. Não mando o fim de uma cena e o início de outra, prefiro mandar excertos mais curtos do que partes mais confusas que não tenham tanto contexto. Coloco o nome dos voluntários no Excel, coloco as partes que as pessoas estão a traduzir, as datas em que envio e as datas que as pessoas devolvem. Estamos a tentar que o tempo seja mais do que duas semanas para traduzir, para também vir com um bocadinho mais de qualidade e as pessoas não se sentirem obrigadas e que “tem que ser, tem que ser” por terem pouco tempo. Quando recebo a tradução, tento dar logo uma vista de olhos, seja em pequenas correções ou pelo menos mudar a formatação do texto porque às vezes vem desformatado, acontece... Tento sempre fazer algumas alterações que sejam mínimas antes de copiar depois para um documento só e fazer uma revisão completa.

Em relação aos recursos, utilizo um papel e uma caneta para tomar notas, por exemplo, expressões repetidas, usar “aquário” em vez de “tanque”. Depois faço uso das ferramentas do Word, do *find*, para procurar todas as vezes que aquela palavra aparece para substituir para a que devia ser.

Nós até outubro, mais ou menos, do ano passado de 2022, regíamo-nos pelo antigo acordo ortográfico. A partir do lançamento do nosso novo *site*, no nosso aniversário, em outubro, decidimos utilizar em tudo o novo acordo ortográfico e mudamos assim a forma de *copywriting* em tudo, inclusive nas traduções. Mas é cada vez mais raro encontrar o antigo acordo ortográfico nas traduções.

Além das expressões repetidas, a formatação é muito importante, já que no fim não vamos estar a ler um texto com tipos de letra diferentes, tem de haver uma linha condutora. Por norma, tenho feito sempre no mesmo tipo de letra e com o mesmo tamanho, com a mesma formatação, mas nem sempre foi assim. Temos traduções anteriores que estão em Arial, outras em Times New Roman, mas estou a tentar uniformizar.

P 12. No processo de revisão, comparas o texto com o inglês ou apenas lês o português?

R. Por norma, já tinha lido o inglês anteriormente para também saber do que se trata e como dividir as partes para os tradutores. Depois, quando estou a fazer a revisão, como já sei do que se trata e o que é falado, às vezes vou dar só uma vista de olhos [ao original] para ter a certeza que está bem traduzido, mas normalmente não estou a comparar página a página.

P 13. Qual é, então, o maior desafio na revisão? Quais são os erros e/ou ambiguidades que mais encontras?

R. É o tempo. (*Riso*). Demora tanto tempo. Costumo demorar duas semanas, tendo em conta que trabalho também fora da revisão. [É] uma média de 60 páginas, entre 50 e 80 nos máximos dos máximos. Por dia, talvez [trabalhe] quatro horas por dia, devido à demora das correções e formatações. Sendo que a formatação tento fazer em simultâneo, mas no fim tenho de voltar a ver se está tudo formatado e sem nenhuma gralha. E acontece muitas vezes o texto ser impresso e haver uma gralha ou duas. Todos os textos temos disponível na nossa biblioteca em papel e imprimimos para dar às pessoas que vão ao *Ler Teatro com Ciência*. Caso haja um erro depois de ter sido já impresso, corrigimos posteriormente digitalmente.

Por norma, principalmente quando as pessoas estão a traduzir com menos tempo, há muitos gerúndios, muitas formas “brasileiradas”, que não estão erradas, mas tentamos sempre fazer em português de Portugal. Como temos esta coisa bonita de trabalhar com pessoas sem sequer as conhecermos, temos tido pessoas — por exemplo, nesta última vez — que nem sequer é de Coimbra. Estuda em Lisboa e soube do projeto pela internet, mandou *e-mail* a dizer que tinha interesse em participar na tradução e participou à distância. E eu não faço ideia se é portuguesa ou não, mas parece ser e ter uma linguagem europeia.

Não há erros que aparecem sempre, só a formatação é que tenho de corrigir quase sempre, mesmo que diga no *e-mail* para seguirem a formatação do original, por isso os erros dependem de texto para texto. Na última peça, por exemplo, decidimos traduzir um nome próprio. A personagem chama-se “Jules”, porque os pais gostavam muito do Júlio Verne e não tinha lógica chamar-lhe “Jules” se o chamamos em Portugal de Júlio⁶⁰. Isto foi porque tive uma conversa com essa tradutora que costuma traduzir connosco e perguntei se se deveria traduzir o nome, porque não me fazia sentido. E ela disse que faria sentido. Temos sempre contacto com pessoas mais experientes na língua inglesa que, felizmente, têm essa disponibilidade para nos ajudar. Também temos uma

⁶⁰ Nota de Vicente Paredes: Júlio Verne

professora de inglês e alemão que também dá uma mãozinha quando há, assim, dúvidas e também participa algumas vezes [na tradução] quando pode.

P 14. Fazes uma encomenda de tradução para eles por *e-mail*? Que especificações costumavas dar?

R. Sim, tento pedir para manterem a formatação do original. Por norma, tento também fazer uma apresentação das personagens, que normalmente já vem nos próprios livros: fala do sítio, do tempo que acontece, se a personagem é mais extrovertida ou introvertida, masculina ou feminina. Quando há palavras específicas, como essa do peixe, às vezes demoro a perceber qual a tradução, porque demoro algum tempo a receber resposta das pessoas, e depois só consigo fazer alteração na revisão porque já não vou a tempo de dizer antes. Mas quando há assim estas coisas e já sei como devem ser traduzidas, termos científicos ou outra coisa qualquer, tento incluir isso no corpo do *e-mail* e dizer “atenção! Esta palavra quer dizer isto, usem sempre igual”. Mas lá está, às vezes esqueço-me e depois dou por ela na revisão, [e penso] que teria sido boa ideia enviar aquela palavra no *e-mail*.

P 15. Nos dois livros traduzidos que já tive a oportunidade de ler, reparei que não existem notas do tradutor. Será que os tradutores voluntários não sabem que as podem fazer e seria esta uma boa informação para constatar no "manual"?

R. Sim. Normalmente fazemos o *Ler Teatro com Ciência* para pessoas que não fizeram parte da tradução, ou seja, não sabem do que é que se trata. Chegam e talvez o máximo que saibam é a sinopse. Pode haver algumas coisas que estejam em sigla no texto e faria todo o sentido para não terem de parar a leitura para verificar no telemóvel ou em casa — que depois acabam por se esquecer. Seria uma coisa boa. Eu tento incluir notas de rodapé quando vejo que há necessidade, se fossem os tradutores a fazerem isso era melhor ainda.

Houve um texto que falava de astronomia e há uma unidade astronómica que é, se não estou em erro, a distância entre a Terra e o Sol, uma medida de distância que os astrónomos usam e na tradução coloquei uma nota de rodapé a dizer esse significado da unidade astronómica para as pessoas saberem o que era aquilo.

P 16. O que esperas de um Guia de Boas Práticas? Que informações deve conter para orientar a tarefa dos tradutores? Que informações deve conter para facilitar a tua tarefa de revisor?

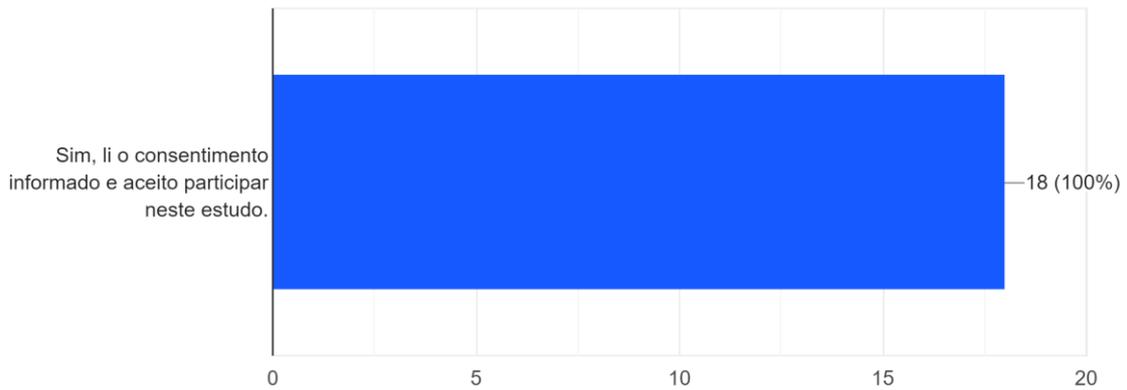
R. O ideal seria uma coisa muito simples, por tópicos, com exemplos do que seria a

tradução do que aquele ponto pede ou indica. Dizer o que se pretende e com o exemplo. E ser uma coisa, assim, muito sucinta e não muito extensa que as pessoas percam mais tempo a tentar compreender o manual do que a fazer a tradução. Que seja muito claro e que tente ao máximo cobrir todos os aspetos precisos das traduções. Pedir para não alterarem a formatação e uma indicação para a utilização do grupo do Facebook para comunicarem entre eles e não se esquecerem de que o grupo existe, onde a tradutora e professora de inglês também estão.

Anexo III: Resumo das respostas ao inquérito

Declaro que tomei conhecimento dos objetivos da presente investigação e aceito participar?

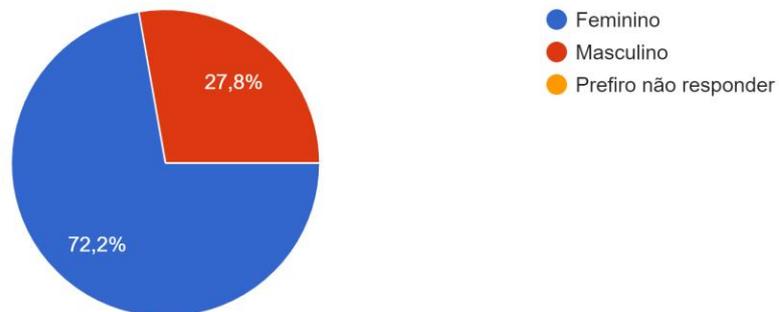
18 respostas



I.

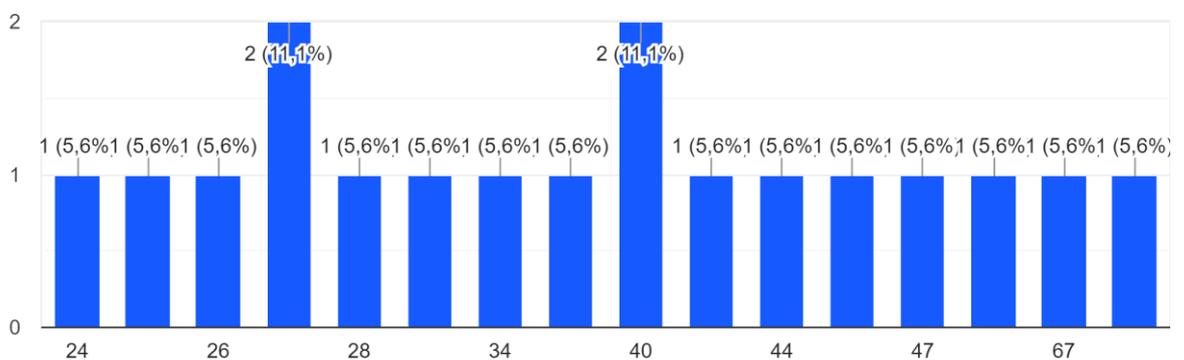
1. Identidade de género

18 respostas



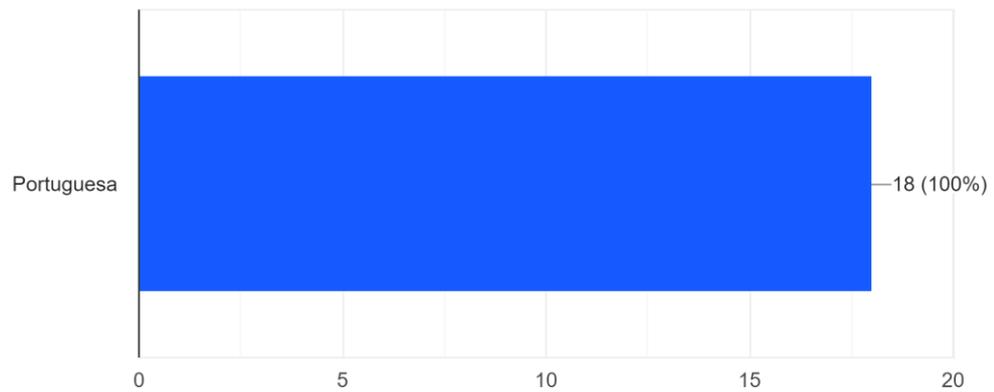
2. Idade

18 respostas



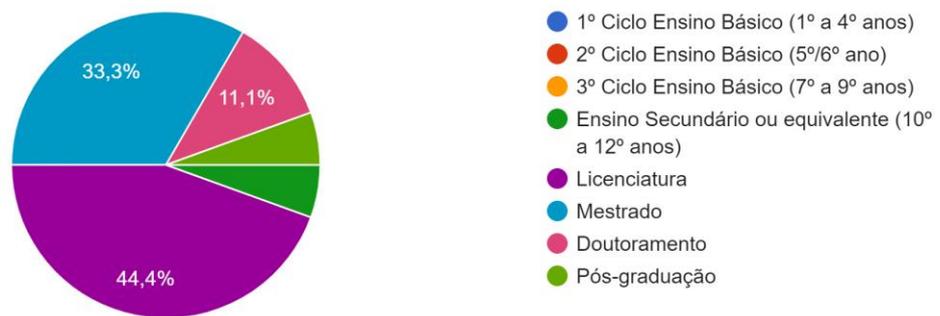
3. Nacionalidade

18 respostas



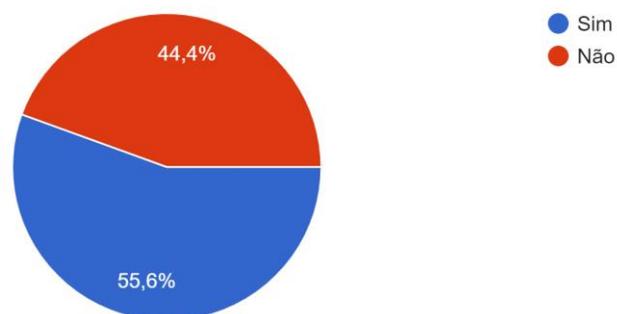
4. Escolaridade

18 respostas



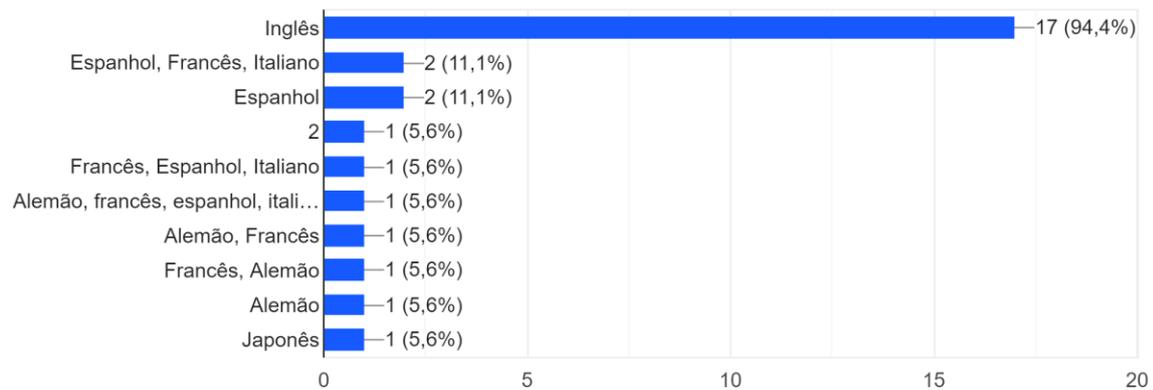
5. A sua formação abrange línguas e/ou tradução?

18 respostas

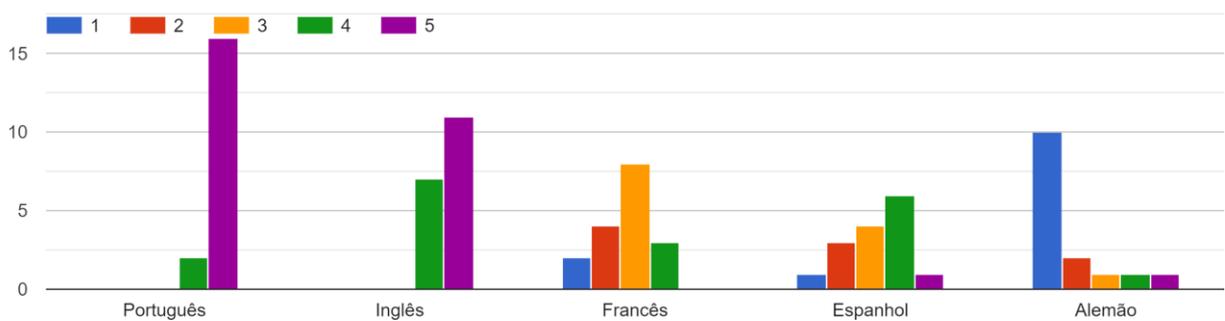


6. Para além do português, que línguas domina?

18 respostas



6.1. Qual o o seu nível de domínio dessas línguas?



7. Qual é a sua profissão atual?

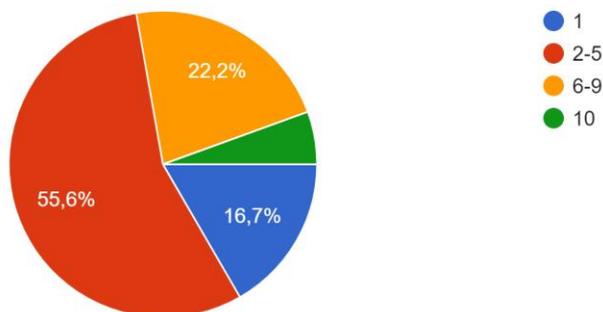
18 respostas

Produtora teatral
Produtor cultural
Engenheiro Civil
Professora de idiomas
Músico
Investigadora
Aposentada
Professora
Desempregada (estudante ensino superior)
freelancer Intérprete do Património (guia, formadora ... Cultura e Turismo)
Aposentada...
Produtora
Estudante
Administrativa
Hotelaria e Turismo
Revisora de texto
professor
Criador/Performer/Tradutor

II.

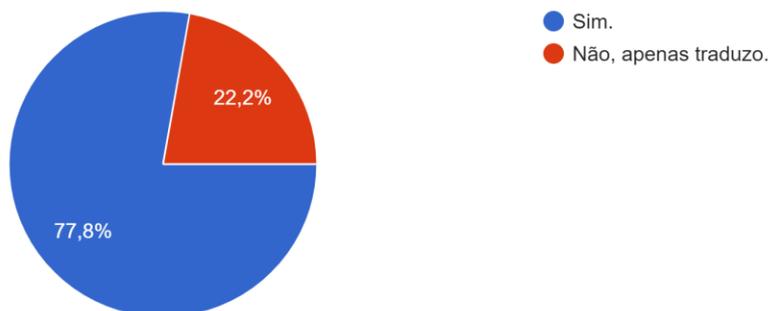
1. Quantas vezes participou neste Projeto de Tradução Colaborativa da Marionet?

18 respostas



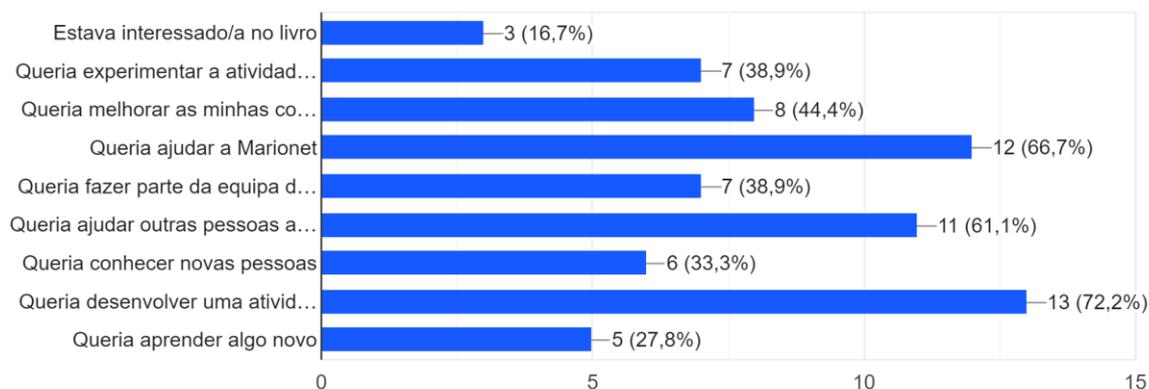
2. Participa também na sessão de leitura do Ler Teatro com Ciência?

18 respostas



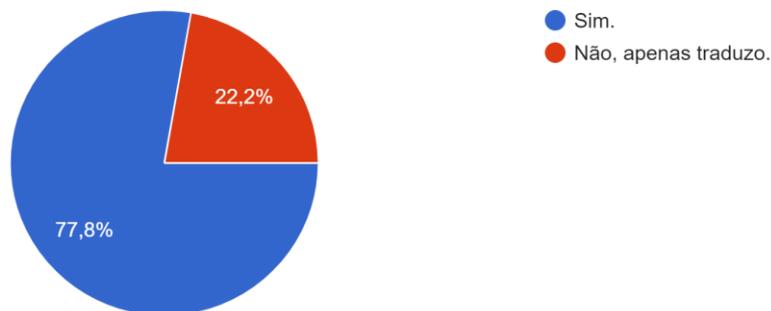
3. Porque decidiu participar no Projeto de Tradução Colaborativa da Marionet?

18 respostas



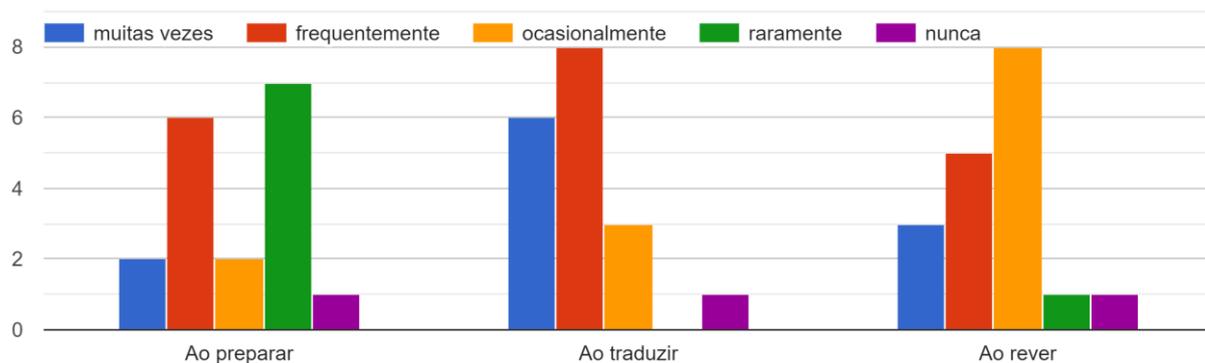
4. Compara a sua tradução com possíveis alterações no texto final que é lido nas sessões de Ler Teatro com Ciência?

18 respostas



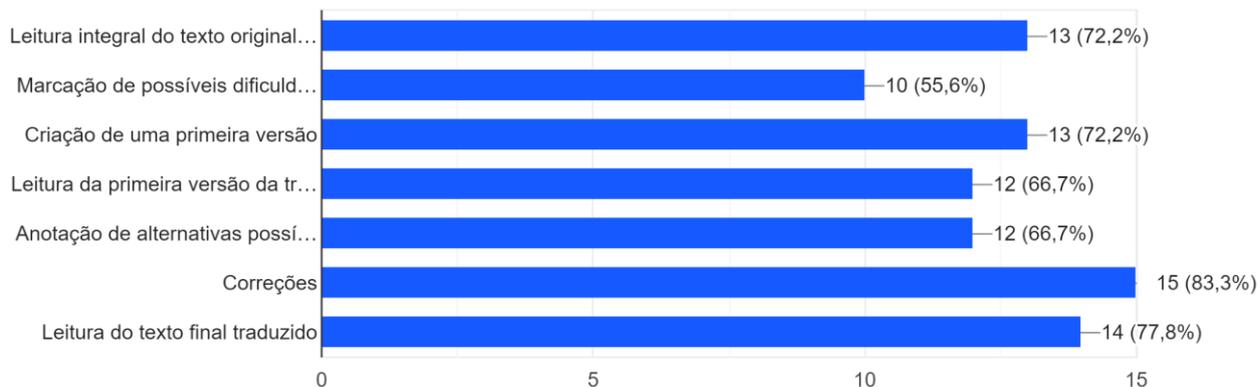
III.

1. Para esta questão, parta do princípio de que o processo de tradução consiste nas três fases seguintes: Preparar Traduzir Rever Por favor, indique em que fez pesquisa e com que frequência.



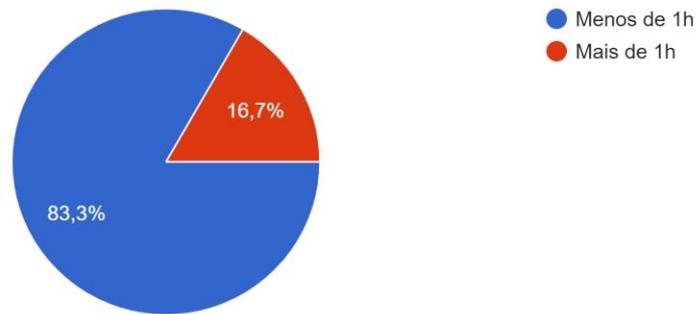
2. Destas alternativas, o que fez ao longo de todo o processo?

18 respostas



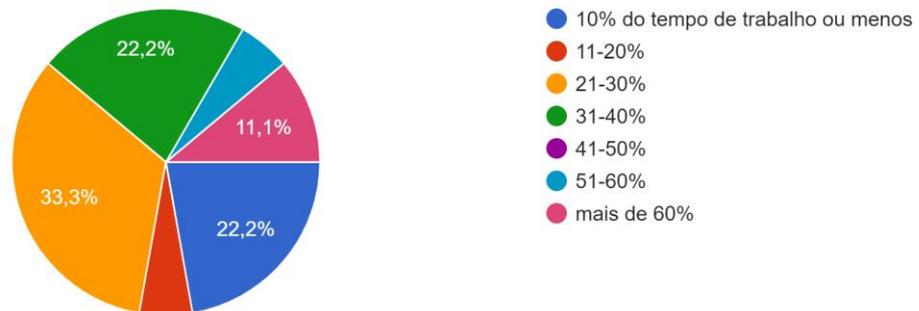
3. Quanto tempo demora a traduzir uma página aproximadamente?

18 respostas



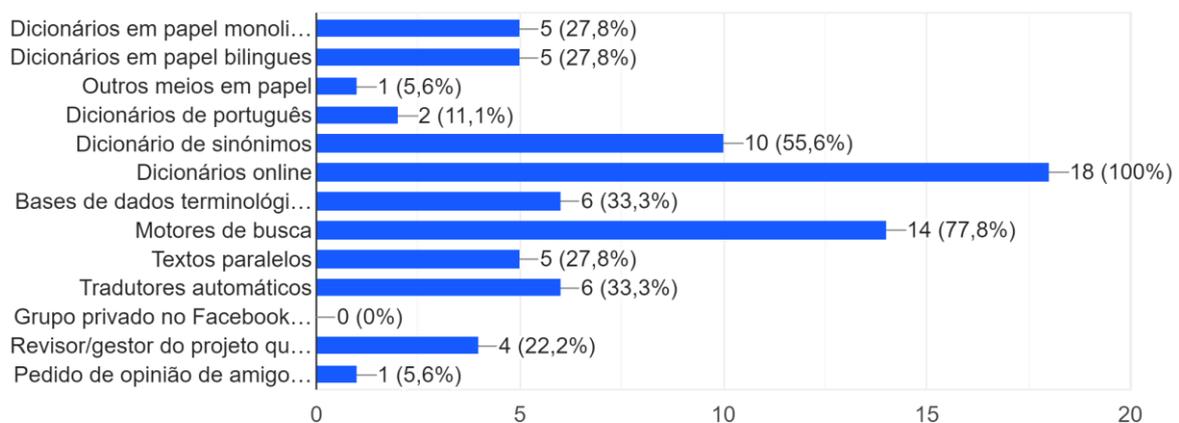
4. Quanto tempo investe na pesquisa para traduzir?

18 respostas



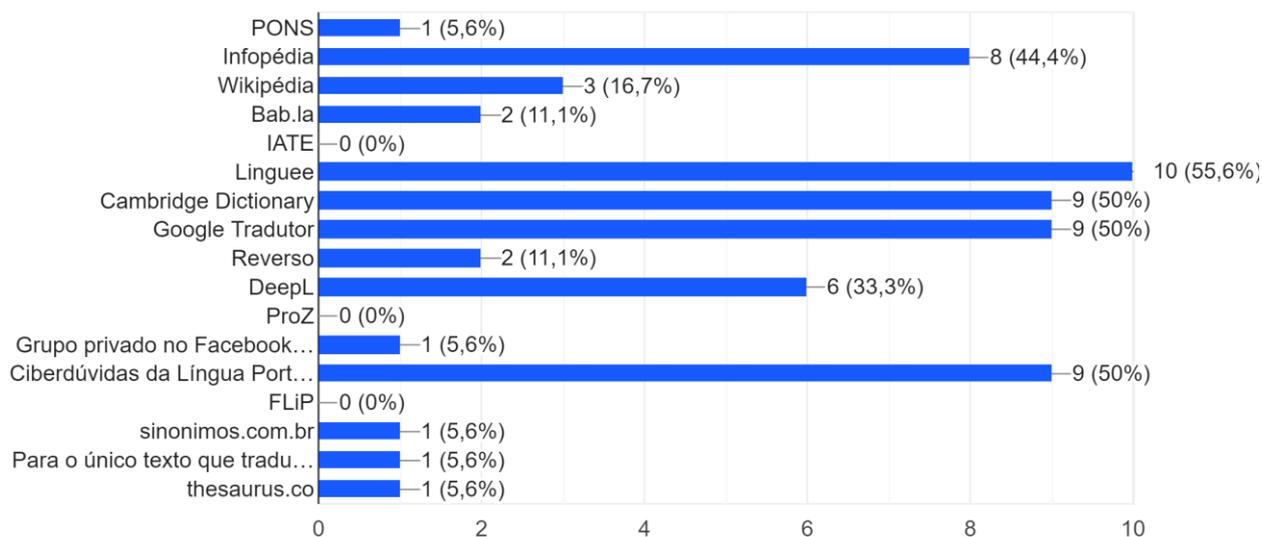
5. Em caso de dúvida, quais os recursos que utiliza?

18 respostas

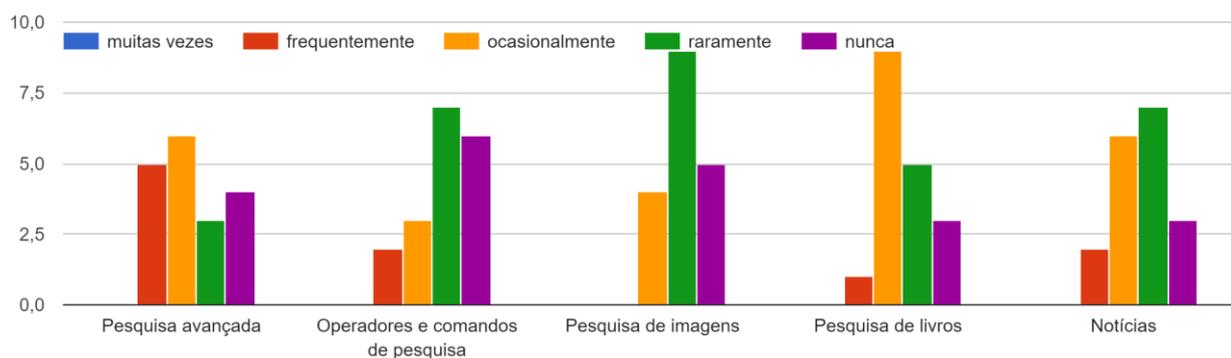


5.1 Que recurso(s) online utiliza para o processo de tradução?

18 respostas

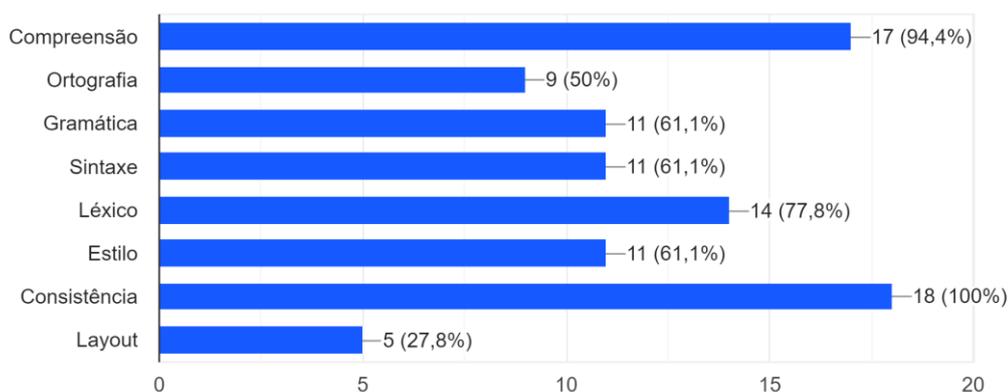


6. Quando utiliza um motor de busca durante o processo de tradução, com que frequência utiliza os seguintes serviços?



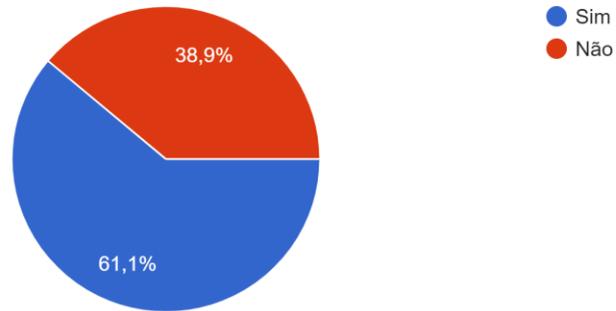
7. Quais são os aspetos-chave a que presta atenção ao traduzir/rever?

18 respostas



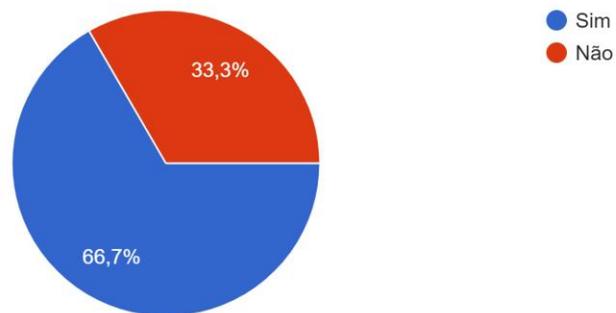
8. Costuma verificar em sites fiáveis se o título/nome/abreviatura/citação já está traduzido e/ou se está correto?

18 respostas



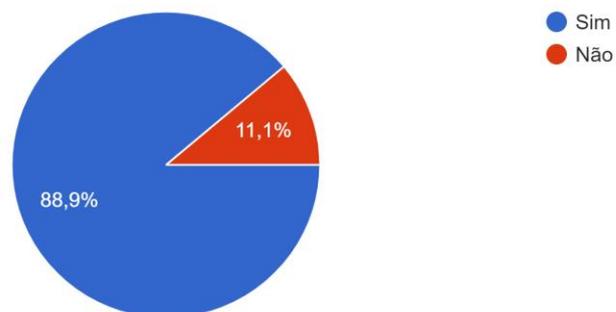
9. Sabe que pode inserir notas de tradutor?

18 respostas



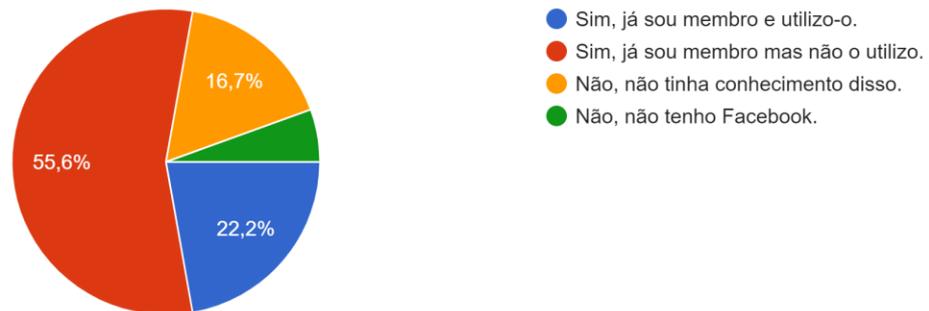
10. Utiliza um corretor ortográfico?

18 respostas



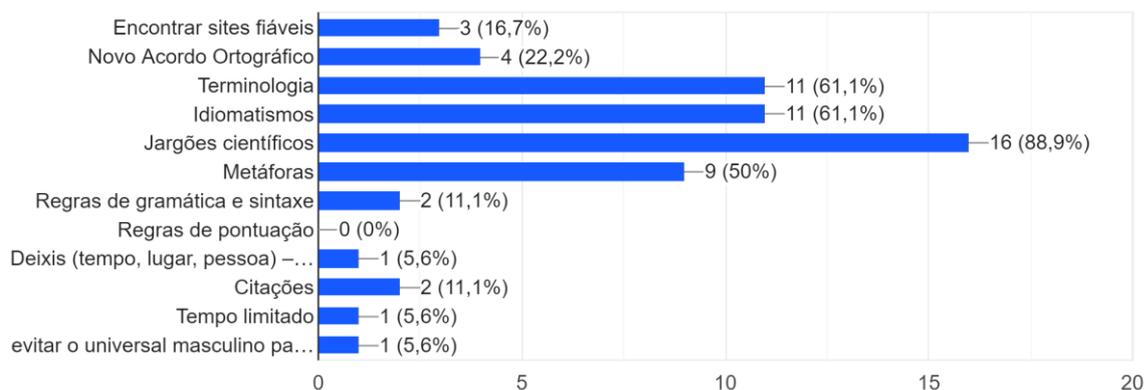
11. Tem conhecimento do grupo privado do Projeto de Tradução Colaborativa no Facebook?

18 respostas



12. Que problemas e/ou dificuldades encontra com maior frequência ao traduzir?

18 respostas



13. Que orientações seriam úteis para facilitar o seu trabalho?

7 respostas

- A tradução de alguns termos usados no teatro
- Ter acesso ao texto completo poderia evitar alguns erros, clarificar algumas das dúvidas durante a tradução.
- Informações sobre o estilo de fala do personagem. I.e formal/informal, idade, relação com entre personagens, etc.
- indicações precisas sobre linguagem inclusiva a aplicar por todas as pessoas tradutoras ao longo do texto que estamos a traduzir.
- Mais alguma informação adicional sobre o assunto a traduzir
- Contexto, vocabulário técnico
- A leitura colaborativa integral da obra.

Anexo IV: Proposta de Guia de Boas Práticas



Guia de Boas Práticas para o Projeto de Tradução Colaborativa

m a r i o n e t

INTRODUÇÃO

O presente Guia de Boas Práticas pretende auxiliar o trabalho dos tradutores voluntários do Projeto de Tradução Colaborativa da Marionet. Para tal, apresenta estratégias para favorecer a consistência, a coesão e a fluência dos textos traduzidos.

ACORDO ORTOGRÁFICO

- Utilizar o Acordo Ortográfico de 1990 para português europeu.

Letra: Times New Roman;
Tamanho: 12;
Alinhamento: justificado.

NÚMEROS

- Escrever os números de um a dez por extenso, e a partir do 11 utilizar algarismos. Exceção: Os números em início de frase escrevem-se por extenso.
- Colocar um espaço protegido [*Ctrl + Shift + barra de espaço*] em vez de um ponto na separação dos milhares das centenas, para números acima de 10 000. Ex.: *123,456* > **123 456** (Mas: *1,234 men* > **1234** homens)
- Utilizar uma vírgula como separador decimal e não omitir o “0” ao registar frações. Ex.: *.004* > **0,004**
- Inserir um ponto a seguir aos algarismos, nos números ordinais. Ex.: *13th floor* > **13.º andar**
- Colocar um espaço protegido na separação das unidades de medida do valor numérico e utilizar sempre algarismos. No caso da representação em percentagem, não colocar espaço. Ex.: *2 m, 1%*
 - Converter o sistema imperial para métrico. Arredondar a uma ou duas casas decimais no máximo, dependendo do contexto e da importância da medida, com a locução prepositiva “cerca de”. Ex.: *5 inches* > **12,7 centímetros** > **cerca de 13 centímetros**
 - Manter a distância em milhas e a velocidade em nós (embarcações/submarinos).
 - Manter a altitude de aeronaves em pés.
 - Manter polegadas em medidas de ecrãs ou de tubos de água.
- Converter sempre graus Fahrenheit para graus Celsius.
- Introduzir um ponto na abreviatura de número – **n.º**.

ESTRATÉGIAS

- Evitar a repetição do sujeito pronominal que é redundante e pouco idiomático. Ex.:

[...] <i>One... (He kisses her face.) ... two... (He kisses her stomach.) ...three. (He climbs in next to her. [...]</i>	[...] Um... (Ele beija-a na cara.)... Dois... (Ele beija-a no estômago.)... Três. (Ele deita-se ao lado dela. [...]
--	---

- Introduzir notas de tradutor para explicar e/ou contextualizar referências culturais. Ex.:
¹N/T: Trocadilho em inglês com a pronúncia equivalente [/paɪ/] de *pi* – pi e *pie* – tarte.
- Ter em conta o conhecimento do público-alvo – pode ser necessário acrescentar alguma informação, sempre de forma curta e discreta.
- Verificar se as citações/nomes/abreviaturas/títulos, etc., já se encontram traduzidos, em *sites* fiáveis. Ex.: <https://www.bertrand.pt/livro/apologia-de-um-matematico-g-h-hardy/195064>

<i>She picks up A Mathematician's Apology.</i>	<i>Ela pega no livro Apologia de Um Matemático.</i>
--	---

☛ Sugestões de consulta:

- Dicionários *online*. Ex.: <https://www.infopedia.pt/dicionarios>
- Bases terminológicas. Ex.: <https://iate.europa.eu/home>
- Tradução automática. Ex.: <https://www.deepl.com/pt-PT/translator>
 - 👉 Clicar numa palavra e escolher outras opções.
 - 👉 Introduzir unidades de texto maiores (páginas ou parágrafos em vez de frases para obter resultados melhores).
- Ciberdúvidas da Língua Portuguesa
- Wikipédia
 - 👉 Consultar termos, nomes de pessoas, lugares, instituições ou nomes científicos de plantas e animais e verificar se está disponível na versão em português (procurar termo em português europeu).

☛ Utilizar a pesquisa avançada no Google.

Ex. 1: Pesquisar termo ou frase específica entre aspas para verificar a quantidade de resultados. Em caso de hesitação entre dois termos ou expressões, pode também usar-se esta técnica para encontrar o termo com mais resultados.

Ex. 2: Restringir resultados por região para evitar o português do Brasil.

☛ A dúvida persiste?

Perguntar ao nosso grupo privado (facebook.com/groups/projectotraducaocolaborativa). Aqui poderá haver outros tradutores voluntários com a mesma questão!

+++++ REVISÃO +++++

- ☛ Passar um corretor automático. Ex.: Selecionar a opção Modos de português de Portugal: “Pós-Acordo” no Word.
- ☛ Certificar-se de que a formatação está de acordo com o original.
- ☛ Substituir o travessão En dash (–) pelo Em dash (—).
- ☛ Assegurar-se de que foram utilizadas aspas curvas (“ ”). Em situações em que ocorrem aspas dentro de aspas, recorrer às plicas (‘ ’).
- ☛ Certificar-se de que os estrangeirismos estão grafados em itálico.
- ☛ Certificar-se de que os nomes das personagens não estão traduzidos, salvo indicação em contrário de quem coordena a tradução.
- ☛ Certificar-se de que, nas indicações de fala, os nomes das personagens estão em maiúsculas, seguidos de um ponto final (.) em vez de dois pontos. Ex.: RUTH: Yes? > **RUTH**. Sim?
- ☛ Certificar-se de que as didascálias estão em itálico, os nomes das personagens apenas com a primeira letra em maiúscula e seguidos de ponto final. Ex.: (*RUTH laughs.*) > (*Ruth ri-se.*)
- ☛ Ler o texto traduzido em voz alta a fim de aferir a sua sonoridade e fluência.

GLOSSÁRIO

Inglês	Português
act	ato
apron stage; forestage	boca de cena
backlight	contraluz
backstage	bastidores
beat	tempo
blackout	<i>blackout</i>
border	bambolina
circle	balcão
cue	deixa
downlight	luz picada
downstage	frente do palco
downstage center	centro baixo
downstage left	esquerda baixa
downstage right	direita baixa
entr'acte	entremez
entrance	entrada em cena
exit	saída de cena
fade in	aumentar gradualmente
fade out	diminuir gradualmente
footlights	ribalta
front light	luz frontal
greasepaint	maquilhagem de ator
ham; overact	representar com exagero
leg	perna
off(stage)	fora do palco
orchestra pit	fosso de orquestra
pause	pausa
prop	adereço
proscenium arch	arco do proscénio
role; part	papel; personagem
scene	cena
scenery	cenário
side light	luz lateral
soliloquy	solilóquio
stage center	centro (do palco)
stage left	esquerda média
stage right	direita média
stage whisper; aside	aparte
to act [with]	contracenar [com]
to go offstage	sair de cena
to go on stage	entrar em cena
uplight	contra-picado
upstage	fundo do palco
upstage center	centro alto
upstage left	esquerda alta
upstage right	direita alta
voice-over	<i>voice-over</i>
wings	laterais do palco